



Universidade do Minho  
Instituto de Ciências Sociais

Marcelo Cristiano Martins Lima

**Ravers, Trancers e Clubbers: Valores e Comportamentos**





Universidade do Minho  
Instituto de Ciências Sociais

Marcelo Cristiano Martins Lima

**Ravers, Trancers e Clubbers: Valores e  
Comportamentos**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura

Trabalho efetuado sob a orientação da  
**Professora Doutora Rita Maria Gonçalves Ribeiro**

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS  
PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO  
INTERESSADO, QUE A TAL SECOMPROMETE:

Universidade do Minho, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **Agradecimentos**

A todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para o bom termo deste trabalho, desde já o meu mais sincero agradecimento.

Pessoalmente, valorizo todos aqueles que de alguma maneira, consciente ou inconscientemente, me ajudaram a ultrapassar esta fase mais trabalhosa do meu percurso de estudante universitário.

Pessoa muito prestável e sempre pronta a ajudar e retirar todas as dúvidas possíveis e imaginárias, Professora Doutora Rita Maria Gonçalves Ribeiro que tendo em conta todo o tempo que eu tinha ocupado com trabalho e projetos extra curriculares me conseguiu impor prazos e limites para que a investigação levasse um melhor rumo.

Aos meus pais por terem feito dos dias mais difíceis os mais fáceis, por terem suportado grande maioria dos custos da minha formação académica e por fazerem de mim o homem que hoje sou. Aos meus amigos por se mostrarem sempre interessados pelo andamento da investigação, aumentando assim a minha vontade de continuar a dar o meu melhor por um bom trabalho.

Em especial um grande agradecimento a quatro pessoas, à D. Luísa Tomatas que permitiu que desse seguimento à investigação ao mesmo tempo que exercia as minhas funções durante o período laboral e que nunca deixou que o “trabalho” fosse um obstáculo para um bom fim desta dissertação, à Barbara Magalhães, pelo interesse demonstrado no decorrer da investigação e pela enorme prestabilidade na hora de encontrar entrevistados que preenchessem os requisitos necessários para o bom final desta fase, ao Dj Fred Minas por partilhar comigo grande parte das suas experiências no ambiente noturno e à Joana Silva pela enorme ajuda prestada na parte final desta etapa.

Não posso deixar de agradecer também a todos os 20 entrevistados pelo seu tempo despendido e pela sua amabilidade na hora das entrevistas.

Um muito obrigado a todas estas pessoas e às demais que estiveram presentes durante os últimos anos da minha formação universitária.



## Resumo

Valendo-me principalmente das técnicas de observação-participação e entrevista semi-estruturada, faço um estudo sobre o ambiente noturno, partindo das primeiras festas marcadas pelos movimentos de contracultura nos anos 1960, até às festas de música alternativa que inundam cidades de todo o mundo na atualidade. Será estudado o festival mais importante a nível mundial, Woodstock Music and Arts Fair, e o festival mais importante a nível nacional, Festival de Vilar de Mouros, como fundo de comparação para as alterações que têm vindo a acontecer no ambiente noturno. Procuo dar especial atenção à alteração dos comportamentos, atitudes e valores dos indivíduos frequentadores desse tipo de eventos e, para isso, será feita uma diferenciação entre grupos. Por um lado teremos os ravers, que mais do que nunca estarão cingidos ao grupo dos trancers, e por outro lado teremos os clubbers, os frequentadores mais assíduos da atual música alternativa em clubs, maioritariamente citadinos. A separação e diferenciação dos grupos será feita tendo em conta diversas teorias sociológicas, designadamente a partir dos contributos de Anthony Giddens sobre os estilos de vida e a identidade pessoal.

**Palavras-chave:** Ravers, Trancers, Clubbers, Comportamentos, Atitudes, Valores, Contracultura, Festivais.



## **Abstract**

Using mainly participant observational techniques and semi-structured interviews, I present a study about the nightlife, starting from the first parties where the sense of counterculture in the '60s hung to the alternative music festivals that deluge cities throughout the world today. Will be studied the most important festival in the world, Woodstock Music and Arts Fair, and the most important national festival, Festival de Vilar de Mouros, as method of comparison for the changes that have been happening in the nocturnal atmosphere. I will focus in the change of behaviours, attitudes and values of individuals that frequently go to such events, being necessary to make a group distinction. On one hand we will have ravers, that more than ever are linked to the trancers group and secondly we will have the Clubbers, the most assiduous frequenters of the current alternative music in clubs, mostly city dwellers. The separation and differentiation of the groups will be made by taking into account different sociological theories.

**Keywords:** Ravers, Trancers, Clubbers, Behaviours, Attitudes, Values, Counterculture, Festivals.



## Índice

I- Introdução .....	1
II- Enquadramento teórico .....	4
1- Valores e contracultura.....	4
1.1- O auge da contracultura: os hippies.....	6
1.2- Da América para o mundo .....	10
1.3- Os anos 60 terminaram .....	11
2- Música e estilos .....	13
2.1- A diferenciação dos estilos.....	14
2.2- Uma infinidade de escolhas.....	15
2.2.2- O psicadelismo .....	16
2.2.3- A possibilidade de escolha: o punk, o disco e o trance.....	17
2.2.4- O techno .....	19
2.2.5- O drum and bass .....	20
2.2.6- O minimal .....	21
2.2.7- O pop.....	21
3- Festivais como marcos da história .....	23
3.1- Woodstock.....	27
3.1.1- O pânico de Wallkill.....	27
3.1.2- Bethel e o campo perfeito.....	28
3.1.3- Woodstock aconteceu!.....	29
3.1.4- As consequências do festival .....	30
3.1.5- O “fracasso” da nova tentativa.....	31
3.2- Vilar de Mouros .....	31
3.2.1- Um verdadeiro festival.....	32
3.2.2- O “internacional” chegava a Vilar de Mouros.....	33
3.2.3- A reação (in)esperada .....	34
3.2.4- Vilar de Mouros com liberdade de expressão .....	35
3.2.5- A “falsa” réplica .....	37
4- Tribos urbanas.....	39
5- As raves e a emergência de uma nova tendência: o clubbing.....	40

5.1-As “novas” raves: as festas de trance .....	41
5.2-O misticismo da rave.....	43
5.3- A cultura “raver” .....	44
5.4- O início do fim da era “raver” .....	46
5.5-O Clubbing .....	47
6-Trancers e clubbers na atualidade .....	47
6.1- A possibilidade de uma escolha .....	48
6.2- Os fiéis seguidores da rave: os trancers .....	49
6.3- Uma diferenciação de grupos .....	51
6.3.1- Ambientes de risco, estilos de vida e sectores de estilos de vida .....	52
6.3.2 -O indivíduo em função do grupo ou o grupo em função do indivíduo? .....	54
7-Consumo de estupefacientes em ambiente noturno .....	56
7.1- A iniciação no consumo .....	57
7.2- A identidade dos consumidores.....	58
7.3- Uma escolha nos consumos .....	61
7.3.1- O LSD .....	62
7.3.2- O MDMA .....	65
7.4- A alteração dos consumos.....	68
III- Apresentação do estudo .....	70
8-Problemática da investigação .....	70
9- Caraterização da amostra.....	71
10- Metodologia da investigação .....	72
IV - Ravers, trancers e clubbers: análise e interpretação dos resultados .....	77
11- Frequência de Festas em Ambiente Noturno .....	78
11.1- Primeiros contactos com o ambiente noturno .....	78
11.2- A frequência das festas .....	79
11.3- As motivações .....	80
12- O ambiente festivo .....	82
12.1- Emoções e hábitos.....	82
12.2- As preocupações com a imagem .....	84
12.3- Diferenciação de classe social .....	86
12.4- Diferenciação sexual .....	87
12.5- A rotulação social .....	89

13-O grupo de pares.....	91
13.1-Diferenciação de pares .....	91
13.2-Relação entre pares e consumos de estupefacientes.....	93
14-As vivências do indivíduo.....	94
14.1-A influência da participação nas festas nas vivências diárias.....	94
14.2- Responsabilidade face a compromissos diários.....	96
15-Os consumos do indivíduo .....	97
15.1-A iniciação .....	97
15.2-Tipos de consumos.....	98
15.3-O efeito desejado .....	100
15.4-A necessidade de consumir .....	100
16-Ravers e clubbers.....	102
16.1- Opinião acerca da diferenciação dos grupos .....	102
16.2- A identificação grupal do indivíduo .....	102
17-A música nas festas .....	104
17.1- As escolhas do indivíduo .....	104
17.2- Diferenciação e opinião em relação às discotecas .....	105
V-Conclusão.....	108
Bibliografia.....	112
Anexos.....	120
Anexo 1: Guião da Entrevista .....	121
Anexo 2: Grelha de Análise das Entrevistas.....	125



# **I- Introdução**

Neste trabalho, realizado no âmbito da Dissertação do Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura, foi desenvolvido um estudo acerca das alterações das atitudes, comportamentos e valores dos indivíduos frequentadores do ambiente noturno. Tendo como ponto de partida o festival de Woodstock de 1969 e como ponto final o presente, serão abordadas as mais importantes características e alterações a nível de escolhas dos indivíduos, de grupos de pertença e de oferta de espetáculos por parte dos organizadores de eventos. O estudo abordará fenómenos a nível mundial, mas serão os acontecimentos nacionais que concentrarão maior atenção por parte do investigador.

Woodstock será certamente o nome mais sonante quando forem feitas referências a festivais de música a nível mundial. O evento exemplificou a cultura hippie e a contracultura do final da década de 60 e início dos 70 do século XX, ao som de alguns dos músicos com maior relevância a nível mundial. Os valores e as atitudes dos participantes desse festival, em 1969, serão obrigatoriamente diferentes, por força do “tempo” e das circunstâncias da guerra fria (que estava no seu auge), dos valores e das atitudes de quem participa, na atualidade, nos festivais de pop/rock, nas festas de Trance ou nas festas de Techno, Minimal ou Electro. Apesar das diferenças, essas mesmas atitudes e comportamentos serão sempre influenciados pelos acontecimentos passados. “Os movimentos juvenis de 1960 desempenharam um papel determinante na transformação das relações sociais do mundo ocidental. Transformações de que todos nós, atualmente, somos herdeiros.” (Hatch et al., 1987:1)

É nas festas de Trance que, no presente, podemos encontrar mais semelhanças comportamentais, de vestuário e de mentalidades em relação ao Woodstock Music and Arts Fair: é a este tipo de festas, maioritariamente ao ar livre, longe dos grandes centros urbanos, que quem ainda se identifica com a cultura, ou contracultura, dos anos 60 se dirige.

É certo que não tivemos em Portugal nenhum festival com a magnitude do Woodstock, mas houve um festival frequentemente denominado como o Woodstock português - o festival de Vilar de Mouros. A 8 de Agosto de 1971 teve lugar, em território português, um festival com um formato até então impensável para os tempos que corriam. Mais de 30.000 pessoas assistiram a um espetáculo total. Vilar de Mouros, a aldeia minhota tornou-se um grande acampamento, e virou “moda” na cultura e no

turismo. Os apoiantes dos movimentos de contracultura ganharam um “espaço” onde se reunir, onde as regras pré-estabelecidas pela sociedade perdiam força e a liberdade de expressão se tornava no apogeu do momento. Como é de esperar, os contornos do festival de Bethel foram exponencialmente maiores do que os de Vilar de Mouros, mas se reduzirmos a escala e os cachês para os artistas, o primeiro festival a nível nacional foi seguramente muito mais controverso do que seria de esperar.

Se nos festivais da década de 60 e 70 os estupefacientes mais consumidos eram a cannabis e o LSD, com o passar dos anos e com o surgir de novos estilos e culturas os consumos foram sofrendo alterações. Para os indivíduos frequentadores, os festivais e as raves serviam de “espaços” e “tempos” para consumos abusivos - a cannabis como um símbolo de contracultura e o LSD como meio para atingir o espiritualismo impossível de alcançar sem o seu consumo. O consumo de estupefacientes começava a tornar-se um grande problema e um facto social.

Na atualidade, é também nas festas em ambiente noturno que os indivíduos acentuam o consumo de estupefacientes. A grande diferença será, presume o investigador, que esses consumos não estejam relacionados com os ideais políticos ou éticos de cada um, mas sobretudo com efeitos de ordem recreativa e social.

O consumo de estupefacientes esteve sempre presente em todo o tipo de festas, do Rock dos anos 60 ao Techno dos anos 2000, mas esse mesmo consumo viu-se alterado nas décadas seguintes. Se na década de 60 e 70 as drogas mais consumidas passavam pela cannabis e pelo LSD, atualmente são a cocaína e o MDMA as drogas prediletas de quem frequenta o ambiente noturno. Notícias de que o LSD a longo prazo pode provocar esquizofrenia e histórias de indivíduos que perderam parte da sua capacidade intelectual devido ao consumo exagerado dessa droga também fizeram com que os indivíduos participantes das festas alterassem os seus consumos.

A alteração dos consumos, das frequências, das atitudes, dos valores e dos comportamentos dos indivíduos frequentadores de festas em ambiente noturno e a enorme variedade de escolhas musicais, que foram sendo criadas desde meados da década de 60 até à atualidade, faz com que seja fulcral criar uma distinção entre grupos. Para a investigação que aqui se apresenta serão considerados dois grupos, os ravers e os clubbers. A diferenciação entre os dois grupos de estudo será baseada em várias teorias sociológicas. Desde as “tribos urbanas” de Maffesoli, à teoria dos “estilos de vida” de Giddens ou à teoria do “risco cultivado” do mesmo autor, as diferenças entre ravers e clubbers serão bem demarcadas. Hoje em dia assistimos a uma transformação num dos

grupos. Tendo em conta que as festas que tornaram famosa a cultura “rave” foram desaparecendo e apenas as festas de Trance conseguem atrair o público amante dessas festas, a designação para esses indivíduos viu-se alterada. Os que outrora estariam incluídos no grupo dos ravers, hoje em dia veem-se associados ao rótulo de trancers, pois é este o único tipo de festas que ainda tenta recriar os ambientes e os ideais das primeiras raves.

Esta investigação tem como objetivo principal estudar as alterações ocorridas no ambiente noturno, desde as festas onde reinava a contracultura e o seu desaparecimento durante a década de 90, ao auge das festas de música alternativa nos anos 2000. Os consumos, as escolhas, as atitudes, os valores e os comportamentos serão as dimensões abordadas para analisar a distinção entre dois grupos e diferentes tempos.

A análise dos movimentos que alteraram o ambiente noturno é certamente uma tarefa difícil na medida em que envolve, ainda hoje, alguns assuntos “tabu”. A escolha deste tema não foi, de todo, um acaso. O autor já desenvolveu investigações que envolviam o consumo de estupefacientes e o ambiente noturno, admitindo-se também um confesso amante dos estilos de música abordados durante a investigação e do ambiente em estudo.

No que diz respeito à metodologia utilizada, a investigação tem por base a pesquisa documental (pesquisa bibliográfica e de documentos na internet) para criar um “corpo” sólido para a investigação, acompanhada de investigação empírica baseada numa abordagem qualitativa.

## **II- Enquadramento teórico**

A construção de uma análise multidimensional exige que o investigador trabalhe mais do que um tema para que os objetivos finais sejam alcançados e as suas fundamentações sejam o mais pertinentes possível. Os temas a abordar estão diretamente relacionados com o ambiente noturno, desde a década de 60 até à atualidade, tornando assim o seu estudo incontornável.

Temas como a contracultura, os festivais, ou o consumo de estupefacientes, que parecem ser dispensáveis numa primeira aproximação, tornam-se definitivamente necessários se pretendermos fazer uma caracterização aprofundada dos valores e dos comportamentos dos dois grupos em estudo. O mesmo acontecerá em relação às teorias sociológicas utilizadas. Será necessário uma abordagem mais aprofundada para fazer uma separação entre ravers e clubbers, no que diz respeito às atitudes de cada indivíduo quanto à maneira como expressam as noites de lazer, à importância dada a essas mesmas noites e à relevância que as frequências noturnas dos indivíduos têm durante as suas vivências diurnas.

### **1- Valores e contracultura**

Os movimentos juvenis de 1960 foram, sem dúvida, determinantes na transformação das relações sociais do mundo ocidental. Transformações que quer queiramos ou não foram importantes ao ponto de transformar muitas das vivências do nosso dia-a-dia.

Primeiro e antes de tudo terá que ser esclarecida a posição tomada perante este fenómeno; no decorrer da investigação a contracultura será encarada como um movimento sociológico. Movimento com uma “mundividência” e uma direção para a sociedade, que envolve valores e ideais, e que acabou por se tornar um fenómeno de revolução social. A palavra “contracultura” surge como designação do “movimento” porque este mesmo processo iria contra a cultura e os ideais vigentes na década em questão. O que contrariava a da realidade social estabelecida seria tomado como algo “anti”, daí o termo “contracultura”.

A contracultura foi um grande movimento que floresceu na década de 1960. Marcou o mundo, introduziu-se na história e influenciou gerações. Numa altura em que os jovens serviam ao sistema como consumidores, mas se viam privados de liberdade de expressão política e estética, a revolução tecnológica veio aprofundar o distanciamento cultural entre jovens e adultos, o que acabaria por desencadear outras expectativas e exigências. Uma juventude que culpava a sociedade adulta pelos males do mundo, pelas guerras, crises, ditaduras e injustiças sociais, que se preparava para protagonizar a última grande utopia do século XX. A máquina do “sistema” teve necessidade de distinguir, a nível de gostos e interesses, os jovens dos pais. Se anteriormente os jovens teriam que se comportar como os pais para serem bem vistos na sociedade, nas décadas de 50 e 60 aparece a cultura pop e jovens desenvolvendo toda uma panóplia de alterações a nível de moda, música, penteados, linguagem, etc. A idade tornava-se passaporte para um mundo paralelo, uma nova cultura.

“Como um universo tecnológico, a sociedade industrial desenvolvida é um universo político, a fase mais atual da realização de um projeto histórico – a saber, a experiência, a transformação e a organização da natureza como o mero material de dominação” (Marcuse, 1973: 19). Herbert Marcuse defende que os centros de poder é que “dominavam” a vida dos indivíduos, determinando a sua organização e as suas escolhas. Os indivíduos atuavam conforme a vontade dos interesses dominantes. Aqui surge a importância dos movimentos contraculturais. Algumas camadas da classe juvenil opõem-se aos interesses dominantes da sociedade capitalista criticando o tecnicismo e o racionalismo da sociedade, dando maior relevância à criatividade dos indivíduos rejeitada pela tecnocracia, sobretudo pela sua principal vertente, a ciência. “(...) com sua incessante insistência na especialização e na proficiência, a ciência e a tecnologia estavam destinadas a completar o ciclo e se transformar num sacerdócio tão fechado quanto qualquer outro da história.” (Roszak, 1972 cit. Alves, 2011:25)

Nasce na juventude o desejo de mudar o mundo, não como mero capricho de uma juventude rebelde, mas como algo de transcendente até à época. Os jovens de então partiram para a ação e lutaram de forma pacífica pelos seus objetivos. Não conseguiram modificar a realidade. Porém, transformaram mentalidades. Hobsbawn (2002) diz-nos que foi uma época em que os jovens organizados em movimentos ganharam o estatuto de agente social independente. (apud Alves, 2011)

O movimento tem o seu auge na década de 60, com um novo estilo de mobilização e contestação sociais e, com ele, novos meios de comunicação em massa.

Jovens inovando estilos, voltando-se mais para o “anti-social” aos olhos das famílias mais conservadoras, com um espírito, de certo modo, libertário. Como uma cultura alternativa ou cultura marginal o fenómeno foi crescendo, focado principalmente nas transformações da consciência, dos valores e do comportamento, na busca de outros espaços e novos canais de expressão para o indivíduo e pequenas realidades do quotidiano.

Já nos anos 50 teria aparecido nos Estados Unidos da América um dos primeiros movimentos de contracultura: a Beat Generation<sup>1</sup>.

## **1.1- O auge da contracultura: os hippies**

Foi na década de 60 que o mundo conheceu o principal e mais influente movimento de contracultura existente, o movimento Hippie. O termo derivou da palavra em inglês hipster, que designava as pessoas nos EUA que se envolviam com a cultura negra. A 6 de setembro de 1965, o termo hippie foi utilizado pela primeira vez, num jornal de São Francisco, um artigo do jornalista Michael Smith. A eclosão do movimento deu-se em consequência do surgimento dos beatniks que, primeiramente, assumiram os comportamentos copiados pelos hippies. Indivíduos que se opunham radicalmente aos valores culturais considerados importantes na sociedade americana do pós-guerra: o trabalho, o patriotismo e nacionalismo, a ascensão social e até mesmo a “estética padrão”. Os Estados Unidos começavam a vivenciar um momento de transformações provenientes das novas mentalidades. A descrença no modelo económico e político era cada vez maior, questionavam-se os benefícios da sociedade industrial. Uma parcela da população não pagava os impostos pois não concordava com os fins associados ao dinheiro daí proveniente, os jovens começaram a resistir à prestação do serviço militar.

O principal marco da cultura hippie foi o “Woodstock Music and Art fair”, festival de música e arte que teve lugar em Bethel em 1969 e que será um dos assuntos a aprofundar mais à frente no decorrer da dissertação.

Os hippies formavam um mundo à parte, colorido à sua maneira. Diferenciavam-se dos outros pela aparência: cabelos compridos e roupas exóticas tornavam-se imagem

---

<sup>1</sup> Os Beatniks eram jovens intelectuais que contestavam o consumismo e o otimismo do pós-guerra americano, o anticomunismo generalizado e a falta de pensamento crítico. Dentre os Beatniks podem-se destacar Jack Kerouac, Allen Ginsberg e William Burroughs.

de marca do estilo. Os seus protestos eram pacíficos, as manifestações tinham slogans alegres e possuíam o hábito nada comum de distribuir flores durante as passeatas. A cultura hippie assentava numa expressão da qual eles próprios foram criadores e responsáveis pela sua globalização - a filosofia do "Paz e Amor". Adeptos de um modo de vida comunitário, estes indivíduos, optavam por viver perto da natureza e procuravam organizar comunidades agrícolas baseadas no trabalho manual. Respeitavam ao máximo as questões ambientais, a emancipação sexual e a prática do nudismo. Muitos dos elementos deste movimento optavam por seguir o espiritualismo das religiões orientais, como o budismo e o hinduísmo. Opunham-se à guerra do Vietname, ao nacionalismo, ao patriarcalismo, ao militarismo, ao poder governamental, ao capitalismo, às corporações industriais, à massificação, ao autoritarismo e aos valores que, segundo a sua conceção, eram ilegítimos. O lema "Paz e Amor" caracteriza bem a postura política dos hippies- constituíram um movimento por direitos civis, igualdade e anti-militarismo nos moldes da luta de Gandhi e Martin Luther King, mantendo uma postura mais anárquica do que anarquista, propriamente.

Famosos pelos seus consumos exuberantes de substâncias psicotrópicas escolhiam as drogas de modo a conseguir atingir um nível de espiritualismo que seria impossível de alcançar em estado sóbrio. O uso de drogas como marijuana, haxixe, e alucinógenos como o LSD e psilocibina<sup>2</sup> era, visando a "liberação da mente", um passar de tempo, seguindo as ideias dos beats e de Timothy Leary, um psicólogo proponente dos benefícios terapêuticos e espirituais do LSD. Muitos consideravam o cigarro feito de tabaco como prejudicial à saúde. O uso da maconha era exaltado também por sua natureza iconoclasta e ilícita, mais do que pelos seus efeitos psicológicos ou farmacêuticos.

O misticismo, o psicodelismo e as drogas justificavam a oposição ao racionalismo. Apareciam então três eixos de movimentação:

- Da cidade para o campo
- Da família para a vida em comunidade
- Do racionalismo cientificista para os mistérios e descobertas das coisas místicas.

Estes indivíduos mostravam predileção por certos estilos de música, como o rock psicadélico- The Beatles, Grateful Dead, Jefferson Airplane, Janis Joplin, Jimi

---

<sup>2</sup> alcalóide extraído de um cogumelo

Hendrix, Led Zeppelin, Quicksilver Messenger Service, The Doors, Pink Floyd, The Kinks, Bob Dylan, soft rock como Sonny & Cher, Hard Rock como The Who. Estes indivíduos também apreciavam o Goa Trance, isto é, quando hippies viajantes, “buscadores” espirituais e um sem-número de pessoas ligadas a manifestações de contracultura, munidos de conhecimento técnico de produção de música eletrônica e de um puro desejo de curtir e experimentar, desenvolveram, de forma intuitiva, um novo estilo sonoro (Alves, 2011).

Ao contrário do que a maioria pensa ser dado adquirido, o rock não é apenas um estilo musical, mas um importante movimento social que teve o seu início na década de 1950, nos Estados Unidos, no pós-segunda guerra mundial, tempos de erupção do consumismo. Essa agitação predominantemente jovem obteve grande impacto na sociedade da época e manifestou-se especialmente na música, no estilo das roupas, no cinema e no comportamento dos indivíduos dessa sociedade. Uma simples necessidade de protesto foi levando a uma indignação que acabaria por trazer muitas mudanças, principalmente na mentalidade dos jovens. Neste cenário, começaram a surgir filmes baseados na sociedade alienada, filmes que mostravam motoqueiros invadindo cidades e rapazes delinquentes homicidas, evidenciando, em forma de violência, a indignação da juventude marginalizada e em luta com o sistema. Até que em 1955, o filme de maior sucesso dentro desse “gênero”, Sementes de Violência, surgiu com uma música tema de Bill Haley, Rock Around The Clock: o primeiro sucesso do movimento que acabaria por se tornar o hino dos jovens, um lugar onde se apoiavam. No ano seguinte surge o célebre rei do rock, Elvis Presley. Um símbolo sexual que teve o poder de transformar o rock de modismo numa revolução. Com uma voz rouca e um jeito inigualável de dançar, o cantor atingiu vendas record durante toda a sua carreira, mantendo assim o seu título de rei do rock mesmo depois da sua morte em 1977.

Em 1962 são apresentados ao mundo os Beatles e a sua grande composição: Love Me Do. Com a imagem de bons rapazes e a música dançante, o êxito da banda de Liverpool aumentava a cada ano, acabando por se tornar a banda mais conhecida durante os anos 60, e tal como dizia um dos seus integrantes, mais conhecidos do que Jesus Cristo.

As canções de rock and roll representavam a realidade da época, ruas cheias de carros, pessoas de espírito aberto e libertário, sapatos a pisar o asfalto, hotéis, cafés e bombas de gasolina cheias de gente. As letras “falavam” sobre os problemas do

quotidiano dos jovens, desde as complexas relações humanas até ao prazer de ouvir o melhor rock a conduzir um grande carro numa estrada infinita, sem rumo.

No início da década de 60 aparecem artistas como Bob Dylan que acabariam por revolucionar o cenário do rock, trazendo músicas mais “soft” para um público menos alienado. Esta revolução musical, juntamente com os movimentos pacifistas e manifestações contra a guerra do Vietname, deu à década de 60 o apelido de “Anos Rebeldes”. Uma das suas canções que mais impacto causaria seria a *Masters of War*, que acabaria por ser uma denúncia ao militarismo e à corrida nuclear que a todos assombrava. Desde então os grupos de rock passaram a procurar novas dimensões expressivas que continuam até aos tempos atuais, apesar de existirem ainda bandas a utilizar com muito empenho os seus ideais de liberdade, “não à guerra e ao consumismo”.

O ano de 1968 foi um ano de revoltas por todo o mundo. Jovens inspirados pela contracultura e por alguns ideais da cultura hippie saíram à rua mostrando toda a sua força. Alguns dos acontecimentos mais importantes da “revolta dos jovens” tiveram lugar durante este mesmo ano. A guerra do Vietname mostrou, no início de 1968, a queda do poderio bélico dos Estados Unidos da América. Além disso causou grande agitação e protesto da comunidade negra norte-americana o assassinato do pastor Martin Luther King, que defendia a igualdade racial e os direitos cívicos dos negros. Apesar de todas as revoluções ocorridas durante aquele ano, o Maio de 68 foi o movimento contracultural de maior repercussão. Na sociedade francesa, o movimento estudantil entrou em confronto com a polícia, ação que culminaria numa greve geral dos estudantes e trabalhadores, unindo franceses de todas as idades, sexos e ideais. O Maio de 68 foi de certa forma “(...) uma reação extremada, juvenil, às pressões de mais de vinte anos de Guerra Fria. Uma rejeição aos processos de manipulação da opinião pública por meio dos mass media que atuavam como ‘aparelhos ideológicos’ inculcando os valores do capitalismo, e, simultaneamente, um repúdio ao ‘socialismo real’, ao marxismo oficial, ortodoxo, vigente no leste Europeu, e entre os PCs europeus ocidentais, vistos como ultrapassados” (Shilling, 2008 cit. Alves, 2011:32). Os estudantes revolucionários tiveram certamente um papel fulcral no desenrolar dos acontecimentos. Influenciados por este ruído, milhares de pessoas começaram a questionar a própria organização e os princípios hierárquicos da sociedade. Os estudantes “atacaram alguns dos principais pilares da ‘civilização’ contemporânea: os obstáculos entre os trabalhadores manuais e intelectuais, a sociedade de consumo, o

carácter ‘divino’ da Universidade e de outras fontes da cultura e da ciência capitalista.” (Forastieri et al, s.d.:73).

Forastieri tem uma visão muito “focada” nos princípios dos revolucionários, deixando, de certo modo, defasadas as necessidades duma sociedade em transformação. “Não foi a fome que levou os estudantes à revolta. Não havia uma ‘crise económica’ nem mesmo no sentido mais amplo da palavra., (...) o movimento atual mostrou que a contradição fundamental do capitalismo burocrático moderno não é a ‘anarquia do mercado’. Não é a ‘contradição entre as forças produtivas e as relações de propriedade’. O conflito central ao qual todos os outros conflitos estão relacionados é o conflito entre os que dão ordens (dirigentes) e os que obedecem ordens (executores). (Forastieri et al, s.d.:75).

## **1.2- Da América para o mundo**

Tal mobilização acabou por atingir, de maneira positiva, vários países europeus, que se manifestaram também a favor da igualdade social e sexual, dos direitos das minorias e da democracia. Na Nigéria, a guerra de Biafra<sup>3</sup> desencadeou um movimento humanitário internacional para acabar com a fome na região. Também inspirada pelos movimentos contraculturais de Maio de 68, a primavera de Praga foi outro destaque, outro “movimento” preocupado com os cidadãos e com o intuito de promover uma abertura da Checoslováquia, integrantes do Partido Comunista Checo propagaram a ideia do “socialismo com face humana”. No México, o massacre de 200 estudantes pelas forças de ordem causou grande comoção. No Brasil, o ano ficou marcado por grandes protestos, especialmente após a morte de um estudante durante a invasão do restaurante Calabouço. As manifestações continuariam até a implantação do AI 5<sup>4</sup>, que censurava a música, o teatro e o cinema que abordavam política e valores imorais. O ano de 1968 fez crescer a ideologia do movimento contracultural, tornando-se assim no período de maior luta social de toda a história. Foi a partir deste ano que ficou demonstrado que o sistema vigente não era perfeito e que aqueles que afirmaram que os

---

<sup>3</sup> Foi um conflito político causado pela tentativa de separação das províncias ao Sudeste da Nigéria, como a República autoproclamada do Biafra.

<sup>4</sup> Foi o quinto de uma série de decretos emitidos pelo regime militar brasileiro nos anos seguintes ao Golpe Civil-Militar de 1964 no Brasil. O AI-5 sobrepondo-se à Constituição de 24 de janeiro de 1967, bem como às constituições estaduais, dava poderes extraordinários ao Presidente da República e suspendia várias garantias constitucionais

grandes conflitos estavam erradicados da sociedade capitalista moderna estavam completamente enganados.

### **1.3- Os anos 60 terminaram**

Em 1970 grande parte das características do movimento hippie já se encontrariam incorporadas na cultura principal. A cultura hippie começou então a perder adeptos e valores originais, começou a “mingar” à medida que os ideais libertários foram sendo transformados em mercadoria pela indústria cultural. Apesar da desintegração do “grupo” enquanto organização empenhada na luta contra o sistema, é imenso o legado por eles deixado. Os protestos ambientais, a libertação dos costumes, o nudismo, o vegetarianismo, o estilo despojado entre muitos outros atos e atitudes que são dadas como inerentes à cultura em vigor, são hoje vistos de maneira “normal” graças a estes indivíduos que em sua hora foram contra o sistema, que em sua hora preferiam o “Paz e Amor” ao dinheiro do método capitalista. (Alves, 2011)

Atualmente poucos adeptos restam do movimento contracultural nascido na década de 1960, restam apenas manifestações e atos isolados que pouco lembram a contracultura original. Os jovens, na sua esmagadora maioria, não possuem o engajamento político e ideológico dos seus antepassados, são alienados e procuram freneticamente pelo inusitado. A nova forma de contracultura parece ser a desestruturação do que existe. Exemplo disso é o rock, símbolo de rebeldia nos anos 60, que se tornou um mosaico de tendências. No início da década de 50 falava vagamente das barreiras raciais e desigualdades presentes naquela época, mas foi apenas nos anos 60 que a política, de uma forma distinta, teve um foco maior neste estilo musical. Foi nessa época que o rock mostrou o seu poder e a subcultura se tornou numa contracultura.

Um outro movimento que não podemos deixar de identificar será o dos punks, movimento de menores dimensões mas que deixou marca na sociedade até à atualidade. A data do nascimento destes movimentos não é certa, pois existem duas possibilidades. A cena de Nova York do final dos anos 60 e início dos anos 70 ou os punks ingleses de 1975/1976. Com o principal objetivo de expressar a sua fúria de uma maneira áspera e original, a coisa mais odiada no mundo era alguém que fosse conformista assumido. O conformismo era rejeitado em todas as frentes possíveis a fim de perseguir a verdade

ou, às vezes, apenas para “criar” impacto nas pessoas. O punk tem vindo a ser rotulado como se de uma fase da adolescência se tratasse, uma fase em que os jovens apenas querem expressar as diferenças entre eles e os seus pares. Os punks evoluíram muito para preferir a “substância” em vez do estilo, um fato sempre ignorado ou distorcido pelas representações dos média. Não basta parecer diferente do normal, é importante tornar-se, conscientemente, senhor de si. Uma ação importante tomada pelos punks foi rejeitar os seus lugares privilegiados na sociedade. Na opinião de uma colunista da revista “Profane Existence”<sup>5</sup>, “os punks são herdeiros da ordem mundial branca, racista, patriarcal e capitalista. Mas tiveram a iniciativa moral de rejeitar a sua raça e posição social herdadas, porque sabem que elas não valem nada”. “A rebeldia é uma das poucas características inegáveis do punk. Ela está implícita no significado do movimento e das músicas e letras. Quer a pessoa alcance o discernimento necessário para reconhecer realizações pessoais importantes ou não.” “Se os punks vieram ao mundo para ser filhos e filhas dos EUA, ao invés disso, eles tornaram-se órfãos de uma sociedade arruinada”.

Julie Stephens, em *Anti-Disciplinary Protest: Sixties Radicalism and Postmodernism*, considera deficientes as abordagens mais comuns sobre o radicalismo dos anos 60, as quais constroem uma oposição entre o “radicalismo político” da Nova Esquerda e o “radicalismo cultural” dos hippies, diggers<sup>6</sup> e muitos outros indivíduos e coletividades da contracultura, que se mantinham à distância de concepções e organizações mais convencionais. Segundo Stephens (1998), as análises mais comuns da contracultura dos anos 60 levam-nos a entender de maneira “menos correta” os ideais políticos dos “grupos” que se mostravam contra a cultura vigente. Essas análises levam o leitor a concluir que aquela sociedade alienada seria completamente despolitizada quando na verdade apenas a visão sobre a política seria diferente, o que acabaria por antecipar e contribuir para a emergência das visões pós-modernas que viriam a ocupar um lugar de destaque nos debates políticos das últimas décadas do século XX.

A grande diferença que distingue o radicalismo dos anos 60 é o facto de este se ter tornado numa política contestatária e conscientemente anti-capitalista que rejeitava os ideais da política de esquerda, isto é, o desenvolvimento do que ela chama *anti-disciplinary politics*. “...its rejection of the discipline of politics: the surrendering of the idea of political resistance as a struggle involving sacrifice, obedience, order and

---

<sup>5</sup> Revista punk lançada em 1989. É considerada por muitos como a maior e mais mediática revista anarco-punk de sempre.

<sup>6</sup> Foram um movimento de trabalhadores rurais pobres, liderado por Gerrard Winstanley entre os anos de 1649 e 1650 na Inglaterra, e que pretendia substituir a ordem feudal, recentemente derrotada na Guerra civil inglesa, por uma sociedade socialista, agrária e cristã anticlerical.

constraint. Planning, reliable tactics and unambiguous aims were dismissed alongside bureaucracy and organization" (Stephens, 1998:25).

A autora defende que o radicalismo dos anos 60 se afasta da política convencional da esquerda, que enfatizava ainda a centralidade das relações de trabalho e produção. Segundo Stephens, a “política anti-disciplinar” rejeita tanto a burocratização do mundo do trabalho, as suas regras e hierarquias, quanto as prerrogativas que este gera, de trabalhar para consumir, e consumir cada vez mais. Assim sendo não será lógico responsabilizar a contracultura (como alguns autores o fazem) pela proliferação de uma ética que a antecede e à qual respondeu criticamente.

A relação da contracultura com o movimento negro e feminista é um ponto a ter em conta também na obra de Stephens. A autora reconhece a importância desses movimentos e no último capítulo afirma que o caso do movimento pela libertação feminina talvez forneça os melhores argumentos para que seja constatado o “não” fracasso (que não pode ser considerado êxito) do radicalismo dos anos 60. "...this radical movement was distinguished by its militancy, high expectations and political enthusiasm, and was a far cry from the quietism which was said to engulf former sixties activists. The women's liberation movement confounds most judgements about the demise of sixties protest and indicates that post-sixties political disillusionment was a gendered experience" (Stephens, 1998:121-122).

As manifestações culturais ocorridas durante as décadas de 60 e 70 eram muito mais do que música ou maneira de vestir, eram encaradas como ideologias, através das quais seria possível fugir das linhas controladoras do capitalismo ou do sofrimento por ele causado, tentava-se mudar a mentalidade social e, a partir disso, transformar a estrutura da sociedade.

Nos dias que correm a contracultura parece não ter um objetivo em comum a ser atingido e talvez seja essa a causa para o contínuo desaparecimento dos defensores deste “modo de vida”; assim continuará, até que nasça outra vez uma geração inconformada o suficiente para tentar mudar o mundo.

## **2- Música e estilos**

No decorrer deste capítulo irão ser tratados temas relacionados com a música presente nos tipos de festas abordados na investigação, desde a década de 60 até à

atualidade. Serão abordados também os “estilos”, as vivências e os ideais dos participantes desse tipo de eventos, tendo em conta as alterações que surgem ao longo do tempo e as alterações dos estilos musicais mais frequentados pelos assíduos do ambiente noturno.

É necessário, antes de tudo, esclarecer que nem todos os indivíduos frequentadores de festas e de discotecas podem ser considerados amantes da música que vão ouvir. A grande maioria dos indivíduos que “saem à noite” fazem-no para “socializar”, para se encontrarem com o seu grupo de amigos e conhecidos, não fazendo nenhum tipo de escolhas tendo em conta o tipo de música a ouvir. Na maioria dos casos, estes indivíduos apenas aderem a eventos em discotecas onde a música house é o estilo vigente da casa. Neste tipo de festas, o consumo de drogas não é um objetivo ou uma questão pois são raros os casos em que o tipo de frequentador destes ambientes se deixe levar pelo consumo de psico-estimulantes. Estes “não-casos” para a investigação em questão apenas servem de guia para separar o que é visto como “normal” e compreendido pela sociedade do que é visto como um desviante. Frequentar uma discoteca é algo completamente banal no século XXI, mas ser frequentador de “raves” ou de festas de música alternativa ainda atrai um olhar de desconfiança por parte da população, quer seja pelo “mau ambiente” que lhe é associado, quer pelo elevado consumo de estupefacientes facilmente constatado por quem frequentar este tipo de festas. Assim sendo, a separação mais importante a ter em conta para uma boa compreensão da investigação será a tripartição de estilos entre frequentadores de discotecas, raves e clubbers.

## **2.1- A diferenciação dos estilos**

É necessário deixar claro que esta compartimentação de estilos não faz com que um clubber não frequente uma discoteca ou que um indivíduo que seja cliente assíduo destes espaços de diversão noturna não frequente muito intervaladamente uma “rave” ou uma festa de música alternativa. Esta separação serve para entender melhor os diferentes ambientes e os valores e comportamentos dos participantes. Apenas em raros casos os indivíduos seguem unicamente o seu estilo e se recusam a “sair” desse mesmo ambiente, seja qual for o motivo.

Na linha do tempo podemos colocar os ravers em primeiro lugar, com o seu aparecimento aquando da contracultura, durante a década de 60, e as festas de Goa, durante a década de 70. Apesar do termo “rave” surgir apenas durante a década de 70, estes indivíduos já seguiam os comportamentos característicos desta fração da sociedade. Os frequentadores de discotecas aparecem com o surgimento de espaços de diversão noturna onde a música Disco entoava desde o início da noite até altas horas da madrugada. Desde o final da década de 70 até finais da década de 80/início da década de 90 os estilos, quer dos ravers, quer dos frequentadores de discotecas eram muito semelhantes, pode-se dizer que uns eram hippies a 100% e outros eram “neo-hippies”. As indumentárias e os ideais dos jovens de então eram muito semelhantes: os hippies levavam os ideais e os comportamentos ao extremo, enquanto a maioria dos jovens tentava não se distinguir em demasia do público em geral. Durante a década de 90 aparecem os clubbers, começam a desaparecer os ravers mas os frequentadores de discotecas, agora com música house em vez da disco que tornou esses espaços de diversão famosos, continuam a fazer crescer o ambiente noturno até à atualidade.

## **2.2- Uma infinidade de escolhas**

Os estilos musicais têm vindo a sofrer grandes alterações ao longo das últimas décadas, tanto a nível de sonoridades como de seguidores. Se tentarmos seguir o aparecimento dos estilos numa linha do tempo, poderemos estabelecer a relação entre estilos musicais e alguns “estilos de vida” tomados por grande parte da juventude de cada época. Para que esta investigação não se torne superficial por ser demasiado abrangente, vão ser trabalhados apenas alguns estilos de música, os mais marcantes de cada época e que tenham “acolhido” um maior número de seguidores. Estilos como o heavy metal dos anos 80 ou o electro que foi crescendo ao longo do século XX, entre uma infinidade, não requerem uma investigação aprofundada devido ao menor número de seguidores e ao “curto” espaço de tempo em que estiveram na ribalta, não tirando a devida importância a cada um deles. No caso do electro, o estudo teria que se focar em muitos pormenores pois entre os autores especializados no tema existe muita discrepância de datas e de influências.

### **2.2.1- O rock**

Nos anos 50 era o Rock and Roll que fazia as delícias dos melhores apreciadores de música. Foi a década em que Elvis Presley foi reconhecido como rei do Rock and Roll e que talvez tenha sido portadora de uma das maiores inovações na música. A história do rock começa com um grito, o “grito do negro”, que veio para a América como escravo e influenciou a sociedade norte-americana com a sua musicalidade e tradição. Além do “grito do negro” e das notas melancólicas dos blues, a dança e os sons renhidos das guitarras elétricas foram também fatores essenciais para a caracterização do rock. “Caracterizado como uma versão mais agressiva do blues, o rhythm and blues, formou-se a partir da necessidade dos cantores se fazerem ouvir nos bares em que tocavam, já que os sons dos instrumentos elétricos exigiam um canto mais gritado (Muggiati, 1973 cit. Tinti, S. in [www.clubdorock.com/news/historiadorock](http://www.clubdorock.com/news/historiadorock) acess. 25/02/2013). Quando é adicionada “música branca” a este estilo nasce o verdadeiro rock and roll, a mistura de rhythm and blues com a música americana da época, o country e o western, e traz consigo uma das maiores alterações no mundo da música. Chacon (1985) compara o rock ao blues original, na medida em que representava o sofrimento dos pequenos camponeses, o lamento.

### **2.2.2- O psicadelismo**

Na década de 60 nasce o psicadelismo com bandas como Led Zeppelin, Bob Dylan, The Beatles ou Janis Joplin. Este é o movimento musical mais associado à cultura hippie, com temas retirados de contos de fadas, da astronomia e de imagens criadas em mentes fantasiosas. Este movimento marcou uma época e milhões de pessoas que seguiram esta nova vertente do rock. O estilo surge em Inglaterra pela mão dos Pink Floyd, banda que se tornaria a preferida do underground britânico. As principais características do estilo contemplam as guitarras e as vozes repentinas que surgem aquando do corte das músicas. Os risos alterados que fazem lembrar os quadros clínicos de alucinação e desespero são também características do psicadelismo. As letras eletrizantes e fazendo alusões menos usuais e revolucionárias acabavam por resultar como um rastilho para a contracultura de finais da década de 60 e início dos anos 70. ([www.palcoprincipal.com.pt/grupo/psicadelismo-e-rock-espacial](http://www.palcoprincipal.com.pt/grupo/psicadelismo-e-rock-espacial) acess. 10/02/2013)

### **2.2.3- A possibilidade de escolha: o punk, o disco e o trance**

Mais tarde, em finais dos anos 70 e início dos anos 80 surgem três estilos que fariam com que os jovens tivessem uma alternativa. Em vez de um único estilo a seguir começavam a nascer diferentes vertentes da música, uma possibilidade de escolha. O punk, a música disco e o trance tomaram lugar nas rádios e fizeram com que os jovens se dividissem, de certo modo. Apesar de não terem sido criados todos os estilos no mesmo local, uma forte globalização fez com que a música rapidamente se espalhasse por todos os continentes, com mais relevância na Europa e na América. O punk surge como uma música rápida, curta e simples, tocada por rapazes cansados de ouvir hinos hippies e que decidem fazer suas próprias músicas, mesmo não sabendo tocar sequer um acorde. O estilo nasce em Nova Iorque e tinha como principais representantes os Ramones. Mais tarde, e sob influências dessa mesma banda, surgem os Sex Pistols no Reino Unido, banda que viria a marcar toda uma cultura pela sua extravagância e desapego para com os valores morais da época. Foram tantos os jovens que se identificaram com este tipo de música que acabariam por se tornar num movimento, o movimento punk. Os jovens de crista e penteados com cores berrantes, das roupas de couro preto e dos cabelos quase rapados, que contestava, com violência, os valores da sociedade deixaram então a sua marca bem presente nas culturas por onde passaram. Os punks eram jovens revoltados, figurados pela aparência de cabelos moicanos e coloridos, adornos de correntes e canivetes, vinham das classes menos privilegiadas e transportavam a revolta através da sua música. ([www.jocundf.com/a-historia-do-movimento-punk-no-mundo-e-no-brasil](http://www.jocundf.com/a-historia-do-movimento-punk-no-mundo-e-no-brasil) acess. 16/02/2013)

Enquanto no Reino Unido surgia o punk, nos EUA, o pop se torna sinónimo da música disco. Feita para as pistas de dança das discotecas, fazendo alusões ao amor e à alegria, utiliza a eletrónica com maior intensidade e por vezes até abusando das facilidades permitidas pelo desenvolvimento de novas tecnologias ligadas à indústria da música. Ganham espaço nomes como Donna Summer, ABBA, Gloria Gaynor ou os Bee Gees. O estilo começou com bastante “força” mas rapidamente começou a sair de moda, até que em 1977 um filme fez renascer toda a vontade de dançar, o “Saturday night fever”, que acabaria por se tornar num marco histórico da época, o filme que viria a resgatar a disco music. Os adeptos do rock odiavam e os músicos sérios “torciam o nariz”. Mas o fato é que a música disco foi em frente e teve uma grande influência sobre a música pop dos anos 70 e 80, a ponto de se tornar parte da cultura de massa e consequentemente da memória afetiva das pessoas. Derivada da música dançante dos

anos 60, com um toque de música negra e em busca de uma identidade própria, a música disco obteve o seu nome através da denominação francesa *discothèque*, um clube em que se podia dançar ao som de músicas retiradas de discos. ([www.oocities.org/hollywood/location/9137/disco](http://www.oocities.org/hollywood/location/9137/disco) acess. 26/02/2013) Os icônicos indivíduos com o cabelo volumoso, as camisas abertas até meio do peito e as calças à boca-de-sino com cores garridas tornaram-se marca deste estilo musical e da era do “flower power”<sup>7</sup>. A melhor era da música disco e das discotecas fazia com que os jovens vivessem para o fim-de-semana, para a “Saturday night”. As discotecas ganharam público durante a década de 80 e ainda na atualidade se consegue encontrar inúmeros indivíduos afetos a este tipo de espaços, independentemente das preferências musicais. Estes espaços que nasceram com o propósito de seguir noite fora ao som da música disco tiveram, posteriormente, que alterar os estilos de sons, caso contrário seria certo o seu fracasso.

O trance, como é conhecido na atualidade, apareceu pela primeira vez na Alemanha, inspirado pelo acid house e pelo techno de Detroit, durante a década de 90, mas o estilo surgiu em Goa durante da década de 80, quando os hippies inconformados com os ideais conformistas vigentes nas suas culturas decidiram viajar para a Índia. Músicos como Johann Bley, dos Juno Reactor, levaram computadores para Goa com a intenção de fazer algo de novo, algo de especial. Dessa união de diferentes indivíduos de várias partes do mundo e de diferentes culturas surgiu um estilo mais singular que se tornaria conhecido como goa-trance. O estilo nasceu com a mistura de música levada pelos hippies e sonoridades orientais; os ritmos industriais presentes no techno da atualidade também estavam presentes no trance, mas de forma bastante moderada. ([www.dj-alien.com/index-1](http://www.dj-alien.com/index-1) acess. 20/02/2013)

Informações rítmicas tribais e étnicas foram também incorporadas, tornando assim a música mais orgânica, mais facilmente assimilável, que estimulava não só estados próximos ao transe místico dos mantras indianos, mas também uma maior harmonia com os ambientes naturais e o ar livre. As festas começavam a despoletar no litoral de Goa, quando os organizadores decoravam os locais de forma minimalista mas suficiente para levar os participantes a experimentar sensações de uma atmosfera festiva muito peculiar. Com o passar dos anos foram os israelitas que começaram a participar mais frequentemente nestas festas e hoje em dia são eles considerados como os melhores

---

<sup>7</sup> Slogan usado pelos hippies dos anos 60 até o começo dos anos 70 como um símbolo da ideologia da não-violência e de repúdio.

“compositores” e seguidores deste género de música. Artistas como Avi Nissim, Lior Perlmutter, Analog Pussy, Har-Eil e Giu Sebbag fizeram com que o psy-trance se tornasse uma marca e uma cultura para o povo jovem israelita. ([www.arge.pt/marcosilva/trance/?cat=cultura](http://www.arge.pt/marcosilva/trance/?cat=cultura) acess. 20/02/2013).

#### **2.2.4- O techno**

Em finais dos anos 80 um estilo começa a ganhar bastante popularidade numa fração jovem da população que estava cansada do rock ou das músicas contestatárias do psicadelismo. Uma juventude que, apesar de não concordar com as atitudes e com os valores da sociedade em que estavam inseridos, também não faziam nada para mudá-los. O techno ganhava cada vez mais e mais adeptos. O estilo, que nasce em meados de 1980, mas só se torna famoso quase uma década depois, surge em Detroit, Michigan. Apesar de inicialmente ter nascido como uma música de festa que era produzida diariamente em programas de rádio e tocada em clubes estudantis de Detroit, o Techno cresceu ao ponto de se tornar um fenómeno a nível global. Ao contrário do rock ou do psicadelismo, o techno cresce como uma música dançante tal como o trance. Cada vez eram precisos menos indivíduos para criar uma melodia, um só dj conseguia imprimir divertimento numa plateia; a necessidade de criar uma banda, de comprar inúmeros instrumentos desaparecia. As três pessoas mais profundamente ligadas ao nascimento do techno foram Juan Atkins, Kevin Saunderson e Derrick May, também conhecidos como os “The Belleville Three”, que mudariam todo um panorama musical. ([www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content\\_id=601149](http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=601149) acess. 15/02/2013). Tal como para muitos outros jovens da sua geração, a maior influência musical para os tres jovens era o programa de radio nocturno “The midnight funk association” apresentado pelo Electrifying Mojo<sup>8</sup>. Este programa caracterizava-se pela programação eclética que geralmente estava fora dos sons da moda naquela época. Em 1988 e graças à popularidade da música de dança em Inglaterra o empresário Neil Rushton estabeleceu contato comercial com Derrick May a quem facilitou as cópias da sua música. O “som” de Detroit acabou por se tornar um género com identidade própria e diferente das outras “cenas” norteamericanas graças á compilação “ Techno! The New Dance Sound of Detroit” em 1988. O nome do estilo “Techno” parece ter sido sugerido pelo próprio Juan Atkins e a sua origem parece estar num dos seus primeiros temas, o “Techno city”.

O acordo comercial de Derrick May acabou por não ser visto com bons olhos por parte dos outros pioneiros do estilo, pois receava-se que com o “globalizar” do

---

<sup>8</sup> Charles Johnson, figura mediática de uma cadeia de rádio americana.

techno este saísse muito da onda underground<sup>9</sup> para a qual tinha sido criado. Mais tarde chegou-se à conclusão que por muitos amantes que o techno viesse a angariar este estilo nunca sairia do underground. Nos anos seguintes surge uma nova onda de amantes do estilo que fez com que muitos jovens sonhassem ser dj's de techno um dia. Muitos desses jovens decidiram emigrar para Detroit, para a cidade onde tudo começou, e de um momento para o outro essa “cidade fábrica” de dj's começou a dar frutos. Individualidades como Jeff Mills, Mike Banks, Robert Hood ou o canadiano Richie Hawtin que ainda hoje fazem as delícias de milhões de fãs, aproveitam o que já estava formado do anterior estilo techno e reinventam toda uma panóplia de sonoridades. Hoje em dia já são raros os Djs de techno que abdicam do seu Macintosh durante as horas de trabalho, apesar de muitos indivíduos defenderem que a origem do estilo está nos discos de vinil e que assim deveria continuar.

### **2.2.5-O drum and bass**

Relativamente, ao Drum and Bass, este é um género de música eletrónica também conhecido como Jungle nascido na Inglaterra no início dos anos 90. São características do Drum and Bass baterias “sampleadas” de ordem alternada e de alta velocidade (entre 160 e 180 batidas por minuto). Surgiu principalmente de uma variação do Hardcore Breakbeat e do rave britânico. Prodigy, Altern8 e A Guy Called Gerald são alguns dos nomes que deram um maior impulso a este estilo de música. Na atualidade e com mais de 20 anos de história, já se tornou um estilo extenso em influências e subgéneros que se utilizam desde o Jazz até o Rock n' Roll passando pelo Soul, House , Funk entre outros estilos. O Drum and Bass primordial (inicialmente conhecido como (Jungle) juntamente com o Hardcore Breakbeat foi uma evolução sonora com origens em três géneros diferentes:

- O Acid House inglês, um conjunto de músicas construídas com baterias quebradas e linhas de baixo com frequências muitas vezes subsónicas (elementos básicos do Drum and Bass).

- O Bleep Techno (estilo muito singular de curta duração (de 1989 a 91) que utilizava baixos muito pesados e distorcidos.

---

<sup>9</sup> Expressão usada para designar um ambiente cultural que foge dos padrões comerciais, dos modismos e que está fora dos média

- O Techno Belga, outro estilo muito singular que ocorreu no período compreendido entre 89 e 92, e que depois, evoluiu de diversas formas, dando origem a uma série de outros estilos musicais mais popularmente conhecidos.

#### **2.2.6- O minimal**

Durante a década de 90 surge outro estilo, proveniente do techno, o minimal. Estilo de música eletrônica considerado subgênero do techno é caracterizado pela repetição de batidas e sons, ou seja, por uma utilização mínima de elementos de composição. Normalmente associado a sons de origem orgânica, como pulsação, canto de pássaros ou quaisquer elementos sonoros repetitivos, a música minimalista tem por objetivo eliminar tudo aquilo que não é necessário para sua composição. Desse modo a música criada é constante e pulsante, vai sendo criada e recriada diversas vezes dentro do mesmo "set"<sup>10</sup> até se atingir um apogeu musical no qual os sons se tornam hipnóticos e induzem o ouvinte a níveis de coordenação motora distintos de outros tipos de música eletrônica. Quanto a este estilo não existe ainda muita bibliografia ou estudos que expliquem a sua criação mas as experiências do investigador ajudam a uma melhor interpretação dos ambientes e das atitudes e comportamentos dos indivíduos que mais se identificam com este estilo. Na atualidade existem inúmeros espaços de diversão noturna que optam por organizar festas deste estilo, mais viradas para um novo público que rejeita as noites normais do "house" numa discoteca. Este tipo de festas é geralmente organizada em clubs que mantenham o espírito underground do techno. Não precisando de grandes investimentos a nível de luzes ou decoração não se torna difícil organizar um evento deste gênero em qualquer espaço que tenha o mínimo de condições. ([www.minimalfreaks.com](http://www.minimalfreaks.com) acess. 16/02/2013)

#### **2.2.7- O pop**

Tratar os estilos musicais sem tratar da música pop seria como falar de música sem fazer referência aos seus compositores. Apesar de ser um estilo que pouco interfere no ambiente noturno que é mais abordado durante a dissertação, este estilo foi talvez o que moveu maior volume de massas. A data do seu "nascimento" não é certa, diferentes autores afirmam ter sido criado em diferentes décadas. Uns afirmam que alguns dos estilos tratados anteriormente se basearam na música pop, outros afirmam que a música pop apenas surge nos anos 90. Temos que ter em conta a data da sua "criação" e

---

<sup>10</sup> Apresentações de várias músicas sem um intervalo. Geralmente têm duração superior a uma hora.

diferenciar da data da sua “afirmação”. Como a própria abreviatura leva a entender, “pop” deriva da palavra popular, o que só por si já ajuda a uma melhor análise do estudo sobre o estilo. A música pop é geralmente entendida como a música criada para fins comerciais, na maioria das vezes direcionada ao público mais jovem e que consiste em canções curtas e simples com o uso das novas tecnologias para produzir novas formas de composição em temas atuais. David Hatch<sup>11</sup> e Stephen Millward definem a música pop como “um conjunto musical que é distinguível da música popular, folclórica e do jazz”. O termo provém da palavra “popular” mas temos que ter em consideração que quando o estilo surgiu as músicas mais populares provinham do folclore, do jazz ou mesmo do rock. Segundo os autores, a música pop pode ser caracterizada como sendo uma versão mais “soft” do rock. A primeira vez que terá sido utilizado o termo “música pop”, segundo Hatch e Millward, terá sido em 1926, e segundo os mesmos, muitos eventos na história da música dos anos 20 podem creditar o nascimento da indústria da música pop durante essa década, incluindo o country, o blues ou a old-time music, estilos mais seguidos durante esse período. ([www.blitz.sapo.pt/a-evolucao-da-musica-ao-longo-dos-anos](http://www.blitz.sapo.pt/a-evolucao-da-musica-ao-longo-dos-anos) acess. 15/02/2013)

Outra versão, a do Grove Music Online, diz-nos que o termo “música pop” “terá sido criado no Reino Unido durante a década de 50 como uma descrição para o rock and roll e os novos estilos juvenis que influenciou” e desde então o género atrai uma conotação de música não-clássica, geralmente na forma de canções, interpretadas por artistas como The Beatles, Rolling Stones, Abba entre outros. O pop começava a ser visto, de forma errada, como todos os estilos que não fizessem parte do repertório clássico da época. Com o passar do tempo esse erro foi sendo corrigido até que o pop começou a ser encarado como o oposto da música rock quando esta começa a ganhar espaço entre multidões. “Enquanto o rock desejava a autenticidade e uma expansão das possibilidades da música popular, o pop era mais comercial, efêmero e acessível” (Warner, 2003:4). A música pop "não é direcionada a um desejo significativo, mas sim o de lucro e de recompensa comercial. (...) e, em termos musicais, é basicamente conservador" e "é fabricada por um grupo financeiro (gravadoras, programadores de rádios e patrocinadores de eventos) ao invés de uma elaboração de baixo custo. (...) A pop não é um género independente, mas sim profissionalmente produzido e distribuído.” (Frith S., 2005:95)

---

<sup>11</sup> Professor envolvido na produção e controlo da “BBC Radio”

Na atualidade, a música pop entoa em rádios e festivais como sendo a música mais comercial, mais conhecida, com mais seguidores. A música pop ganhou maior importância quando começam a aparecer os festivais de verão como os conhecemos. As multidões que comparecem nesses festivais revêem-se nesse estilo. No seguimento da investigação, quando forem estudados os festivais de verão, serão analisados os comportamentos e valores dos indivíduos que participam nesses eventos e conseqüentemente a importância dos mesmos para uma sociedade aparentemente cada vez mais conhecedora e apreciadora do mundo da música.

### **3-Festivais como marcos da história**

Esta fase da investigação é dedicada ao estudo dos festivais de verão, mais concretamente aos festivais de música rock e pop. Festivais que ganham cada vez mais espaço nos cartazes culturais oferecidos por todo o território europeu. Existem no entanto festivais bastante importantes inseridos em diferentes géneros musicais, com uma duração bastante mais alargada que os festivais de rock e pop, ou festivais que decorrem no verão mas que não têm um local definido para a sua realização, que não serão abordados durante a investigação.

Os festivais de música de verão constituem “períodos formais ou programas de atividades de fruição, entretenimento, ou eventos que tem um carácter festivo e que celebram publicamente algum conceito, acontecimento ou facto” (Janiskee, 1980:97), durante a época estival. Estes eventos concentram-se num espaço de tempo curto, num espaço geralmente delimitado e tendo uma intensa programação musical (Abreu, 2004). O local onde é realizado o festival e o seu cartaz são as variáveis mais importantes para quem tem que escolher quais os festivais em que pretende marcar presença. Para os indivíduos que pretendem frequentar a grande maioria dos festivais de determinado país, “estes festivais proporcionam uma rota, um percurso estival de música. Inserem-se aqui as denominadas tribos modernas com as suas vestes étnicas e anseios inspirados nos movimentos dos anos 60 do século XX” (Sarmiento, 2007:12). A estrutura destes festivais pode ter algumas semelhanças com a estrutura de algumas “raves”, até porque nos primórdios deste tipo de eventos, o público aderente era em grande maioria o público que hoje em dia participa nas festas de trance - os “hippies” de Woodstock e os “liberalistas”, no sentido de consumos de estupefacientes e da presença da contracultura nos seus ideais e comportamentos.

“Foi no final dos anos 60 e início dos 70 do século XX que se começaram a criar festivais de música orientados para a juventude, onde se inclui o famoso Woodstock, em 1969. O festival americano Woodstock foi um dos primeiros festivais, mas claramente o mais importante, dedicado à música ligeira, mais concretamente pop e rock. Foi um festival que juntou uma geração contracultura e representou um ponto de viragem no uso da música como um meio para a expressão política e serviu como uma rampa de lançamento para festivais do género” (Cummings, 2007 cit: Maciel, 2011:10).

Apesar das mudanças culturais de quem vem participando neste tipo de eventos, os organizadores do primeiro festival de Woodstock tentaram continuar com uma organização que mantivesse a ética do primeiro festival.

“Em 1969, um monumental festival de música mudou o nosso mundo. Mais de meio milhão de pessoas juntaram-se - unidas numa mensagem de paz, abertura e expressão cultural – e demonstraram como uma geração podia ser ouvida. Hoje o Woodstock continua vivo. Os produtores originais do festival histórico continuam a levar para a frente a ética do Woodstock ao identificar causas sociais, ambientais e políticas, organizando comunidades á sua volta, desenvolvendo produtos para essas comunidades e encorajando a expressão criativa” ([www.Woodstock.com](http://www.Woodstock.com), cit. Maciel, 2011:10).

Este evento será abordado mais aprofundadamente no seguimento da investigação, não apenas por ser pioneiro no estilo mas também pelas características únicas que se provou serem quase impossíveis de replicar em qualquer outro ano, festival ou local.

Para uma melhor compreensão acerca do tema dos festivais de verão convém referir que estes funcionam como festas isoladas, acontecem uma vez por ano, na grande maioria dos casos. Estes eventos são um fenómeno crescente à escala global, aumentando em número e popularidade, podendo funcionar como produto turístico, sejam eles mega-eventos ou pequenos festivais comunitários (Hackbert, 2009, cit. Maciel, 2011).

Getz (2007) define evento como “um fenómeno temporal, com um começo e um fim, com expressão territorial, confinado a um espaço especial que pode ser uma sala de espetáculos, um grande espaço aberto ou vários espaços. Por definição, um evento ocorre só uma vez e é impossível de replicar. Embora se possa criar um evento semelhante, pelo espaço ou pelo programa, algo fará sempre com que o evento seja

tangível ou experiencialmente diferente: é este o aspeto que torna os eventos atrativos, pois só estão disponíveis uma única vez”.

Donald Getz criou também uma tipologia dos eventos, que podem então ser “... eventos económicos e de marca, eventos premier ou de prestígio, mega-eventos, eventos mediáticos, eventos relacionados com uma causa, empresariais, truque publicitário e eventos especiais.” (Getz cit. Maciel, 2011:13)

Esta segmentação de tipos de eventos criada por Getz vai ajudar na compreensão das alterações que os festivais de música de verão têm vindo a sofrer ao longo do tempo. Os primeiros festivais podem ser enquadrados naquilo que Getz define como eventos especiais ou eventos relacionados com uma causa. Os casos de Woodstock e do festival de Vilar de Mouros, a serem tratados no seguimento da investigação, são exemplos perfeitos deste tipo de eventos, quer seja por causas contra-culturais quer seja por causas ambientais ou ideais liberalistas. Hoje em dia presenciamos um crescimento exponencial de organização de festivais com fins lucrativos. Grandes empresas multinacionais usam os seus logótipos para fazer publicidade à sua marca, aproveitando assim as grandes massas populacionais que se juntam neste tipo de eventos. Em território nacional são vários os festivais que fazem uso dos grandes patrocínios cedidos pelas grandes empresas para trazer artistas com reputação mundial. Nomes como Super Bock Super Rock, Optimus Alive, Sudoeste TMN, Vodafone Mexefest ou Vodafone Paredes de Coura são alguns dos mais importantes dentro de um vasto grupo de eventos em que a população pode participar anualmente, e que fazem uso das grandes marcas para oferecer um melhor cartaz musical ao público.

Os festivais de verão podem, também, constituir uma celebração social que pode constituir um momento de comemoração da própria comunidade contribuindo para a construção da identidade local (Turner, 1982 cit. Maciel, 2011). A importância deste tipo de festivais é enorme em zonas rurais. Festivais como o de Vilar de Mouros ou de Paredes de Coura, que atraem milhares de pessoas durante o evento, fazem com que essas áreas rurais sejam mais conhecidas dentro e fora do panorama cultural nacional, desta forma, “ambos os festivais pretendem constituir, para além de momentos artísticos importantes, estratégias políticas locais de promoção de atividades de lazer, com o objetivo de atrair visitantes e turistas, projetando uma imagem de dinamismo a escalas regionais, nacionais e mesmo internacionais” (Sarmiento, 2007:17). Estes festivais têm maior importância turística nos países onde o turismo tradicional, de praias, museus ou património monumental ou arquitetónico não consegue atrair visitantes. O turismo de

eventos torna-se assim na melhor estratégia para fazer com que os indivíduos oriundos de outros países compareçam para conhecer as zonas em questão e voltem nos anos seguintes, havendo repetição do evento ou não (Maciel, 2011:15).

Os festivais de verão podem fazer com que a estadia dos turistas seja alargada, dependendo do interesse dos mesmos neste tipo de eventos; em certos casos serão estes eventos a própria motivação para os turistas visitarem a região. Os impactos positivos destes festivais na região onde são organizados já estão provados, a capacidade de gerar lucros para os governos e para as autarquias onde se inserem torna-se uma forte motivação para a sua repetição anual (Maciel, 2011). Grande parte das organizações deste tipo de eventos aproveita também as consideráveis receitas provenientes da bilheteira para angariar fundos para ajuda a instituições de solidariedade social. No entanto, também existem alguns aspetos negativos relacionados com estes eventos sazonais, “o aumento dos preços dos bens e serviços durante os eventos, o congestionamento de trânsito nos locais e os problemas de estacionamento” (Tosun, 2002 cit. Sarmento, 2007:11) são os problemas que mais afetam a população que vive nas zonas onde se organizam estes festivais. A nível sociológico, um festival de verão pode ter impactos positivos e negativos “estando essa relação geralmente ligada à proporção do evento em relação à dimensão da localidade onde este se realiza. Está também ligada ao nível de participação da comunidade residente na organização desse evento” (Maciel, 2011:20).

“Padrões sociais de globalização e estilos de vida automatizados desencorajam a vida em comum e a participação ativa. Para além do mais, os média e a sua forte imposição nas consciências das pessoas, desencorajam a promoção de diversidade cultural e o acesso justo a recursos culturais. (...) Num enquadramento social tão pouco amigável, os festivais podem reinventar a vida em comum enquanto promovem formas culturais de expressão” (Laopodi, 2003:14-15).

O potencial dos festivais no que diz respeito ao desenvolvimento da identidade local torna-se também num “pilar” importante quando as organizações tentam convencer certa população de que o festival a ser organizado trará apenas vantagens para aquela localidade. Assim sendo, pode-se considerar que determinado festival contribui para a identidade local se forem constatados três aspetos: “o festival interage e coopera com agentes locais, sejam eles industriais, educacionais, relacionados com o turismo ou qualquer outro tipo de agente relacionado com o município local; o festival contribui para os processos de “glocalização”, ou seja, junta e mistura facetas locais e

globais; o festival é capaz de relatar histórias, ou a história, sobre o município anfitrião” (Karlsen,2008 cit. Maciel, 2011:24).

### **3.1-Woodstock**

Conhecido como o mais importante marco da música pop e rock da história, a Feira de Música & Arte Woodstock foi também um impulsionador da contracultura que se manteve vivo durante várias décadas. John Roberts, Joel Rosenman, Artie Kornfeld e Michael Lang, que um dia tentaram criar uma editora discográfica, acabariam por ser os organizadores do mais mediático festival de música de todos os tempos.

Entre 15 e 18 de Agosto de 1969, cerca de 500 mil pessoas fizeram parte do público presente no “Wodstock, Music and Arts Fair”. Oriundos de todo o mundo, os indivíduos seriam atraídos pelo slogan de “Três Dias de Paz e Música”, idealizado pelos organizadores. Esses jovens não tinham noção que fariam parte de um dos maiores eventos registados no panorama da música e da contracultura.

#### **3.1.1- O pânico de Wallkill**

Inicialmente, o evento teria lugar na cidade de Wallkill<sup>12</sup>, numa propriedade de 300 acres (aproximadamente 1.21 quilómetros quadrados) que pertencia a Howard Mills Jr. O evento ganhava forma e chegava a números assustadores e a população de Wallkill começava a ficar com receio de que a sua pequena cidade não estivesse preparada para receber um acontecimento de tamanha magnitude.

Para uma comunidade de tão pequena dimensão, receber um grupo tão grande de pessoas poderia fazer com que a comunidade se desmembrasse em esforços inúteis, numa tentativa de manter a ordem e afastar acontecimentos que colocassem em risco o bom clima social.

A população da cidade mostrava-se cada vez mais descontente com a organização do evento e os preconceitos face aos jovens começavam a dar sinais. “Nas mentes de muitas pessoas, cabelo longo e roupas descuidadas eram associados com política de esquerda e uso de drogas. As ideias novas sobre reordenar a sociedade eram

---

<sup>12</sup> Cidade no Condado de Orange, estado de Nova York, Estados Unidos.

ameaçadoras para muitas pessoas. Em Wallkill, esses sentimentos foram lançados sobre Mills e a sua família” (The Times Herald Record, 1994)

Woodstock acabaria por ser oficialmente banido da cidade a 15 de Julho de 1969 “sob o aplauso de residentes, membros do conselho disseram que os planos dos organizadores eram incompletos” (The Times Herald Record., 1994). Duas semanas antes desta decisão, o conselho da cidade teria aprovado uma lei que faria com que qualquer tipo de evento que juntasse mais de 5 mil pessoas necessitasse de licença. Para Al Romm, então diretor do The Times Herald Record, “A lei que eles criaram excluía uma coisa e somente uma coisa: Woodstock”.

### **3.1.2- Bethel e o campo perfeito**

Elliot Tiber, dono de um hotel em White Lake, o El Monaco, com 80 quartos e com a grande maioria deles vazios, leu sobre Woodstock ter sido expulso de Wallkill. O hotel estava a levar Tiber à falência mas apesar disso, o dono do hotel tinha uma permissão da cidade de Bethel<sup>13</sup>, cidade com aproximadamente 3900 habitantes, para fazer um festival de música. Quando Michael Lang se dirigiu ao local para confirmar se as dimensões e o conceito eram os mais indicados um problema surgiu, o espaço de 15 acres não era grande o bastante. Elliot Tiber era amigo de Max Yasgur, dono de uma grande fazenda com 600 acres. Quando Michael Lang viu pela primeira vez o espaço em questão ficou estupefacto “...era mágico, era perfeito, o campo inclinando-se em forma de bacia, uma pequena subida para o palco, um lago ao fundo. O negócio foi fechado ali mesmo no campo”. (Michael Lang cit. T.T.H.R., 1994)

Os residentes tomaram conhecimento sobre as preocupações da cidade de Wallkill. As drogas, o tráfego, os esgotos ou a água poderiam ser tópicos a ter em consideração na hora em que os milhares de indivíduos se comesçassem a dirigir para o festival. A fúria da população começou a crescer mas já não havia nada a fazer, o festival acabaria mesmo por ter lugar na fazenda de Max Yasgur, em Bethel. (The Times Herald Record., 1994).

---

<sup>13</sup> Vila no Condado de Sullivan, no estado americano de Nova Iorque. A vila ganhou fama a nível mundial depois do evento musical.

### **3.1.3- Woodstock aconteceu!**

A 14 de Agosto de 1969 já se contavam cerca de 25000 pessoas nos espaços organizados por Wavy Gravy, líder da maior comunidade hippie americana, a Hog Farm, e que terá sido contratado pela organização do festival para facultar abrigos e comida para os participantes. Os responsáveis pelas bilheteiras atrasaram o serviço e quando finalmente decidiram movimentá-las para os locais certos já era tarde. De várias dezenas que era suposto estar colocadas nas entradas do recinto, apenas três foram colocadas. Os congestionamentos de quilómetros tornaram impossível movimentar o que quer que fosse. Começaram a surgir os problemas. Quando Michael Lang se deparou com este problema já era tarde para tentar arranjar uma solução a não ser tornar o festival de livre admissão, Woodstock era gratuito para quem ainda não tivesse comprado o bilhete. Mais tarde no segundo dia uma secção da vedação seria derrubada para que o público pudesse entrar. “ Como dizer a 200000 ou 400000 pessoas?- vão para casa, está tudo terminado!” (Michael Lang cit. T.T.H.R., 1994)

No início do primeiro dia do festival já o público teria ultrapassado as 250000 pessoas esperadas e os congestionamentos eram cada vez maiores. Por volta das 15:30H, hora em que o festival deveria ter início, nenhum dos artistas que deveriam atuar no primeiro dia estava presente, devido aos congestionamentos estavam todos presos nos hotéis a dezenas de quilómetros de distância do local. (The Times Herald Record, 1994)

Mais uma vez, uma solução teria que aparecer. A prioridade agora era acalmar o nervosismo do público. A organização decide contratar uma empresa de aluguer de helicópteros, não interessava o preço. Pouco passava das 17:00 horas e começavam a chegar os primeiros artistas ao recinto de Max Yasgur. Foi então que alguém subiu ao palco e falou pela primeira vez para o público “The brown acid that is circulating around us is not specifically too good”, o primeiro anúncio que vinha do palco fazia referência a algum tipo de LSD que alguns indivíduos andariam a distribuir pelo público. A droga não era boa e estaria a levar alguns indivíduos a más alucinações. Poucos minutos depois o show começava. À meia-noite a chuva começa a cair, acabando por alagar várias zonas do recinto, incluindo as zonas onde estavam montados os abrigos- o caos começava.

No segundo dia de música tiveram lugar as atuações de The Who, Janis Joplin e The Grateful Dead que se teriam recusado a atuar sem que lhes fosse pago o concerto em adiantado. (The Times Herald Record, 1994)

No último dia de concertos os horários das bandas foram alterados. Era suposto o festival acabar durante a noite de domingo, mas com medo que a multidão criasse algum tipo de tumulto a organização implorou aos artistas que duplicassem o tempo do espetáculo. O objetivo seria que este terminasse apenas durante a manhã de segunda. De dia as coisas seriam diferentes. Jimi Hendrix deu por encerrado o festival de três dias, que tecnicamente se alargou a quatro dias de música e paz, na pequena cidade de Bethel. (The Times Herald Record, 1994)

#### **3.1.4- As consequências do festival**

A festa estava terminada. Quando os três dias de música chegaram ao fim a organização teria em dívida 1,3 milhões de dólares. As despesas dos responsáveis pela produção do evento tinham ultrapassado em 300% os valores acordados antes do início do festival. No final foram registados 5162 casos médicos, 797 casos de abuso de drogas, 8 abortos, 2 mortes por overdose e 1 por atropelamento de um trator. Um jovem que dormia dentro de um saco cama coberto por lama e que não terá sido visto por quem conduzia o trator, teria sido esmagado. A identidade do condutor ainda hoje é desconhecida. (The Times Herald Record, 1994)

O festival acabaria por representar um marco cultural e simbólico para as gerações posteriores, revolucionando não só a maneira do artista cantar e compor, ou a sua performance em palco, mas também os hábitos culturais de uma sociedade norte-americana bastante fragilizada pelos tempos de guerra que se viviam. (Mariuzzo, 2009)

O evento de 1969 ganhou uma magnitude nunca antes vista, a grande maioria mostrou-se fascinada pelos três dias de paz e música que aqueles quatro jovens aventureiros foram capazes de proporcionar aos milhares que marcaram presença.

O festival de Bethel deve ser compreendido tendo em conta o contexto específico em que os Estados Unidos se encontravam naquela época. A segregação social e racial, a revolução feminista e a guerra do Vietname, para onde eram recrutados milhares de jovens, fizeram com que os jovens sentissem uma necessidade de mostrar o seu descontentamento perante a sociedade em geral.

Segundo Emiliano Rivello, sociólogo e investigador da Universidade de Brasília, o festival é a base de um processo sociocultural que se desenrola por anos nessa sociedade de maneira conflituosa e se materializa ou tem seu desfecho metafóricamente na presença de um público ávido por mudanças estruturais.

O encontro que serviria para afirmar a cultura hippie, celebrar a paz e o amor e protestar contra a guerra do Vietname acabou por se transformar num marco cultural a nível mundial.

### **3.1.5- O “fracasso” da nova tentativa**

Com o passar dos anos o festival foi perdendo os seguidores, mas a misticidade e o mediatismo que o caracterizaram nunca foi esquecido. Passados 25 anos Woodstock acontecia outra vez, agora em Saugerties<sup>14</sup>, mas sem o mesmo mediatismo ou controvérsia da primeira edição. O quadro sociocultural da sociedade norte-americana era agora muito diferente. A última tentativa de imortalizar o festival de 1969 ocorreu 30 anos depois, em 1999, acabando por destruir a reputação de paz e amor que o festival construía. Segundo Rivello, não se pode transpor acontecimentos culturais, políticos ou religiosos de uma época específica para outra. No caso das versões posteriores de Woodstock, os elementos mais contestados de 1969 tiveram uma nova interpretação: “a guerra é vista hoje como parte de uma política expansionista necessária e benéfica; as mulheres ocupam cargos de prestígio; os conflitos raciais encontram terreno específico para debate”. (Rivello cit. Mariuzzo, 2009:61).

## **3.2-Vilar de Mouros**

O primeiro festival de Vilar de Mouros, se é que pode ser tratado como festival, teve lugar em 1965, pelas mãos de António Augusto Barge. O evento foi criado com o intuito de divulgar a música popular do Alto Minho e Galiza e com o objetivo final de transformar Vilar de Mouros num destino turístico, conhecido nacional e internacionalmente. António Augusto Barge organizou esta espécie de encontro de grupos de folclore durante os dois anos seguintes, tratando o evento como sendo “...o mais popular, grandioso e belo festival do Alto Minho” (António Barge cit. Zamith, 2002:30).

---

<sup>14</sup> Cidade no Condado de Ulster, estado de Nova York, Estados Unidos

### **3.2.1- Um verdadeiro festival**

Em 1968 o evento já poderia ser caracterizado como sendo um festival: os conteúdos musicais já divergiam do folclore e os estilos já eram variados. Do fado a Zeca Afonso ou Carlos paredes, o repertório já era então capaz de atrair um maior número de espectadores de diferentes classes sociais e grupos etários.

“Ousado, é como se pode caracterizar o Festival de Vilar de Mouros de 1968, ainda hoje muito esquecido, mas sem dúvida decisivo na afirmação de um evento absolutamente singular no país e na projeção extramuros de uma aldeia hoje querida de muitos portugueses” (Zamith, 2002:34).

Se as edições anteriores estavam dirigidas apenas para o público local, 1968 foi o ano da projeção nacional e da criação de mentalidades preparadas para o que viria a acontecer três anos depois, com a vinda de Elton John e Manfred Mann.

O convite feito por António Barge à Banda da GNR foi visto com bons olhos. Seriam eles a dar distinção ao festival, tornando-o mais eclético e permitindo assim a António Barge arriscar mais no cartaz. O organizador acabaria por convidar alguns nomes pouco apreciados pelo regime. O nome mais marcante seria o de Zeca Afonso. (Zamith, 2002)

A beleza da zona onde o festival seria organizado era utilizada como trunfo para atrair o público. “Vilar de Mouros, lá em cima, no Minho, sempre rescendente e verde, terra de serenidade e opulentas belezas...”, podia ler-se nos flyers impressos pela gráfica em 1968. As frases de António Barge despertavam vontade em qualquer indivíduo que lesse, de conhecer tão linda zona rural. (Zamith, 2002).

Começou então o Festival de Vilar de Mouros de 1968. O evento contava com três espetáculos. O primeiro na noite de sábado, o segundo na tarde de domingo e o último na noite desse mesmo dia. O festival terá atraído cerca de 15000 pessoas, 5000 por cada espetáculo. “Esta afluência provocou a primeira ‘invasão’ da aldeia, que, de um dia para o outro, viu quintuplicada a sua população. Foi um verdadeiro teste ao comportamento dos visitantes e à reação dos residentes”. (Zamith, 2002:42)

Para uma aldeia como Vilar de Mouros, pacata, com uma população bastante envelhecida e quase sem conhecimento sobre o que se passava para lá dos “muros da aldeia”, receber toda aquela massa populacional acabaria por ser um teste e uma experiência nunca antes pensada pelos habitantes. Muitos dos indivíduos da aldeia não conheciam a realidade exterior e muitos dos visitantes não conheciam a realidade da aldeia. O choque entre culturas acabaria por deixar marcas em ambos os “lados”.

O festival foi um êxito a nível musical e de afluência mas no final as contas ficaram aquém do que era esperado e acabaria por ser António Barge e sua família a cobrir o buraco financeiro do final do festival de 1968.

Um facto importante acerca do festival de 1968 é o de se ter juntado no mesmo evento o expoente musical máximo da uma instituição militar do regime e “o representante maior dos músicos de ‘intervenção’ que se opunha a esse mesmo regime” (Zamith, 2002:42).

### **3.2.2- O “internacional” chegava a Vilar de Mouros**

O tempo que a família de António Barge demoraria a estabilizar as suas contas serviria também para organizar um evento de magnitudes ainda maiores. “No rescaldo do bem-sucedido festival de 1968, António Barge decidiu fazer uma pausa para ganhar balanço para um projeto arrojado, que fizesse ecoar até à outra ponta de Portugal o nome de Vilar de Mouros” (Zamith, 2002:48). O Festival de Vilar de Mouros de 1971 ganhava forma.

Muitos críticos consideram este evento como o marco principal do Festival de Vilar de Mouros, o primeiro a trazer artistas estrangeiros com influências a nível mundial. “foi em 1971 que, e apesar da ditadura, se produziu em Portugal a primeira grande edição do Festival de Vilar de Mouros, e o até então maior festival de sempre no país” (Sumares, 2009). Em 1971 completavam-se 900 anos da doação de Vilar de Mouros à Sé de Tui pelo rei D. Garcia da Galiza. António Barge utilizaria o nono centenário dessa doação como pretexto para um novo festival. (Zamith, 2002)

O evento ganhou forma e os espetáculos ficaram marcados para os fins-de-semana entre os dias 31 de Julho e 15 de Agosto de 1971, sendo o fim-de-semana de 7 e 8 de Agosto dedicado à “música moderna para a juventude”. As atuações de diferentes estilos abarcavam o tradicional, o fado, o rock e o pop e as presenças foram as mais variadas a nível nacional. Elton John e Manfred Mann foram os artistas estrangeiros que aceitaram o convite para o fim-de-semana de 7 e 8 de Agosto. Bandas como os Rolling Stones, Pink Floyd ou os Beatles fizeram também parte das escolhas de António Augusto Barge, mas foi impossível trazê-los a Portugal. (Sumares, 2009)

O primeiro fim-de-semana do festival tinha como maior atrativo o espetáculo de sábado, dia 31 de Julho, a primeira audição mundial da cantata em duas partes “Don

Garcia”. Apesar de se tratar de uma estreia a afluência do público ficou muito aquém das expectativas de António Barge. (Zamith, 2002)

O fim-de-semana que acabaria por marcar a edição do festival de 1971 seria o de 7 e 8 de Agosto, com a atuação de Manfred Mann e Elton John. Tal como em Bethel, cidade onde foi organizado o Woodstock, a população e as infraestruturas não estavam preparadas para receber uma tão grande afluência de público. «Com mochilas às costas e à boleia caminhavam em busca de música diferente. Como em Woodstock as estradas encheram-se de carros impedindo a circulação e nos campos verdejantes de Vilar de Mouros ergueu-se uma “aldeia de lona” onde campistas “tocaram viola, cantaram, dançaram e respiraram ar livre”» (Sumares, 2009)

Tozé Brito, que fazia parte da banda Quarteto 1111 onde entrava também José Cid, dizia em entrevista ao Jornal “i” em 2011, “Estávamos na pré-história dos festivais, o Woodstock tinha sido dois anos antes e nunca se tinha visto nada assim em Portugal. Foi um momento mágico de liberdade controlada. A PIDE<sup>15</sup> estava por lá mas não interferiu”. Os jovens sentiam que a liberdade aumentava durante o tempo de festa. A PIDE fazia vista larga em certos casos, mas a simples presença da Polícia do Estado já servia como freio aos anseios dos jovens.

Maria Amélia Barge<sup>16</sup> reconheceu que o festival de Bethel foi determinante para António Barge na hora de planear o festival: “Embora todo o programa seja de interesse para todas as idades, não queremos deixar de dedicar à juventude em especial um Festival Internacional de Música Moderna”. (Barge cit. Zamith, 2002:51)

### **3.2.3- A reação (in)esperada**

A verdade é que a afluência seria superior à esperada. A reação do público aos concertos é que deixou uma sensação de pouca satisfação, facto que viria a ser constatado e explicado pelo organizador e por alguns críticos musicais da época.

As palavras que António Barge disferiu aquando do assunto da apatia: “Eu vejo as coisas deste modo: tenho a impressão que o público talvez não tenha gostado dos conjuntos. Mas creio que não foi essa a verdadeira razão. Eu creio que o que houve foi uma certa maturidade, sem aqueles histerismos que não fazem falta nenhuma. Creio que o público se manifestou o suficiente, digamos assim” (Zamith, 2002:65)

---

<sup>15</sup> Polícia Internacional e de Defesa do Estado, foi uma polícia existente em Portugal entre 1945 e 1969. Apesar de ser, hoje em dia, sobretudo conhecida como polícia política, as funções da PIDE eram bastante mais abrangentes, sendo especialmente importantes as suas funções nos setores dos serviços de estrangeiros, fronteiras e segurança do Estado.

<sup>16</sup> Esposa de António Barge

A apatia do público acabaria por se tornar uma marca do festival. Os jovens não estavam habituados a ter liberdade, nunca antes se tinha visto uma massa populacional tão grande reunida para assistir a um evento cultural. Os jovens estavam receosos quanto à censura e à possível repreensão por parte da Polícia do Estado. (Sumares, 2011)

“A apatia do público foi a nota dominante de todo o festival. A falta de hábitos de liberdade, o receio de ter atitudes incompreendidas, a inexperiência de quem não sabe reagir perante um acontecimento novo e diferente...” (Zamith, 2002:79)

Tito Lívio, crítico da época, acabaria por escrever na “Mundo da Canção”, revista musical: “Vilar de Mouros foi a constatação de uma incultura musical, quer pela escassez de apoio do estado, quer pelo amadorismo dos conjuntos portugueses, quer ainda pela mentalidade carneiral da maioria dos espectadores presentes”.

O último fim-de-semana de festival seria o de 14 e 15 de Agosto, agora com as atuações de Duo Ouro Negro e de Amália Rodrigues. Tal como se esperava, a afluência de público esteve muito abaixo dos números atingidos na semana anterior.

Estava no fim aquele que é considerado por muitos, o primeiro Festival de Vilar de Mouros e por muitos tratado como o Woodstock português. A população da zona mostrou-se agradada pelos esforços do organizador, nunca tinham visto tanta gente junta. Haveria que mudar algumas coisas a nível de logística, mas mostrava-se que o festival podia trazer bastantes benefícios para a população, tanto a nível de comércio como de turismo. O evento atraiu milhares de pessoas e os nomes de Vilar de Mouros e de António Barge eram já conhecidos.

### **3.2.4- Vilar de Mouros com liberdade de expressão**

Com o 25 de Abril de 1974 e o sentimento de liberdade que pairava no ar, António Barge achava possível que o festival se repetisse no ano seguinte. O que não viria a acontecer. “A conturbada situação política do país, com ameaça de guerra civil e o chamado ‘Verão Quente’ de 75, levaram ao cancelamento do festival. Apesar de se respirar liberdade, o ‘jejum’ iria prolongar-se por mais sete anos” (Zamith, 2002).

Passados onze anos o Festival de Vilar de Mouros viria a ser organizado outra vez, agora com a intervenção da Câmara Municipal de Caminha e da Junta de Freguesia de Vilar de Mouros. Vivia-se o “boom” do rock português. A reedição do Woodstock português estava em marcha, e durante dois anos fizeram parte das preocupações da Câmara, da Junta de Freguesia e da própria população, os aspetos que falharam na

edição de 1971. O festival de 1982 já não seguiria a estrutura de apresentações do anterior, agora o evento duraria 8 dias, com concertos e espetáculos todos os dias. O objetivo era segurar o público em Vilar de Mouros o máximo de tempo possível. (Zamith, 2002)

A organização já não se cingia apenas a António Barge. António Victorino d'Almeida, Rui Neves, Jorge Lima Barreto<sup>17</sup> e Rui Simões<sup>18</sup> foram nomes ligados à música escolhidos por Pita Guerreiro (Presidente da Câmara) para ajudar na organização do festival. Armando Ranhada, então Presidente da Junta de Freguesia de Vilar de Mouros, Francisco Sampaio, que fazia parte da Comissão Regional do Turismo do Alto Minho e Alfredo Mourão, então jornalista do diário “A Capital” foram também chamados pelo presidente para ajudar na organização, cada um dentro do seu ambiente e área de conhecimento.

Bandas como U2, The Stranglers, Echo & The Bunny Man ou Durutti Column fizeram parte dum cartaz que “corria” toda uma panóplia de estilos, do jazz ao rock, do folclore à música clássica. Apesar de várias picardias e confrontos entre organizadores o festival estava cada vez mais próximo e o objetivo final era o mesmo- dar visibilidade à zona e promover o turismo local. (Zamith, 2002)

O festival acabaria por ter início no dia 31 de Julho de 1982 e seria o primeiro Festival de Vilar de Mouros pós 25 de Abril. O festival começava com a intervenção do seu mais efusivo organizador: “Maravilhoso!...Vitória!...Loucura!...controlada...sem medicamentos nem camisas de forças...Loucura...controlada...só pela vossa inteligência e amor...obrigado! Voltem sempre!”, estas foram as palavras de doutor Barge quando subiu ao palco do dia 31 de Julho. O clima de liberdade era maior que nunca, os jovens aproveitavam o rio Coura para fazer nudismo e apanhar banhos de sol, o cheiro a marijuana pairava no ar. Este sim, já se parecia mais com o mítico festival de Bethel, já fazia jus à referência criada em 1971 de Woodstock português. Havia liberdade.

Os problemas foram aparecendo. Horários dos espetáculos trocados, artistas que não sabiam quando atuavam entre outro tipo de problemas marcaram a edição de 1982. O festival acabaria por ser apelidado de “Festival das Broncas” pelo semanário “Ponto” na edição de 12 de Agosto de 1982.

---

<sup>17</sup> Compositor/ intérprete (piano, polinstrumentismo acústico e eletrónico) e musicólogo. Em 1968 criou a Associação de Música Conceptual

<sup>18</sup> Cineasta português que se caracteriza pela prática do documentário histórico, visto como cinema militante, de intervenção política, e ainda pela realização de documentários em vídeo e de gravações de peças de teatro e de bailado.

O festival chegava ao fim e apesar de todos os problemas, o público saía satisfeito e “mesmo depois de nove dias ‘loucos’, carregados de tensão entre organizadores e produtores, o festival de 82 acabava ainda com a promessa do regresso em 84. Mas estava mais do que garantido que os protagonistas não seriam os mesmos” (Zamith, 2002:127). Um aspeto interessante a ter em conta passa pelo choque entre dois mundos distintos, o encontro de “uma comunidade bastante fechada em torno de práticas agrícolas, num concelho periférico do norte de Portugal (...) com uma comunidade de jovens envolvidos em práticas de libertação e transgressão, sem grandes limites para os seus comportamentos” (Sarmiento, 2007). As pilhagens aos campos de milho e às hortas e o nudismo criaram um certo mal-estar, o que faria com que a população se distanciasse emocionalmente deste tipo de festival. Desta vez, e ao contrário do que tinha sucedido nas edições anteriores, o choque cultural não foi abonatório para Vilar de Mouros, o “acelerar” dos ideais de liberdade dos jovens que visitaram o festival foi muito mais rápido do que as mudanças culturais dentro da aldeia depois do 25 de Abril. A população não estava preparada para assistir a determinados comportamentos, demasiado liberais.

O festival prometido de 1984 acabaria por não acontecer. Vários foram os entraves a nível partidário e mesmo da parte da população. Os moradores da zona não percebiam porque se dava tanta ênfase a um festival que pretendia atrair turismo para Vilar de Mouros e não se resolviam os problemas que a população enfrentava no dia-a-dia. (Zamith, 2002).

### **3.2.5- A “falsa” réplica**

O Festival de Vilar de Mouros acabaria por regressar em 1996, agora com uma organização profissional. A empresa organizadora de eventos “Música no Coração” era agora responsável pelo evento. O festival tinha agora uma nova marca de referência, a imagem do rio e das azenhas era posta em segundo plano e uma vaca preta com uma mancha branca em forma de guitarra servia agora de logótipo. A mensagem continuava a mesma, o ruralismo do festival era o maior “trunfo”. A organização teve que convencer a população que não iria faltar comida (para evitar os roubos de espigas de milho e fruta do evento anterior), que traria trabalho temporário para os jovens da região e que mais do que qualquer outra coisa, iria impulsionar o comércio local (Zamith, 2002).

O festival teve início no dia 9 de Agosto e desde logo se percebeu que a afluência de público seria enorme. No segundo dia já a organização apelava para que mais ninguém (sem bilhete previamente comprado) se dirigisse para Vilar de Mouros. O festival que pretendia lembrar os 25 anos passados desde 1971 pouco fez recordar esses tempos. A excessiva organização, os seguranças e o gigante palco armado, poucas referências faziam a tal tempo bucólico e pacífico que até então caracterizava o Festival. (Zamith, 2002)

Tal como aconteceu com o Woodstock, Music and Arts Fair, tornou-se quase impossível replicar os primeiros festivais devido aos ideais que moviam as pessoas nos primeiros eventos. Os quadros culturais mudam, os valores mudam, e os comportamentos mudam ao mesmo ritmo. O festival que pela primeira vez deu lucro, agora organizado por uma empresa privada, viria a entrar em interregno mais uma vez. Foi necessário alargar o terreno onde o festival era organizado. Ao terreno agora pertencente à Junta de Freguesia foi dado o nome de “Largo Dr. António Barge” como forma de agradecimento ao esforço feito pelo primeiro organizador do festival. Em 1999 o festival voltou a acontecer, agora sem interregno até 2006 e com o merchandising da Super Bock. O festival era agora organizado pela Música no Coração<sup>19</sup> em conjunto com a Porto&ventos<sup>20</sup>. A cada ano que passava as organizações traziam artistas com maior influência a nível internacional. Beck, Ben Harper, Megadeath, Rammstein, Manu Chao, Guano Apes, HIM, Bob Dylan ou Peter Gabriel são alguns dos mais conhecidos. A não ser pelos pequenos espetáculos realizados durante a tarde ou início de noite no já “ultrapassado” palco de betão, o festival começava a tornar-se apenas em mais um festival de rock e música moderna, perdendo assim grande parte da sua identidade. Alguns acusam as empresas de deixarem cair por terra a principal mensagem do festival que ganhou o título de “Woodstock português” e que passou a ser apenas mais um festival de verão, igual a tantos outros que apareciam em Portugal no início da década de 2000.

Em 2007 o festival foi cancelado devido a discordâncias entre as partes envolvidas na organização e até à atualidade essas discordâncias ainda não foram resolvidas. O festival que colocou a pacata aldeia de Vilar de Mouros no mapa aguarda então que todos estes entraves sejam ultrapassados para trazer à região a alegria e o entusiasmo das “novas” e das “antigas” gerações que outrora por lá passaram.

---

<sup>19</sup> Empresa organizadora de eventos, sediada na cidade do Porto.

<sup>20</sup> Empresa organizadora de eventos, sediada na cidade do porto

## 4-Tribos urbanas

O dinamismo da vida contemporânea e a intensificação dos fluxos humanos parecem ter conferido maior importância aos grupos de pares de adolescentes e jovens. “O grupo parece representar uma fonte de socialização menos repressiva que a família” (Marques,1996 cit. Oliveira et al. 2003:63). O grupo de pares constitui assim um contexto interativo com regras menos rígidas que as da família, alargando os horizontes da experimentação e concedendo ao indivíduo uma margem de possibilidades e ensaios de alternativas subjetivas que a família de origem não oferece (Oliveira et al. 2003:69).

A maioria dos indivíduos que se integram nas designadas “tribos urbanas” admite que o grupo se trata de uma segunda família, um contexto onde encontram apoio, liberdade de expressão e aceitação das suas características pessoais.

Se seguirmos a visão de Michel Maffesoli, primeiro investigador a utilizar o termo “tribo urbana”, podemos constatar que os jovens ao seguir um determinado estilo musical podem acabar por ser introduzidos em determinado grupo, ou tribo, sem que essa fosse a sua prioridade. Para que o grupo de pares seja uniforme não basta que os gostos musicais sejam semelhantes. A maneira de vestir e outros comportamentos são características de cada indivíduo que o grupo terá que aceitar. Assim sendo, Maffesoli define “tribos urbanas” como “agrupamentos semi-estruturados constituídos predominantemente por pessoas que se aproximam pela identificação comum a rituais e elementos da cultura que expressam valores e estilos de vida, moda, música e lazer típicos de um espaço-tempo” (Maffesoli, 2000 cit. Oliveira et al.,2003:63).

Na atualidade, verifica-se que a maioria dos jovens apenas se apropria, momentaneamente e sem compromisso, dos elementos estéticos de algumas “tribos urbanas”, não seguindo a preceito os códigos, ideais ou comportamentos característicos desses grupos de pares (Sousa et al., 2012).

O conceito de “tribos urbanas” servirá também para fazer uma diferenciação entre ravers e clubbers. Se entre os ravers existem valores bem definidos, crenças bem patentes que por vezes são levadas ao extremo, uma forte ligação pessoal entre os indivíduos e uma maneira de vestir que caracteriza o grupo, teremos que retirar o grupo dos clubbers da infinidade de “tribos urbanas” criadas ao longo do tempo. Seria legítimo considerar os clubbers uma tribo urbana nos primórdios das festas de música alternativa, quando as festas não tinham qualquer tipo de publicidade devido à sua

ilegalidade. Os indivíduos teriam que manter-se em grupos, mais ou menos fechados para com a comunidade, para terem conhecimento dos eventos. Isto faria com que as relações se criassem de indivíduo para indivíduo, criando assim fortes laços entre o próprio e o grupo. Na atualidade o clubber não tem um grupo de pares limitado à comunidade. O clubber não tem uma maneira de vestir característica que seria um dos parâmetros mais importantes duma “tribo urbana”. O simples facto dos clubbers não terem fortes ideologias e de se misturarem facilmente, e por vontade própria, com o resto da população em contexto de lazer já deve servir por si só para que este grupo noturno seja um grupo complexo, mas diferente de uma “tribo urbana”.

No caso dos ravers, o conceito de “tribo urbana” aplica-se perfeitamente. Tanto no início destas festas, como na atualidade. Os ideais deste grupo estão bem patentes nos seus comportamentos. Mesmo durante a passagem das raves para as festas de trance, os indivíduos mantiveram os valores “neo-hippies”, com os penteados que os caracterizavam há três ou quatro décadas, as rastas, as mesmas roupas com cores berrantes, na maioria dos casos descuidadas, e os ideais PLUR<sup>21</sup>. Os grupos podem ser mais ou menos fechados para com a comunidade em geral ou até se tornam por vezes comunidades fechadas ao exterior.

Segundo Michel Maffesoli, o que caracteriza uma “tribo urbana” é a imagem estética, a identificação entre os indivíduos em torno das práticas de lazer e a preferência por um mesmo estilo musical. No caso dos ravers estão os três pontos bem presentes. No caso dos clubbers apenas a preferência musical une mais fortemente os indivíduos, pois as obrigações do dia-a-dia obrigam a um corte relacional com o grupo noturno.

## **5- As raves e a emergência de uma nova tendência: o clubbing**

Para uma melhor perceção das alterações ocorridas ao longo do tempo dentro do ambiente “rave” e do ambiente noturno, será feita uma diferenciação entre o conceito de “rave” como festa organizada ao ar livre desde meados da década de 1970 até aos anos 2000 e as novas festas de música eletrónica que aparecem cada vez com mais frequência

---

<sup>21</sup> Peace, Love, Unity and Respect

e mais afluência a partir do século XXI. Esta diferenciação de tempos não quer dizer que os dois tipos não coexistam em simultâneo (continuam a existir “raves” na atualidade e as festas de música eletrónica já existiam no final do século XX), mas apenas que nos primórdios as “raves” aconteciam mais regularmente e em mais locais espalhados pelo mundo e as festas de música eletrónica apenas em alguns clubs dedicados ao techno, ao minimal e ao drum and bass. Na atualidade, a tendência inverteu-se: em qualquer país, em qualquer cidade, podemos encontrar clubs que se dizem dinamizadores dos estilos musicais mais recentes, mas para que possamos participar numa “rave” com os traços característicos do evento e que seja minimamente similar aos primeiros eventos deste género, quer a nível de ideais e símbolos, quer a nível de vestimentas e consumos, têm de ser os consumidores, a procurar a informação e fazer uma infinidade de quilómetros para poder participar no evento. Convém ressaltar que uma “rave” é uma festa de música eletrónica, como poderemos constatar no decorrer da investigação. Para melhor entender as diferenças, o investigador achou por bem dar o nome de “festas de música eletrónica” a todas as outras festas de diferentes estilos (techno, minimal, electro, drum and bass, etc) e deixar a designação “rave” apenas referente às festas de trance e aos primeiros festivais organizados na década de 60. No decorrer da investigação o leitor vai perceber o porquê desta separação de estilos e de tempos.

No decorrer da investigação constatou-se que a maioria dos autores substitui as características do indivíduo quando este está presente nas “raves” ou nas festas de música eletrónica (techno, minimal, drum and bass...) pois afirmam que este deixa de atuar como individual e passa a fazer parte dum determinado grupo. O indivíduo deixa de atuar como um ser isolado, e ao invés disso, é tratado apenas como uma parte integrante do grupo.

## **5.1-As “novas” raves: as festas de trance**

De todas as narrativas que se encarregam de datar o surgimento das “novas raves”, a versão que mais se destaca e mais utilizada pelos pesquisadores, conta que esse tipo de festa nasceu nas praias de Goa, na Índia. “No final dos anos setenta, desiludidos com o ideário individualista e repressivo que se consolidava nos Estados Unidos e na Europa, dissidentes do movimento hippie partiram rumo ao Oriente em

busca da “espiritualidade perdida”. (Anunção, 2010:196) O hibridismo resultante da junção entre a música eletrónica ocidental e o transcendentalismo das sonoridades indianas desencadeou o surgimento do GoaTrance. “Esse tipo de música eletrónica embalava celebrações que resgatavam o lema contracultural “paz e amor”, acrescentando-lhe doses generosas da simbologia e religiosidade indiana” (Anunção,2010:196).

Fundamentada no contexto hippie de surgimento da música eletrónica psicadélica, desenvolveu-se a cultura trance. “baseia-se nos princípios PLUR, de paz, amor, união e respeito. Vem temperada com elementos neo-hippies de culto às drogas e à liberdade; tem traços da contracultura “freak” europeia; e levanta bandeiras de proteção ao ambiente, vegetarianismo e oposição às autoridades estabelecidas” (Chiaverini, 2009:51). Estas raves despoletaram então pelo mundo ocidental como uma reprodução do clássico Woodstock e acabariam por ser, em termos de ideais e de comportamentos, as festas com mais semelhanças ao mítico festival de Bethel. Como poderemos constatar no seguimento da investigação, é a este tipo de festivais de trance que os jovens da atualidade, que se identificam com a cultura hippie, se dirigem - as verdadeiras “raves dos tempos modernos”.

As “raves” de Goa tinham lugar em praias que faziam com que os participantes entrassem em contacto íntimo e gratuito com a natureza, e a música psicadélica era tocada durante vários dias. O improvisado era uma das características deste tipo de festas, a organização era feita de forma coletiva e sem expectativa de lucro. “Os dj’s tocavam em troca da satisfação espiritual do público que retribuía aquela imanência xamânica transcendendo através da dança” (Anunção, 2010:197). A grande maioria dos jovens que visitava Goa, com a vontade de participar nos festivais, estava interessada em experimentar todo aquele ambiente que oferecia possibilidades de expansão da consciência e libertação frente ao individualismo vigente no ocidente.

“Uma grande parte do conceito das raves é baseada na sobrecarga dos sentidos. Uma panóplia de estímulos audiovisuais é conjugada para elevar os frequentadores a um estado de existência física e psicológica, muitas vezes induzido pelo consumo de drogas, nomeadamente, ecstasy, LSD e anfetaminas” (Valente, 2004:75).

A decoração presente nos espaços onde eram organizadas estas festas era tradicionalmente conhecida pelo seu carácter lúdico e místico. Aliada à música psicadélica, funciona como um mecanismo sinestésico de auxílio à busca dos participantes por um determinado estado de espírito.

“Nos festivais ou nas “raves conceito” a criação de paraísos artificiais no ambiente das festas ainda é item da planilha de gastos dos organizadores. No entanto, na maioria das festas da atualidade é perceptível o descaso com a ornamentação dos ambientes, as tradicionais estruturas geométricas, panos e desenhos fluorescentes ou as temáticas mitológico-orientais já compõem o áureo passado psicadélico das raves”. (Anunciação, 2010:196)

## **5.2-O misticismo da rave**

Levi- Strauss apresenta uma concepção que acredito ser capaz de ajudar o leitor a entender melhor o sentido da música eletrônica apresentada nestas “raves”. Na sua obra *Mito e significado* (1978), Levi-Strauss afirma haver uma similaridade de método entre a análise do mito e a compreensão da música. Hoje em dia podemos constatar que as teorias do autor, em relação a este ambiente, não se aplicam apenas às festas de trance (descendentes das “raves” de Goa) mas também às festas de música alternativa da atualidade. “O prazer de ouvir uma sinfonia estaria na capacidade do ouvinte em relacionar o que está a ouvir com o que ouviu antes, mantendo a consciência da “totalidade da música”, isto é, do percurso dinâmico que segue, do início ao fim através do tempo. Desta forma, a relação entre o ouvinte e a música erudita de concerto seria uma relação intelectual, consciente ou inconsciente, pela intelecção de que depende o ouvinte para o alcance da “fruição prazerosa” neste género musical” (Fontanari, 2003:93). Para Levi- Strauss “só se pode entender e sentir a música se para cada variação se tiver em mente o tema que se ouviu em primeiro lugar; cada variação musical tem um sabor musical que lhe é próprio se se conseguir relacionar a mesma inconscientemente com a variação escutada anteriormente. Há pois uma espécie de reconstrução contínua que se desenvolve na mente do ouvinte da música ou de uma história mitológica.” (Levi- Strauss, 1978:72) Esta totalidade é chamada de *vibe*, e como experiência musical e sensorial estaria mais próxima da dimensão sensível que intelectual, pois ocorre pela participação, e não pela observação na condição de plateia como no caso da música de concerto. A música eletrônica não seria “boa para pensar”, máxima atribuída a Levi- Strauss em relação à superação do pensamento funcionalista, mas “boa para não pensar”, para se entrar em transe na festa. ”Além do caracter ostento/hipnótico, o modo como é executada ritualmente a música eletrônica torna-a

temporalmente- e também em intensidade- desproporcional em relação às capacidades perceptivas conscientes do ser humano, tal como Levi- Strauss (1978) as definiu em relação à apreensão da música de concerto, talvez mais adequada às da “máquina”. (Fontanari, 2003)

### **5.3- A cultura “raver”**

A cultura “raver” foi desde sempre encarada como uma subcultura juvenil, mas cada vez mais se pode perceber que não eram, ou são, somente os jovens que frequentam este tipo de festas. Todo o tipo de indivíduos, independentemente da classe social ou da faixa etária se tornava cada vez mais adeptos desta subcultura das “raves”. Com o passar do tempo foi criado uma espécie de movimento “raver”, movimento com características únicas, pois assumia um conjunto de valores, estilos de vida e princípios ideológicos que se opunham à realidade da sociedade na qual os indivíduos que participavam nas festas se inseriam.

Para Steve Redhead (1993:24) “a emergência do movimento raver é o resultado de um ciclo revivalista que transformou o passado num presente permanentemente dançável” (cit, Azevedo, 1998:89). “A relação que se estabelece entre os anos 60, o consumo de LSD e a geração hippie, é semelhante àquela que se atribui ao fenómeno dos ravers, adeptos do ecstasy, nos finais da década de 80 e 90. É como se em épocas distintas a droga funcionasse como um catalisador de todo um conjunto de vivências e experiências alternativas” (Azevedo, 1998:89).

Segundo Eunice Azevedo (1998), as primeiras raves a acontecer em Portugal tiveram lugar em 1992. Foram organizadas em antigos barracões de Lisboa, na zona do Poço do Bispo, e começaram com o mesmo carácter clandestino que caracterizou as primeiras raves do Reino Unido. Nesse mesmo ano surge a Kaos, a primeira produtora de eventos musicais que se dedicou a esse tipo de eventos e que tentou fazer com que estes eventos ganhassem um cunho mais profissional e saíssem da ilegalidade que até à data era sua característica. A designação de festa rave, surge um tanto desajustava no que concerne ao nosso país, “os portugueses não organizavam raves no sentido underground do termo. O que as nossas festas têm de “underground” é a música, a

moda, a atitude e, obviamente, o consumo ilegal de drogas. Manteve-se a aventura mas não a total clandestinidade” (Azevedo, 1998:90)

A primeira rave que marcou a época e que foi realizada num recinto histórico teve lugar no castelo de Montemor-o-Velho, uma “Medieval Rave”, em 1994, que seria organizada pela Kaos<sup>22</sup>. No ano seguinte e no mesmo local, foi organizada a mesma festa mas desta vez a publicidade tinha sido aumentada e o cartaz melhorado o que fez com que a adesão dos participantes aumentasse exponencialmente. Integrada num roteiro de festas que trouxe ao nosso país ravers vindos de vários países europeus e que recebeu o nome de “ A week of dance music in a Paradise called Portugal”, depois outras festas se seguiram em vários castelos e conventos do país, organizadas por diferentes promotoras. (Azevedo, 1998:90)

No mundo das raves existem diferentes tipos de celebrações, diferentes tipos de música, de consumo de substâncias, de comportamentos e estilos de vida. Na modernidade os indivíduos ganharam uma maior possibilidade de escolha, são os próprios “a serem responsáveis pelo seu destino, pela sua sobrevivência e pela sua segurança, gestores individuais das suas trajetórias sociais sem dependências nem planos predeterminados” (Santos, 1995 cit. Mitjavila, 2004:74). A individualização a que fomos sendo conduzidos faz com que cada indivíduo seja forçado a fazer escolhas: com quem casar, ter filhos ou não, definir preferências sexuais, gostos musicais, grupo de pares, etc. O indivíduo torna-se, de certo modo, responsável pela formação do seu self e da imagem que transmite para o resto da população. “Livres de pressões estruturais, os indivíduos devem construir reflexivamente as suas próprias biografias” (Mitjavila, 2004:72). O modo como cada indivíduo utiliza o seu tempo livre ganha especial relevância se tivermos em atenção que será essa uma das escolhas que melhor caracterizará a sua identidade.

Se optarmos pela visão de Durkheim sobre as solidariedades podemos então fazer uma diferenciação entre o ambiente externo e interno das raves. Na sociedade atual está muito desenvolvida a divisão social do trabalho. Cada um tem uma função específica (solidariedade orgânica), os indivíduos são diferentes e cada um preenche uma função diferente na sociedade de maneira a complementarem-se, tornando-se assim todos indispensáveis à vida social. Dentro do ambiente “raver” podemos afirmar que se mantém uma solidariedade mecânica, os indivíduos diferem pouco uns dos outros e por isso mesmo há coesão social, estes “entendem-se” porque têm todos o mesmo objetivo.

---

<sup>22</sup> Kaos records Portugal. Empresa discográfica sediada em Lisboa.

Segundo Durkheim, prevalece uma solidariedade mecânica nas sociedades em que “membros de uma mesma coletividade assemelham-se porque experimentam os mesmos sentimentos, porque aderem aos mesmos valores, porque reconhecem o mesmo sagrado.” (Aron, 1994 cit Valente, 2004:89).

“Desde meados do século XX que as subculturas juvenis estão associadas a vários estilos de música popular. Foi em torno da música que muitas subculturas construíram a sua identidade, marcando posição face a outras. A música, ainda que elemento central na construção de comunidades juvenis, é apenas um entre vários elementos identitários, como o estilo de vestir, as aspirações sociais, as práticas culturais, bem como todo um conjunto de modos de comportamento, normas e valores” (Calado, 2006: 32).

#### **5.4- O início do fim da era “raver”**

Durante a década de 80 as festas começaram a espalhar-se pelo mundo todo, mas foi na Alemanha, em Inglaterra e em Ibiza que mais se fizeram sentir e que maiores marcas deixaram nos seus frequentadores. Segundo conta Nicolas Saunders no seu livro *Ecstasy and the culture Dance*, as primeiras “raves” organizadas em Ibiza ocorreram em 1987 e a junção de música eletrónica pop, ecstasy, o ambiente paradisíaco da ilha e o desejo das pessoas em festejarem sem parar estimulou ainda mais a vontade de organizar este tipo de eventos que durassem dias e dias. É preciso ter em consideração que estas festas em Ibiza já chamavam um público diferente das festas de Goa. Era notável o desaparecimento da máxima do “paz e amor” nas transformações do universo estético das “raves”. A valorização excessiva do corpo, fenómeno comum na pós-modernidade, ganhou mais espaço do que o lema de respeito à diversidade proposto pela cultura trance. “As roupas de cores fluorescentes ou estampadas com desenhos psicadélicos, mandalas e divindades orientais eram já raridades nesse tipo de eventos. As variadas peças largas e confortáveis e os pés descalços compatíveis com o ambiente bucólico em que as festas eram organizadas caíram em desuso.” (Anunciação, 2010:196)

## **5.5-O Clubbing**

Começavam a aparecer os clubbers e a desaparecer os ravers. Jovens padronizados que ao ostentar nas suas roupas símbolos de marcas famosas pelos seus altos preços evidenciavam o carácter elitista que as festas começaram a adquirir. No final dos anos 80 estas festas tornaram-se populares em Inglaterra e eram organizadas em prédios abandonados ou em locais afastados dos centros urbanos. As festas eram divulgadas por meio de flyers e rádios piratas tentando nunca chamar a atenção da polícia. As “raves” começam então a ocupar um espaço mais pequeno dentro do ambiente noturno ao ritmo que as festas de música eletrónica (festas de Techno e Minimal) tendem a estar mais presentes na nossa sociedade, apesar de grande parte da população ainda sentir algum desconhecimento e desconfiança face a este tipo de festas. No senso comum, as festas de música eletrónica continuam a ser associadas ao consumo de drogas, mas na verdade estas festas não são apenas encontros de consumo abusivo de estupefacientes e de reunião de grupos com comportamentos desviantes. Estes “locais”, no espaço e no tempo, de diversão noturna, têm um carácter e uma identidade social mais complexa do que possamos vislumbrar numa primeira observação. Com o passar dos anos estas festas de música alternativa começaram a ganhar espaço nos mais diversos clubs das mais famosas e movimentadas cidades da Europa. Os indivíduos que até então teriam que percorrer grandes distâncias para apreciar aquele estilo de festa, podiam cada vez mais fazê-lo perto de casa. Este aumento exponencial de locais a organizar este tipo de festa fez com que os amantes do estilo conseguissem “chamar” cada vez mais público para os eventos, que até à data desconhecia este movimento, para as longas horas de festa. Muitos foram os indivíduos que iniciaram as suas vivências nesses ambientes apenas pelo carácter elitista que estas festas ganharam nos clubs, mas com uma frequência assídua o gosto pela música aparece e faz com que o objetivo inicial se transforme em algo secundário.

## **6-Trancers e clubbers na atualidade**

Ao longo das últimas décadas, os movimentos juvenis e as mentalidades dos indivíduos que faziam parte desses mesmos movimentos foram sendo alterados. Muitos

começaram a perceber que os ideais de vida que apenas seguiam o propósito da paz e do amor não chegavam para moldar o mundo à sua imagem. As festas à imagem das primeiras “raves” e das festas de Goa desapareciam a um ritmo acelerado. Este desaparecimento está ligado a várias mudanças sociais: os hippies, como apreciadores de música, eram cada vez menos: a música ganhava novas ramificações, possibilitando assim um maior leque de escolhas para os “novos jovens”: a contracultura desvanecia-se ao ritmo dos restantes comportamentos disruptivos dos jovens. Havia contudo quem se mantivesse fiel àquele estilo de vida e que com o desaparecimento das “raves” e das festas de Goa encontrasse uma alternativa que, não sendo exatamente igual, serviria para manter o espírito- as festas de trance como as conhecemos surgiam. Para um melhor encaminhamento e entendimento por parte do leitor, as festas de trance serão tratadas como sendo as “novas raves”, apesar de serem o mais parecidas possível com as primeiras festas ao ar livre. Victor Silva (2005) divide o movimento jovem presente no ambiente noturno em três subculturas: os adeptos do techno (clubbers), os adeptos do house (que não são objeto desta investigação) e os adeptos do trance (ravers ou trancers). Embora partilhem muitos comportamentos, cada subcultura terá o seu próprio conjunto de práticas e normas. (Silva, 2005 cit. Lopes et al. 2008:37)

## **6.1- A possibilidade de uma escolha**

Ao longo dos anos o ambiente noturno sofreu alterações que fizeram com que os indivíduos tivessem uma escolha nas suas mãos; dependendo dos seus valores e dos seus objetivos de vida essa escolha seria definitivamente algo de importante. O aparecimento de novos estilos de festa e de novas oportunidades de vida fez com que surgisse uma “ramificação” de escolhas. Alguns indivíduos decidiram seguir os passos dos ravers e tornaram-se frequentadores das festas de trance, outros fizeram parte do nascimento dos novos movimentos, e passaram a frequentar os clubs ou as festas de música alternativa. Estas alterações dos locais frequentados aplicam-se apenas aos amantes da música em questão ou aos fiéis seguidores de algum tipo de ideais. O público adepto do house, ou “não público” para a investigação limitou-se a frequentar as discotecas e ouvir o estilo que estivesse na moda, a música não era motivo para alterar os seus hábitos noturnos, pois o único objetivo desses indivíduos era encontrar-se com os seus pares ou o seu grupo, consumir álcool e fazer a festa, na maioria dos casos.

Podemos associar a estes “não casos” o movimento estudantil universitário da atualidade, onde o álcool toma posse dos corpos e o consumo de psico-estimulantes tem crescido mas ainda não atingiu o patamar alarmante das festas em estudo. Um caso de difícil abordagem é o dos festivais de verão que, por um lado, podem ser tratados como “não casos” para o estudo mas que, dependendo do festival, podem ter um público que se “transformará” durante a duração do mesmo e alterará as suas vivências. No final da abordagem dos estilos seguintes tentar-se-á criar uma linha que separe ou inclua estes indivíduos em determinado grupo.

## **6.2-Os fiéis seguidores da rave: os trancers**

Os casos em estudo exigem então uma melhor análise e estudo acerca das principais diferenças que se encontrarão entre os ravers (trancers) e os clubbers da atualidade.

Como foi dito anteriormente, os indivíduos que decidiram dar seguimento às práticas dos pioneiros das festas de Goa, foram obrigados a restringir-se a um estilo de festas - as festas de trance. Com a decadência do cenário das “raves”, o trance surge como alternativa de expressão dos indivíduos que querem estabelecer contacto com o naturalismo, o espírito e a música. Convém lembrar que a música é uma experiência social que está continuamente presente em grande parte das atividades humanas e que cria um espaço social específico, onde os indivíduos se tornam um coletivo com necessidades e objetivos comuns. Nas festas de trance o sentido dado à música ganha grande relevância. Os indivíduos partilham de crenças, valores e comportamentos sociais que têm implicações na formação tanto da identidade pessoal como duma identidade coletiva que ganha espaço nesse tipo de ambientes. O envolvimento emocional com a natureza e com o grupo presente no evento da festa faz com que o aglomerado de indivíduos se transforme num grupo cultural, numa identidade coletiva.

“A festa trance pode ser vista como uma celebração coletiva de uma subcultura, que procura fazer dela um ritual com elementos místicos e em comunhão com a natureza, na forma de dança e “transe” lúdico. Para este sentimento coletivo contribui o facto de os participantes estarem entre pares, junto de outros indivíduos que partilham os mesmos valores, longe de olhares públicos e sem a presença de porteiros e seguranças por exemplo” (Calado, 2006:65).

O consumo de LSD faz com que esse mesmo envolvimento se eleve a algo que as mentes mais “limpas” não conseguem atingir. Podemos constatar, ao longo da investigação, que os consumos de psico-estimulantes são relativamente constantes entre os indivíduos que participam nas festas de trance e que os próprios restringem os seus consumos a drogas que permitam “elevar” o seu estado de espírito. O LSD e os cogumelos alucinogénicos são as drogas prediletas dos trancers, mas o consumo de MDMA, ecstasy ou cannabinóides também se mantém presente nesse tipo de ambientes. “A valorização do psicadelismo explica o consumo de substâncias que dão acesso a alucinações várias, que deturpam os sentidos, que encenam a libertação de serotonina ou dopamina.” (Calado,2006:89)

No contexto das festas de trance não se pode deixar de referir algumas das tendências principais no que diz respeito ao consumo de drogas: a rejeição da heroína, e em menor grau, a rejeição do álcool, mantidos à parte por estarem associados a outros estilos de vida; o fascínio por substâncias psicadélicas e expansoras da consciência, o LSD como já tinha sido referido anteriormente; e a glorificação de substâncias naturais como os cogumelos mágicos vistos como inofensivos (Calado, 2007).

Os casos estudados durante a dissertação são os casos dos indivíduos que se mostram mais fiéis aos seus ideais, assim sendo podemos caracterizar estes “novos ravers” ou trancers como contestatários do sistema vigente, propondo contraculturas por vezes utópicas, e opositores aos valores dominantes das sociedades capitalistas como o trabalho, o dinheiro, propriedade privada e distinção de classe social. Estes indivíduos vivem num mundo onde a música e as drogas se tornam num “vórtice” do seu pensamento. ”Num certo sentido, a festa trance funciona como um “contra-quotidiano”, um evento delimitado no tempo e no espaço” segundo Vasco Calado, 2006. A festa funcionará como um “contra-quotidiano” para o público em geral, para os verdadeiros seguidores da filosofia “trancer”, será apenas mais um evento festivo e de reunião com os seus pares. A cultura trance não tenta mudar o mundo como tentaram fazê-lo os hippies, apenas tenta arranjar maneira de escapar deste. As suas filosofias de vida e estilos de vestuário trespassam a barreira das festas e mesmo não se adequando ao padrão da sociedade em que vivemos são encaradas como normais.

“O que torna único o movimento “trancer” é o facto de assumir um conjunto de valores e princípios ideológicos que, intencionalmente, se opõem ao modelo de sociedade atual, e também a particularidade de realizar as suas festas noturnas ao ar

livre em zonas não urbanizadas, no campo, em florestas, em zonas quanto mais remotas melhor.” (Calado, 2006:34)

A contracultura que marcou a década de 1960 ainda não perdeu importância para os indivíduos que ainda se identificam com este tipo de ambientes, alguns dos ideais da época dos hippies ainda são genuinamente adotados pelos frequentadores das festas de trance, nomeadamente o respeito pela natureza e pelos animais. Como afirmam Horta e Carvalho (cit. Calado, 2006:62) “A subcultura trance assenta num repescar do psicadelismo de outras décadas, atualizando o ideário hippie e outras utopias pacifistas”. Esta subcultura funde ao mesmo tempo elementos místicos, esotéricos, ambientalistas e new age entre outros tantos. O resultado é uma subcultura que, à semelhança de outras, se tem afirmado como uma contracultura.

### **6.3-Uma diferenciação de grupos**

Quando se parte para uma diferenciação entre os amantes dos diferentes estilos de música, neste caso, os ravers e os clubbers, tem que se ter em consideração que existem inúmeros casos de migração entre os grupos. Segundo os estudos e artigos abordados, essas migrações são mais significativas no que diz respeito à passagem de um indivíduo que frequenta festas de techno ou minimal para uma festa de trance. Isto não quer dizer que o indivíduo mudou os seus valores, os seus comportamentos ou o seu grupo de pares. Existe mais que um motivo para essa migração: a vontade de uma mudança num curto espaço de tempo ou a venda de psico-ativos, por parte dos dealers estão entre os principais.

“Existem igualmente situações em que o clubber, que mais ou menos frequentemente, vai a festas de outra fração club-(sub)cultural não manifesta qualquer intenção de mudar para essa mesma fração: é isso o que provavelmente acontece com a maioria dos amantes de techno que vão a festas de drum and bass ou de trance. Sendo vistos como intrusos ou, pelo menos, como membros não legítimos, eles próprios não se assumem identitariamente como trancers ou D’n’B’ers” (Azevedo, 1998:92).

Uma das diferenças mais demarcadas entre as duas sub-culturas abordadas é a questão dos estilos de vida dos indivíduos.

### **6.3.1-Ambientes de risco, estilos de vida e sectores de estilos de vida**

No que diz respeito ao consumo de substâncias psico-ativas, estas obtiveram um diferente protagonismo ao longo dos anos: massificaram-se, banalizaram-se, acentuou-se e generalizou-se a conotação negativa que lhes é associada. Situamo-nos então naquilo a que Giddens se refere como “ambientes de risco” e “estilos de vida”. Este clima de “risco” leva a um questionamento permanente - “que fazer? como agir? quem ser?” (Giddens, 1997:63). Assim sendo, torna-se necessário fazer escolhas quanto ao estilo de vida, visto que se acentuaram as diferenças entre os riscos voluntariamente ocorridos e os que decorrem dos constrangimentos da vida social. Estas demarcações de tempos e de estilos não se referem apenas ao consumo das substâncias mas também aos comportamentos dos indivíduos dentro e fora do ambiente festivo que costumam frequentar. (Lima, 2011)

“A noção de estilo de vida soa algo trivial porque é muitas vezes pensada apenas em termos de um consumismo superficial: os estilos de vida são sugeridos por revistas vistosas e imagens publicitárias. Mas passa-se qualquer coisa de muito mais fundamental do que uma tal conceção sugere: em condições de modernidade tardia, não só todos nós prosseguimos estilos de vida, como somos sobremaneira forçados a isso – não temos outra escolha senão escolher. Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo adota, não só porque essas práticas satisfazem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade” (Giddens, 1997 cit. Lima, 2011:34).

Giddens não fala apenas nos estilos de vida; o autor aborda também as alterações pontuais nas vivências de cada indivíduo, tratando essa separação de tempos como sectores de estilos de vida, como se fossem partes das vivências dos indivíduos em que estes se abstêm da sua realidade social do dia-a-dia e levam a cabo práticas que não coincidem com o seu “principal” estilo de vida. (Lima, 2011) Por exemplo, aquilo que se faz em certas noites da semana, ou aos fins-de-semana, por contraste com os outros momentos da semana. “Em parte devido à existência de múltiplos ambientes de ação, as escolhas e atividades de estilos de vida tendem com grande frequência a ser segmentárias para o indivíduo: os modos de ação seguidos num contexto poderão variar mais ou menos substancialmente em relação aos adotados noutros contextos. Chamarei a estes segmentos sectores de estilos de vida. Um sector de estilo de vida diz respeito a uma “fatia” do espaço-tempo no total das atividades de um indivíduo, dentro do qual é

levado a cabo um conjunto relativamente consistente e ordenado de práticas.” (Giddens, 1997:77,78).

Segundo a concepção de “estilo de vida” de Giddens, pode-se constatar que a diferença entre os trancers e os clubbers ganha um novo fôlego. Apesar de se tratar de duas sub-culturas que se baseiam nos mesmos princípios, sociologicamente e antropologicamente falando, que nascem pelo amor à música, pelo amor aos pares e pelo amor ao ambiente festivo, estas duas vertentes culturais diferenciam-se completamente no que diz respeito a estes estilos de vida e conseqüentemente nos sectores de estilos de vida. Como foi estudado anteriormente, os trancers adotam um estilo de vida que não faz demarcação de espaços, o ambiente que estes encontram nas festas é o ambiente que desejam para o seu dia-a-dia, os ideais que defendem são tão fortes dentro do ambiente festivo como nas vivências do quotidiano, na maioria dos casos as próprias roupas e estilos trespassam a barreira da festa e mantêm-se diariamente. O ponto mais importante a abordar será o dos consumos de estupefacientes, no que concerne à separação de tempos. No caso dos trancers esse consumo mantêm-se para além do ambiente festivo, não se pode afirmar que estes consomem substâncias todos os dias ou a todas as horas, mas o consumo trespassa a barreira das festividades. Dependendo da situação, a droga consumida será diferente, do LSD aos cogumelos alucinogénicos, da cannabis ao haxixe, tudo dependendo do grau de comprometimento com a “causa” e da situação em que se inserem. Os consumos irão depender de muitas circunstâncias mas o grau com que este é tomado como possibilidade é extremamente importante. Isto faz com que a demarcação dos sectores de estilos de vida seja muito ténue, o que não acontece no caso dos clubbers. No caso dos últimos, a linha que separa as práticas do quotidiano das práticas de consumos é bastante demarcada, como refere Susana Henriques.

“Nesta linha, as práticas de consumo das novas drogas parecem corresponder a opções de estilos de vida que, por sua vez, se inscrevem em sectores de estilos de vida mais ou menos alargados no total do espaço-tempo, e que se apresentam como distintivos face aos restantes momentos” (Henriques, 2002:66).

Os consumos de substâncias sintéticas inscrevem-se então nesses mesmos “sectores de estilos de vida”, na medida em que correspondem a um conjunto de práticas que o indivíduo leva a cabo numa parte do total do seu espaço-tempo, correspondendo a certas ocasiões, por contraste com as restantes.

Assim sendo, o lazer da maioria dos indivíduos clubbers terá uma ênfase de “não-tempo” onde o próprio estará livre das suas responsabilidades do dia-a-dia. O lazer ganha um estatuto de imensa importância para os indivíduos, não só pelo volume comercial que mobiliza, o dinheiro que vai investir nos tempos de fruição mas, sobretudo pelo significado que os indivíduos lhe atribuem de “ não-tempo”, onde não existem certas responsabilidades. Tempo este que não obriga à racionalidade do dia-a-dia. “É um tempo para encontrar, em simultâneo, o prazer, a pertença, o risco ordálico, o onírico, a sexualidade, a interioridade e a extensividade...por fim os limites que conduzem de novo ao real. É um tempo partilhado em locais que pela sua funcionalidade, pela estética direcionada a todos e a ninguém, pelo peso visual, se aproxima dos não-lugares de Marc Augé (1998), e esvaziamento banal dos espaços de encontro” (Melo,2007:31-32).

### **6.3.2 -O indivíduo em função do grupo ou o grupo em função do indivíduo?**

Ao tentar criar uma “barreira social” entre os trancers (ravers) e os clubbers segundo a idade, a classe social, o género, a cultura, a orientação sexual ou outra qualquer categoria usada para definir, explicar e justificar as várias formas de diferenciação social, foram aparecendo alguns entraves devido à falta de informação acerca do assunto. Com as diferentes leituras e diferentes abordagens seguidas durante a investigação foram conciliadas certas características que permitiram fazer uma separação entre indivíduos mas que apenas se aplica aos “fiéis” seguidores do estilo de música com o qual se identificam. Como já foi referido anteriormente, é difícil constatar certos fenómenos nesta área, pois grande parte dos indivíduos que frequentam estes espaços de diversão noturna fazem-no apenas esporadicamente, o que impede o investigador de inserir os mesmos num determinado grupo. Este fenómeno não pode ser tratado como se de uma ciência exata se tratasse, onde se cria uma barreira imaginária de separação e não existisse transferência de influências entre os dois lados. Assim sendo, a investigação terá como material de estudo as maiorias, as informações presentes neste capítulo tratarão um grupo abrangente de indivíduos tomando como referência os indivíduos mais “caracterizadores” desse mesmo grupo.

Segundo o sociólogo Pierre Bourdieu, o gosto e todo o comportamento de consumo é uma expressão de classe social, sendo que uma forma válida de caracterizar distintas classes sociais é analisar a maneira como estas expressam seus gostos na

música ou na arte por exemplo. Bourdieu criou o conceito de habitus, que procura explicar o porquê dos indivíduos fazerem certas escolhas em vez de outras, ou seja, a noção de habitus refere-se a escolhas, práticas, ações e situações quotidianas típicas que costumam estar associadas a determinada classe e à posição do indivíduo no espaço social.

A associação do trance ou do techno a determinada classe social passa então por uma escolha que é feita durante a formação do indivíduo, na sua juventude. No caso do trance pode-se defender a teoria de que essa escolha de estilo poderá mesmo influenciar a classe social e não o contrário. Independentemente da classe social da família de onde provém o indivíduo, um seguidor fiel desse estilo poderá mesmo desviar-se das características da sua classe de origem. A aversão ao consumismo e ao capitalismo fará com que o mesmo altere práticas em função da escolha por referência à mundividência raver. A maioria dos indivíduos frequentadores das festas de trance (trancers ou ravers) terá então um baixo grau de escolaridade, raros casos terão formação no ensino superior, pois será visto como desnecessário para o estilo de vida que escolheram. Quanto mais cedo, tendo em conta a idade dos indivíduos, estes escolherem este estilo, menos formação terão. Em certos casos, em que os pais sejam fiéis seguidores do modo de vida “trancer”, ou mesmo hippie em casos extremos, as crianças nem chegam a entrar no sistema escolar por vontade dos progenitores.

No caso dos clubbers a classe social tem enorme importância. As roupas cuidadas e os consumos, mais ou menos, conscientes que apenas são mantidos dentro do ambiente festivo fazem crer que a imagem que deixam para a sociedade é levada mais em conta que o possível exagero das próprias festas. Esse facto pode ser constatado muito facilmente pelo simples facto de nas festas de techno, minimal ou electro os porteiros estarem sempre presentes e se o “dress code”<sup>23</sup> não for seguido pelos participantes a entrada é proibida. Este maior conhecimento sobre o ambiente que rodeia as festas e sobre a sociedade terá enorme importância no que diz respeito aos consumos de estupefacientes. O conhecimento sobre os riscos dos consumos de psicoativos servem também para fazer uma separação entre os indivíduos adeptos do modo de vida “trancer” dos adeptos do techno e da sociedade em geral, pois se de um lado o conhecimento é muito básico, no caso da maioria dos clubbers este conhecimento

---

<sup>23</sup> O dress code serve como regra de admissão em alguns clubs e discotecas, dependendo do estilo de música e do público desejado este pode ser mais casual ou mais formal.

antecede a iniciação no consumo. Os efeitos e as consequências já serão conhecidas antes de consumirem pela primeira vez.

Segundo Henriques, 2002, numa “sociedade de risco” generalizado, correr “riscos cultivados” pelo próprio é uma forma de circunscrever a angústia e ansiedade ao domínio dos consumos de substâncias psico-ativas, que os próprios insistem em representar como perfeitamente controlável.

No caso dos clubbers, o indivíduo ao iniciar o consumo conhecendo os riscos do mesmo demonstra uma certa audácia que considera compensadora. O “risco cultivado” de Giddens ou a emoção das atividades de risco, envolvem várias atitudes discerníveis:

-exposição voluntária ao perigo, expressa no sentimento de curiosidade;

-consciência dessa exposição, notória na identificação das consequências cardiológicas e neurológicas das substâncias sintéticas e das incertezas face à sua composição;

-expectativa mais ou menos consciente de o ultrapassar, presente na atitude de quem se afastou para evitar os consumos, mas também de quem continua ou só reduziu insistindo na busca de sensações mais elevadas. (Lima,2011)

A teoria do “risco cultivado” de Giddens pode ser então aplicada ao público clubber; não obstante, existem também indivíduos trancers com um grau elevado de conhecimento sobre os consumos e que tendem a “ajudar” os iniciantes.

## **7-Consumo de estupefacientes em ambiente noturno**

As drogas fazem parte do universo social, atingindo indivíduos de várias idades e classes sociais. Este é um tema atual, muito discutido na nossa sociedade e que interfere, direta ou indiretamente, na qualidade de vida de todos nós. A discussão sobre uso e abuso de substâncias psico-ativas, especialmente as ilícitas, tem ocupado um lugar de destaque nas últimas décadas. (Lima, 2011)

Segundo Fernandes (1998: 9), “as drogas, os seus usos e as reações sociais que originam são, já todas as instâncias que os comentam o disseram, fenómenos complexos”.

Convém, desde já, referir que o consumidor de substâncias ditas «sintéticas» não tem, habitualmente, a imagem do toxicodependente degradado que se arrasta solitário

por ruas e caminhos das nossas cidades e aldeias, nem na atualidade nem aquando do aparecimento das drogas sintéticas tratadas durante a dissertação.

É de vital importância fazer uma diferenciação entre os consumidores deste tipo de drogas e os consumidores das chamadas drogas de vício. Contudo, essa diferenciação não pode ser feita sem “tentar limpar” a imagem criada sobre os consumidores de estupefacientes psico-ativos. Essa diferenciação entre consumidores deverá manter-se estritamente clara no decorrer de qualquer investigação que tenha como tema algo relacionado com o consumo de estupefacientes.

Nem todos os indivíduos consumidores de estupefacientes, nomeadamente os consumidores do tipo de drogas por este estudo abordadas, são, ou eram, vítimas da substância, dos traficantes, da família ou do sistema. (Lima, 2011)

Segundo a OMS<sup>24</sup>, "droga, é qualquer substância natural ou sintética que, administrada por qualquer via no organismo, afeta a sua estrutura ou funcionamento". Nem todas as drogas são prejudiciais para o indivíduo, algumas, quando orientadas por indivíduos com conhecimento do tema, ou mesmo por médicos, mostram-se muito eficientes no combate de determinadas doenças.

## **7.1-A iniciação no consumo**

As experiências de diversão da maioria dos jovens dos dias que correm remetem-nos para dois contextos diferentes, a “normalidade” da vivência diurna e uma vivência noturna marcada por valores como a liberdade, a afirmação, a integração, a rebelião ou a comunicação (Lima, 2011).

Esta separação é característica dos jovens da atualidade como constatamos no decorrer da investigação. Os jovens da época dourada da contracultura, durante a década de 1960 e mesmo início da década de 1970 não fazia, salvo raras exceções, esta separação de tempos, pois os ideais que seguiam faziam com que os seus comportamentos fossem semelhantes quer fosse noite ou dia, quer estivessem no campo ou na cidade. Apesar destes aspetos serem relevantes, não é certo que influenciem os motivos da iniciação de consumos e assim sendo serão tomadas em conta experiências próprias do autor, leituras de obras sobre o tema e os esclarecimentos por parte de testemunhas privilegiadas. Tendo isto em conta, o que leva os jovens a iniciarem as suas

---

<sup>24</sup> Organização Mundial de Saúde

práticas de consumo de estupefacientes é a curiosidade, o prazer, o desejo de experimentar todas as sensações de que ouvem falar por parte de quem já consome. Então uma das grandes causas dessa iniciação no consumo tem a ver com a questão do grupo de pertença, que passa também pelos ensinamentos por parte dos mais “antigos” ao indivíduo. Assim sendo este sente confiança, pois sabe o que pode esperar e já observou os efeitos da droga nos indivíduos desse mesmo grupo, os iniciados vão experimentando e sendo acompanhados pelos elementos que consomem regularmente. Trata-se de um “apadrinhamento” que permite organizar o processo que conduz à pertença a uma subcultura da droga (Xiberras,1996).

## **7.2-A identidade dos consumidores**

Quando falamos no consumo de estupefacientes somos automaticamente dirigidos para uma questão bastante importante no que diz respeito ao indivíduo consumidor, a “identidade”. (Lima, 2011)

Os consumidores de estupefacientes têm a sua imagem formada, em grande parte devido aos mass media, imagem esta formulada tendo em conta os aspetos mais característicos do consumo de estupefacientes de vício (heroína ou cocaína) e dos seus efeitos. Para poder analisar então uma imagem diferente aos consumidores destas “novas drogas noturnas” partimos do princípio de que se trata de sujeitos agentes, capazes de atribuírem sentido às suas ações e opções, atribuindo assim o seu consumo à necessidade de dinâmicas de ação, à interação com o seu grupo ou mesmo razões motivacionais, mas partindo do pressuposto de que o consumo não se vai tornar um vício. (Lima, 2011)

Segundo a OMS (Lima,2011), para que um indivíduo possa ser considerado viciado deve apresentar três dos seguintes sintomas:

- \* Possuir um forte desejo de usar drogas.
- \* Possuir dificuldades para controlar o consumo de drogas.
- \* Apesar de ser prejudicial para a sua saúde, o utilizador persiste em usar, mesmo perante consequências nefastas, mesmo estando em risco de morte.
- \* O utilizador dá mais importância ao uso de drogas, e deixa de lado as suas atividades e outras obrigações.
- \* O organismo do utilizador fica mais resistente aos efeitos das drogas.
- \* O utilizador entra em estado de abstinência física.

\* O utilizador sofre uma reinstalação da síndrome da dependência e após um longo período de abstinência, o antigo padrão de consumo instala-se rapidamente.

“Muitos autores atribuem esse consumo a problemas pessoais do indivíduo (problemas familiares, de auto-estima, sociais, etc), outros atribuem o consumo a uma necessidade de pertença do mesmo a determinado grupo, como forma de socialização” (Lima, 2011:31-32) Iremos constatar no decorrer deste trabalho que apesar da socialização do indivíduo ser extremamente importante para o início do consumo, no que diz respeito às drogas sintéticas abordadas neste estudo, esta socialização não será fator único pois independentemente do tipo de educação que o indivíduo tivesse na infância, do local onde mora, das pessoas com quem interage, do seu trabalho e demais “partes” da sua vida social, motivo do consumo de estupefacientes com propriedades psico-ativas será praticamente o mesmo na maioria significativa dos consumidores, uma noite de festa com aquele grupo com quem o indivíduo faz questão de passar os seus tempos livres, usando então a droga apenas com fins recreativos e pondo a mesma de lado no decorrer dos demais contextos de interação. (Lima, 2011)

Como afirma Anthony Giddens, “Cada um de nós, no decurso da socialização, desenvolve um sentido de identidade e a capacidade para pensar e agir de forma independente” (Giddens,1997: 29). Assim sendo cada indivíduo irá criar prioridades na sua vida, uma atitude para o seu dia-a-dia e outra atitude diferente para os dias em que não terá responsabilidades e quer imergir num ambiente de festa cheio de oportunidades de divertimento. Anthony Giddens diz-nos também que “no mundo atual, temos a oportunidade sem precedentes para decidir a nossa vida e criar a nossa própria identidade. Somos o nosso melhor recurso na definição de quem somos, de onde vimos e para onde vamos” (Giddens,1997:30). Esta atitude de saber separar o “divertimento” e o consumo de substâncias psico-ativas, da “responsabilidade” do dia-a-dia vai de encontro com a teoria dos sectores de estilos de vida, de Giddens, abordada anteriormente.

Importa referir que as drogas podem contribuir para a estruturação da identidade do indivíduo, expressa no carácter reflexivo dos consumos, ou seja, todas as atividades do quotidiano do indivíduo serão influenciadas pelas suas práticas noturnas, em maior ou menor grau, sendo o discurso do indivíduo o que sofre mais alterações. É neste sentido que devem ser entendidas as interpretações discursivas dos atores sobre a natureza e as razões do seu comportamento, enquanto consumidores de substâncias psico-ativas (Giddens, 1994).

Taylor, referido por Giddens (1994) defende que para sabermos quem somos, temos que ter a noção de como nos tornamos nisso mesmo e do que nos podemos vir a tornar. Tendo isso mesmo em conta, Giddens, refere a construção reflexiva do Self no mundo atual, face a circunstâncias de incerteza que se traduzem numa diversidade de possibilidades de opção. “o nível de distanciação do espaço-tempo introduzido pela modernidade tardia é tão extensivo que, pela primeira vez na história humana, o self e a “sociedade” inter-relacionam-se num meio global” (Giddens, 1997:29). O indivíduo irá formar o seu self tendo em conta as características do grupo em que está inserido ou então será visto como um outsider. Deste modo “ A modernidade, pode dizer-se, quebra o enquadramento protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações impessoais muito maiores” (Giddens, cit. Lima, 2011:33).

Anthony Giddens na sua obra, *Modernidade e Identidade Pessoal*, cita várias características atribuídas por Rainwater ao indivíduo em si e ao self, as quais passo a referir:

-O self é visto com um projeto reflexivo, pelo qual o indivíduo é responsável. Nós somos não o que somos mas o que fazemos de nós. Não seria verdade dizer que o self é entendido como inteiramente vazio de conteúdo pois há processos psicológicos de autoformação, e necessidades psicológicas, que fornecem os parâmetros para a reorganização do self.

-O self forma uma trajetória de desenvolvimento do passado para o futuro antecipado. O indivíduo apropria o seu passado, passando-o pelo crivo do que é antecipado para um futuro (organizado). A trajetória do self tem uma coerência que advém de uma consciência cognitiva das várias fases do tempo de vida.

-A reflexividade do self é contínua, bem como penetrante. Em cada momento, ou pelo menos a intervalos regulares, é pedido ao indivíduo que leve a cabo uma auto-interrogação sobre o que está a acontecer.

-É afirmado que a auto-identidade, enquanto fenómeno coerente, pressupõe uma narrativa: a narrativa do self é tornada explícita. Escrever um diário e trabalhar uma autobiografia são recomendações centrais para a manutenção de um sentido integrado do self.

-A auto-realização implica o controlo do tempo – essencialmente o estabelecimento de zonas de tempo pessoal que só tem uma remota ligação com as ordens temporais externas (o mundo rotinizado do tempo-espaço governado pelo relógio e pelos padrões de medida universalizados).

-A auto-realização é entendida em termos de um equilíbrio entre oportunidade e risco. Largar o passado, através das várias técnicas de se libertar de hábitos emocionais opressivos, gera uma multiplicidade de oportunidades para o auto-desenvolvimento.

- O curso da vida é visto como uma série de “passagens”. É previsível que o indivíduo possa, ou deva, passar por elas, mesmo não sendo tais “passagens” institucionalizadas ou acompanhadas de ritos formalizados. (Giddens, 1997 cit. Lima, 2011:34)

### **7.3-Uma escolha nos consumos**

A preocupação neste capítulo reside, então, nas drogas que são usadas nos contextos em análise, drogas que agem no cérebro do usuário, modificando sensações, consciência ou o estado emocional de quem as usa. A drogas tomadas como referência e às quais será dado mais ênfase serão o LSD<sup>25</sup> e o ecstasy (MDMA)<sup>26</sup>, tendo em conta que a primeira foi a droga predileta dos hippies e dos indivíduos frequentadores das raves que apareciam ao longo das décadas de 60 e 70 e a segunda será, segundo vários autores e estudos, a droga mais consumida em ambiente noturno na atualidade e como poderemos constatar, a preferida dos clubbers. O LSD e o MDMA serão então as drogas mais consumidas no ambiente noturno, mas existe toda uma panóplia de psicoestimulantes associados a esse mesmo ambiente.

As anfetaminas e a cocaína são exemplos de drogas estimulantes, podendo ser ingeridas, inaladas ou injetadas. A cocaína foi sintetizada em 1857 e publicada a sua descoberta em 1860. “Sigmund Freud<sup>27</sup> e Karl Koller<sup>28</sup> fizeram diversas experiências e comprovaram a ação anestésica da cocaína. Koller introduziu a cocaína na prática médica, em oftalmologia” (Ebo, 2008:43 cit. Lima, 2011).

Outro tipo de drogas utilizadas pelos indivíduos são as drogas depressoras, o álcool, a heroína, os soníferos, a morfina, os remédios ansiolíticos e os antidepressivos. Este tipo de drogas não será muito abordado neste projeto pois não se relacionam diretamente com os tipos de festas que serão tratados neste estudo. No entanto, o seu principal efeito é retardar o funcionamento do organismo, tornando todas as funções metabólicas mais lentas.

---

<sup>25</sup> Lysergsäurediethylamid, palavra alemã para a dietilamida do ácido lisérgico

<sup>26</sup> metilendioximetanfetamina

<sup>27</sup> médico neurologista e criador da Psicanálise

<sup>28</sup> foi um militar alemão, General e Chefe do Estado Maior da Alemanha Nazista da Luftwaffe durante a Segunda Guerra Mundial.

Não podemos deixar de referir o cannabis, que é caracterizado pelo seu uso numa primeira fase de consumo. Apesar de associarmos o consumo de cannabis aos hippies e mais frequentemente aos “consumidores de rua”, esta droga acompanha todas as festas e todos os tipos de música, contudo haverá diferenças significativas de consumos entre festas. Esta droga é mais associada a festas ao ar livre, onde o sentimento PLUR ainda marca presença.

### **7.3.1-O LSD**

O LSD (dietilamida do ácido lisérgico), é uma das mais potentes substâncias alucinogénias conhecidas, tratando-se de um composto cristalino que ocorre naturalmente como resultado das reações metabólicas do fungo *Claviceps purpurea*. Foi sintetizado pela primeira vez em 1938 e, em 1943, o químico suíço, Albert Hofmann, enquanto trabalhava na Sandoz, empresa farmacêutica onde era investigador, acidentalmente descobriu os seus efeitos, de que se tornou entusiasta até sua morte aos 102 anos. É de vital importância referir que o investigador suíço sempre condenou o uso irresponsável e/ou ignorante desta substância por indivíduos despreparados, que erroneamente acreditavam, ou acreditam, tratar-se de uma droga meramente prazerosa ou recreativa.

As propriedades do ácido lisérgico, extraído do fungo “ergot”, foram estudadas durante anos na tentativa de desenvolver um medicamento para combater as hemorragias que se sucediam de complicações no parto. Inicialmente o LSD não despertou grande interesse em Hofmann. Ao fim de 5 anos o cientista suíço decidiu desenvolver um pouco mais a substância com o objetivo de realizar experiências com a mesma. Até 1966, o LSD e a psilocibina eram fornecidos pelos Laboratórios Sandoz gratuitamente para cientistas interessados sob a marca chamada “Delysid”. O uso destes compostos por psiquiatras para obterem um entendimento subjetivo melhor de como era a experiência de um esquizofrénico foi uma prática aceite. Muitos usos clínicos foram conduzidos com o LSD para psicoterapia psicadélica, geralmente com resultados muito positivos. O LSD foi inicialmente utilizado como recurso psicoterapêutico e para tratamento de alcoolismo e disfunções sexuais acabando por obter grandes resultados.

No seu livro *LSD, My Problem Child*, Albert Hoffman explorou importantes questões sociais que levaram a droga à completa ilegalidade na maioria dos países.

“It was the demon that scornfully triumphed over my will. I was seized by the dreadful fear of going insane. I was taken to another world, another place, another time. My body seemed to be without sensation, lifeless, strange. Was I dying? Was this the transition? At times I believed myself to be outside my body, and then perceived clearly, as an outside observer, the complete tragedy of my situation.”. Esta foi uma das expressões mais sentidas e mais admiradas pelos leitores da obra, isto quando Hofmann experimentou os efeitos do LSD pela primeira vez, numa experiência consciente e controlada feita pelo próprio. Hofmann chamou um médico, que não encontrou nenhum sintoma físico anormal, exceto pelo facto das suas pupilas se encontrarem extremamente dilatadas. Depois de passar várias horas apavorado achando que tinha sido possuído por um demónio, que a sua vizinha era uma bruxa e que seus móveis o ameaçavam, Hofmann temia tornar-se completamente doente, numa espécie de esquizofrenia permanente. Depois, testou a substância novamente, em doses muito mais baixas, passando por experiências mais amenas mas ainda assim surpreendentes, e percebeu que tinha utilizado uma dosagem altíssima durante a sua primeira auto-experiência. Maravilhado e intrigado com os efeitos do LSD, cunhou a droga como importante substância psiquiátrica experimental e lançou-a à comunidade científica.

Em contrapartida, caso a experiência individual não fosse boa, os efeitos psicológicos durante e após o uso do LSD poderiam ser devastadores (pânico, desencadeamento de psicose, stresse pós traumático, síndrome serotoninérgica entre outros). Apesar da sensação de profunda fraqueza sentida durante a experiência, no dia seguinte Hoffman não sentia qualquer efeito colateral, ressaca ou indisposição. A partir desse momento uma nova droga, com efeitos impressionantes, estava à disposição da ciência. Após certa experimentação e maior divulgação na comunidade científica, tornou-se frequente o seu uso clínico em sessões de psicoterapia, acreditava-se que o subconsciente se tornava intensamente acessível por meio do LSD, ajudando o paciente a chegar a uma nova percepção acerca das questões que envolvem o seu universo psicoafetivo. Stanislav Grof, psiquiatra checo, ganhou renome mundial com o pioneirismo desta prática nos Estados Unidos. Para ajudar a criar pertinência nas crenças de Hoffman, de Grof e mesmo de Timothy Leary<sup>29</sup> atribuiu-se o auxílio do LSD na descoberta da estrutura do DNA, descoberta que rendeu o prémio nobel a Francis Crick. O descobridor admite ter visualizado a dupla hélice do DNA pela primeira durante um

---

<sup>29</sup> Professor de Harvard, psicólogo, neurocientista, escritor, futurista, libertário, ícone maior dos anos 60 e do hedonismo. Ficou famoso como um proponente dos benefícios terapêuticos e espirituais do LSD.

sonho sob a influência onírica do LSD. Tal como Crick, Friedrich Von Stradonitz<sup>30</sup> afirma que a molécula de benzeno foi descoberta por ele próprio da mesma maneira e também sob o efeito da droga. Outra mente inventiva famosa que considerava a experiência com LSD como uma das mais importantes de sua vida foi Steve Jobs, CEO e co-fundador da Apple.

Algumas das maiores instituições e nações do mundo também usaram o LSD como material de estudo militar. Os serviços de inteligência militares americanos tentaram usar a droga em interrogatórios e como princípio para um suposto controlo mental sobre os indivíduos que a ingerissem, através de diversos meios de abordagem e de diferentes técnicas. As pesquisas deste projeto tiveram início em 1953 e prolongaram-se até 1972. Baseado nos registos públicos disponíveis, o projeto parece ter concluído que a droga era de pouco uso prático para o controlo da mente, levando o projeto a desistir do seu uso. O governo britânico também testou o LSD, à semelhança dos americanos, estes trabalhavam para a procura de uma “droga da verdade”, as experiências duraram 2 anos, 1953 e 1954. No caso dos britânicos, os indivíduos não eram informados de que estariam a consumir a droga mas sim que estavam a fazer testes para outras doenças. Depois de manter os testes em segredo por muitos anos, o governo britânico aceitou, em 2006, pagar aos voluntários uma compensação financeira. Assim como a CIA, os britânicos decidiram que o LSD não era uma droga útil para propósitos de controlo da mente.

Abordar o tema do LSD sem mencionar Timothy Leary é impossível. Por muitos considerado o apóstolo do movimento psicadélico, é também conhecido como o papa do LSD. Leary foi o grande disseminador do uso irrestrito da droga, por muitos também considerado o grande responsável pela sua banalização. O investigador da Universidade de Harvard começou por defender a tese de que o cérebro humano tem uma infinidade de potencialidades, podendo mesmo operar em dimensões do tempo e do espaço, para além da realidade conhecida. Timothy Leary iniciou a sua investigação em 1961 ao lado de Richard Alpert, seu parceiro, mas depois de vários escândalos envolvendo o consumo de LSD acabariam por ser os dois demitidos em 1963, o que não acabaria com a ambição de ambos.

“Hemos de continuar encarcelando, ejecutando, desterrando a nuestros visionarios extáticos y luego embalsamarlos como los héroes del mañana? La

---

<sup>30</sup> Foi um químico alemão. Inovou o emprego de fórmulas desenvolvidas em química orgânica, criou em 1857, a Teoria da Tetracoalência do carbono, criou hipótese das ligações múltiplas e propôs, em 1865, após um sonho que teve, a fórmula hexagonal do benzeno.

Humanidad necesita sacerdotes eruditos que les suministren sus estructuras, el músculo intelectual, los huesos y la piel que mantengan el conjunto integrado... El sistema nervioso puede cambiarse, ser integrado, darle nueva dirección, ampliar sus funciones. Naturalmente, esas posibilidades constituyen una amenaza para cada rama de la sociedad... Nuestros principales conceptos cierran el paso a una marea ascendente, dos mil millones de años construyendo... El dique verbal se desmorona. Tomad rumbo a las colinas o preparad vuestra embarcación intelectual para que navegue con la corriente” (Cashman, 1968:62). Esta foi uma declaração em conjunto de Timothy Leary e Richard Alpert à Harvard Review depois da sua demissão.

Mesmo depois de ser preso várias vezes, Leary continuou a liderar diversas iniciativas, como a International Federation for Internal Freedom e a Castalia Foundation, organizando inúmeras experiências com o LSD nos EUA e no México. As iniciativas foram fortemente atacadas pelos media e pela polícia mas o impacto da droga na sociedade era já irreversível.

Na atualidade, quando falamos sobre o LSD ou quando recebemos opiniões sobre a droga do público em geral, estas aparecem ligadas ao movimento contracultural da década de 60 e a alguns dos nomes mais famosos daquela época, Jim Morrison, Emerson Lake and Palmer, Pink Floyd, King Crimson, Jethro Tull, Tom Zé e os Beatles são alguns dos mais referidos. Alguns especulam que Salvador Dalí tenha feito uso da substância, visto ser bastante próximo ao “guru do LSD” Timothy Leary.

### **7.3.2- O MDMA**

Mais conhecido por ecstasy, a 3,4- metilendioximetanfetamina, é um derivado sintético da anfetamina que se tornou bastante popular entre os jovens na Europa e nos Estados Unidos da América, sendo consumida especialmente em ambiente noturno e em festas de música alternativa devido aos seus efeitos euforizantes e estimulantes. (Lima, 2011)

“O ecstasy, ou MDMA, é uma droga psico-ativa ilegal com propriedades estimulantes e que interfere com o sistema nervoso central do indivíduo consumidor. É importante referir que MDMA é a substância presente nas pastilhas de ecstasy e é essa mesma substância que é procurada pelos consumidores. A forma como o MDMA começou a ser vendido, em forma de pastilhas, apenas serve para facilitar o consumo

para o indivíduo. O maior perigo do consumo de ecstasy não se encontra presente na sua fórmula original [3,4- metilenodioximetanfetamina (MDMA)], mas sim nos demais compostos que por vezes lhe são acrescentados por parte de quem fabrica as pastilhas, ora para aumentar o seu efeito, ora para aumentar o lucro na sua venda. Assim sendo os consumidores nunca sabem ao certo o que estão a consumir”. (Lima, 2011:16)

A neurotoxicidade consequente do uso de ecstasy ainda gera muita polémica, isto porque seria antiético administrá-la a voluntários e os estudos retrospectivos são incertos quanto à dose e à frequência utilizada. No entanto, existem algumas certezas e os investigadores admitem que o uso excessivo poderá provocar problemas de memória, depressão ou outros tipos de doenças de foro psicológico.

A 3,4- metilenodioximetanfetamina foi sintetizada pela primeira vez em 1912 por uma firma alemã, a Merck, nunca chegando a ser comercializada. Em 1965 Alexander Shulgin<sup>31</sup> sintetizou a MDMA e descreveu pela primeira vez os seus efeitos psicoestimulantes na sua obra *Phenethylamines I have known and I loved*. Entre 1970 e 1980 a MDMA ganhou popularidade entre a comunidade psiquiátrica que advogava o seu uso como adjuvante na psicoterapia, defendendo que a sua utilização, de forma correta, aumentaria a capacidade de introspeção e induziria sentimentos de confiança e empatia entre pacientes e terapeutas (Green et al.,2003 cit. Carvalho, 2007:334). Durante a década de 80 esta droga ganhou bastante popularidade e começou a propagar-se como droga recreacional. Os principais efeitos observados são a euforia, a sensação de bem-estar, o aumento do estado de vigília e alerta, sentimentos de confiança e empatia com as pessoas em redor, redução dos pensamentos negativos e diminuição das inibições (Green et al.,2003 cit. Carvalho, 2007:334).

Foi assim que Alexander Shulgin descreveu a sua primeira experiência com a MDMA administrando 120 mg de substância em si próprio...

*“ Quando o material começou a atuar senti que estava sendo ” envelopado”, e a minha atenção teve de ser dirigida para isto. Fiquei bastante assustado, e a minha face estava fria e pálida. Senti que queria voltar, mas sabia que não havia como voltar atrás. Então o medo começou deixar-me, e eu podia tentar dar passinhos de bebé, como dar os primeiros passos depois de ter renascido. A pilha de lenha é tão bela, quase toda a felicidade e beleza que eu posso suportar. Estou com medo de me voltar e encarar as montanhas, medo de que elas me oprimam. Mas eu olhei, e estou maravilhado. Todo*

---

<sup>31</sup> Farmacologista, químico e pesquisador de drogas russo-estadunidense. Shulgin é creditado pela popularização do MDMA no final dos anos 70 e início dos anos 80, especialmente pelos seus usos em tratamentos psicofarmacêuticos e tratamento de depressão e desordem depressiva pós-traumática

mundo deve ter a experiência de um estado profundo como este. Sinto-me totalmente em paz. Vivi toda a minha vida para chegar até aqui, e eu sinto que cheguei ao lar. *Estou completo.*” Alexander Shulgin, PiHKAL: A Chemical Love Story

“Hoje em dia sabemos que para a maioria da população a dose média de MDMA é em torno de 125 miligramas (aproximadamente 2mg/kg), via oral. A quantidade presente nos comprimidos vendidos na rua varia bastante, tendo em média 70mg de MDMA por comprimido”. (Lima, 2011:18)

A libertação excessiva de serotonina originada pelo ecstasy afeta as sinapses e causa também a destruição dos neurónios. A libertação de serotonina<sup>32</sup> provocada pelo ecstasy obriga as células a expulsar o seu excesso do interior através da enzima MAO-B. Este processo vai dar origem a produtos tóxicos, como por ex. Peróxido de Hidrogénio (água oxigenada), que entra então na mitocôndria fazendo com que a célula perca a sua capacidade de produzir energia, acelerando o seu desgaste com danos irreversíveis.

Apesar do MDMA ser tóxico independentemente do método ou o tipo de pastilha (marca), existem efeitos externos que aumentam a sua toxicidade. “Os ambientes das festas rave ou de música alternativa parecem exacerbar os efeitos da MDMA, a elevada temperatura, o som da música repetitiva, alta e acompanhada de espetáculos de luz e os ambientes sobrelotados. É nestes ambientes que ocorrem a maior parte das intoxicações fatais descritas na literatura portuguesa existente sobre o assunto.” (Carvalho,2007:337).

Quanto ao risco de dependência pode considerar-se, de uma forma geral, que não existe, apesar de existirem alguns casos isolados que levam a crer o contrário, também devido ao consumo abusivo de outro tipo de drogas. O uso frequente de ecstasy provocará uma diminuição gradual dos efeitos procurados pelos consumidores, o que irá originar desinteresse pela droga. No entanto, em casos raros, alguns destes indivíduos podem aumentar as doses ingeridas e desenvolver dependência (Jansen,1999. Cit. Carvalho, 2007:339).

---

<sup>32</sup> Neurotransmissor conhecido por “hormona da felicidade”

## **7.4- A alteração dos consumos**

A alteração dos consumos não é um simples acaso, algo aconteceu para que, segundo a OMS, os consumos de LSD baixassem a determinada altura e os consumos de MDMA aumentassem exponencialmente. A causa mais provável será o “desaparecimento” dos hippies, das “raves” dos anos 1960 e até dos fortes defensores da contracultura vigente nessa década. O LSD era visto como uma droga que levava a uma espiritualidade extrema, algo que seria impossível de alcançar para quem não fosse consumidor dessa droga.

Nos anos 60 o LSD “funcionava como uma espécie de elo conciliador de diversas necessidades: a oposição à sociedade e aos valores tradicionais, a coesão e o vínculo entre todos os adeptos deste movimento de rutura, e a par disto, a recusa da violência pela supressão da agressividade (...), a droga não passava de um simples meio para alcançar a desejada felicidade e o desprendimento total e absoluto” (Rey, 1985:27 cit. Lima, 2011).

A grande maioria considerava o LSD um sacramento religioso, uma ferramenta poderosa para terem acesso ao que é divino, outros, com uma abordagem mais científica ou filosófica, afirmam que o amplo condicionamento social que incide sobre o nosso sistema neurológico é quebrado temporariamente e "As Portas da Perceção" eram abertas. O consumo desta droga era visto como algo extremamente revigorante e gratificante, algo que mudaria o pensamento dos indivíduos em relação ao quotidiano de cada um. A mistura das propriedades espirituais desta droga com o ambiente de paz e amor e de contacto com a natureza das primeiras raves fazia com que os indivíduos entrassem num êxtase perfeito onde os ideais da maioria da população seriam vistos como errados. Com o aparecimento das festas de música alternativa as necessidades do consumo mudaram, não era valorizado o espiritualismo mas sim uma maior capacidade de absorver tudo o que rodeava os participantes, uma espécie de sobrevalorização dos sentidos onde quanto mais “atento” e “desperto” o indivíduo estivesse, maior seria o desfrutar do momento. As batidas da música a um nível extremo de decibéis, a alteração das luzes num ambiente completamente escuro, e a necessidade do corpo aguentar horas infinitas sem parar de dançar tornavam este ambiente perfeito para o consumo da “nova droga”, o MDMA. Algo que também fez com que a alteração dos consumos acontecesse

foi a informação disponível sobre os efeitos nocivos de cada droga, a curto e a longo prazo. Na década de 60 a grande maioria dos indivíduos que consumia LSD não tinha nenhum conhecimento sobre as contradições e os malefícios da droga, limitavam-se a consumir mais e mais visto que os efeitos nocivos só mais tarde dariam sinal e quando estes sinais apareciam raramente eram ligados ao consumo de LSD. Os indivíduos preferiam acreditar que esta droga que trazia tanta espiritualidade, tanto contato com a natureza, tanta positividade para com eles próprios e com o próximo não traria nenhum tipo de contrapartida. Mais tarde se viria a constatar que estavam enganados. Assim sendo, a grande diferença entre os consumidores teria algo a ver com a informação a que tinham acesso antes de começarem o consumo, algo ligado ao “risco cultivado” de que fala Anthony Giddens que será abordado no seguimento da investigação. As notícias de que o LSD poderia causar esquizofrenia a longo prazo, ou em raros casos depois de uma experiência de consumo, fez com que os indivíduos que num tempo anterior consumiam esta droga alterassem os seus consumos. Não se pode afirmar que o público das raves tenha desaparecido porque os consumos foram alterados, mas como poderemos certamente constatar no seguimento da investigação, poderemos confirmar que os consumos foram alterados tendo em conta a alteração das vivências e dos locais frequentados por cada indivíduo. Tanto o LSD como o MDMA foram vistos pelos consumidores como drogas recreativas, drogas que eram consumidas em grupos de pertença, durante as raves na maioria dos casos ou em simples “reuniões” diurnas no caso do LSD. Uma das grandes diferenças entre estes dois psicotrópicos é então o objetivo da sua utilização. Por um lado, o LSD era consumido dentro e fora das raves, qualquer motivo poderia ser utilizado para incentivar o consumo, os próprios ideais de quem consumia poderiam ser utilizados como incentivo à utilização da droga. Por outro lado, o consumidor de MDMA tem uma necessidade do ambiente de festa, uma necessidade de música e de pares com as mesmas necessidades para que o consumo seja justificado. Uma ausência notável de ideais, contrariando os consumidores de LSD da década de 60, faz com que o consumo ocupe apenas um tempo controlado nas vivências de cada um. Existe então por parte dos consumidores de MDMA uma separação de tempos que vai de encontro com a teoria dos “sectores de estilos de vida” de Anthony Giddens abordada anteriormente.

### **III- Apresentação do estudo**

#### **8-Problemática da investigação**

É um dado adquirido que o ambiente noturno sofreu imensas alterações ao longo das últimas décadas. Se por um lado a globalização fez com que as primeiras raves se expandissem a novos e múltiplos territórios, por outro lado, as novas tecnologias fizeram com que os tipos de festas e sonoridades se vissem cada vez mais alterados em função dos gostos de cada indivíduo. Ao contrário do que acontecia nos anos 1950, as possibilidades de escolha foram aumentando, o que possibilita a cada indivíduo escolher o tipo de frequência que pretende seguir. Interrogamo-nos se são as frequências do indivíduo que acarretam maior importância na hora de inseri-lo em determinado grupo de estudo e se será o grupo a que o indivíduo pertença que fará com que o próprio se veja cingido a um determinado rótulo.

Será preocupação desta investigação criar as linhas de separação entre os grupos, tendo em conta as festas que cada um frequenta, os consumos e a frequência com que o indivíduo participa nas festas.

Com a aplicação de entrevistas será possível averiguar se as diferenças existentes entre os grupos serão suficientes para criar uma “linha”, forte o suficiente, de separação, e que atribua a cada indivíduo determinados modos de vida em função da sua fruição noturna.

Serão objetivos principais da investigação averiguar as diferenças de valores e comportamentos entre os indivíduos pertencentes aos diferentes grupos em análise, perceber se os consumos de estupefacientes diferem em elevado grau entre os grupos e tentar averiguar, de igual modo, se o nível de responsabilidade face às vivências diurnas dos indivíduos que frequentam as festas está diretamente relacionado com as suas escolhas a nível de estilos musicais e, inerentemente, ao seu estilo de vida e ocupação dos tempos de fruição. De maior relevância é o facto de se perceber em que medida é que estas práticas podem, ou não, alterar a consciencialização dos indivíduos e da sociedade quanto às frequências, consumos, valores e atitudes dos indivíduos frequentadores do tipo de festas por este estudo abordadas.

Para o desenvolvimento desta investigação parte-se de um estudo de caso, sustentado pela aplicação de entrevistas semi-diretivas a um conjunto de voluntários que participa ou participou com regularidade no tipo de festas abordadas durante a investigação.

## 9-Caraterização da amostra

Torna-se impossível averiguar o número exato de indivíduos que fazem parte do universo de estudo desta investigação tendo em conta que esse número ultrapassa seguramente a unidade do “milhão”, a nível mundial. Achou-se pertinente e suficiente, realizar 20 entrevistas a indivíduos conhecidos frequentadores das festas abordadas, a maioria com naturalidade a norte do país e com idades compreendidas entre os 20 e os 30 anos de idade. Optou-se por uma amostra intencional e pelo uso da técnica da bola de neve, com o objetivo de obter o maior número possível de entrevistados desconhecidos do investigador, diminuindo assim o risco dos indivíduos mostrarem receio na hora de responder a questões que ainda hoje se mantêm “tabu”.

<b>Nome fictício</b>	<b>Idade</b>	<b>Habilitações</b>	<b>Naturalidade</b>
Bianca	34	Lic. em Psicologia	Vila Praia de Âncora
Diogo	25	12º ano	Vila Praia de Âncora
Sandra	28	12º ano	Guimarães
Pilar	30	Lic. em Gestão e Adm. Hoteleira	Esposende
Hélder	27	Lic. Graphic & Digital Design	Porto
Luís	26	Mestrado em Arquitetura	Braga
Tomé	27	12º ano	Afife
António	28	12º ano	Viana do Castelo
Patrício	25	Mestrado em Eng. Biomédia	Viana do Castelo
Daniel	31	12º ano	Braga
João	24	Lic. em Sociologia	Viana do Castelo
Manuela	23	12º ano	Coimbra
Diana	30	12º ano	Loulé
Filipe	26	Lic. em Geografia	Braga
Tiago	24	Curso Niv. III em Anim. Turística	Viana do Castelo

Simão	25	Lic. em Geografia	Vila Praia de Âncora
Cândido	24	9º ano	Vila Praia de Âncora
Paulo	26	Mestrado em Comunicação Social	Famalicão
Rogério	26	12º ano	Esposende
Dj Fred Minas*	31	12º ano	Braga

\* O nome é o real, com a devida autorização do entrevistado.

Do total dos 20 entrevistados com idades compreendidas entre os 23 e os 34 anos e com uma média de 26 anos de idade, apenas 1 terminou a escolaridade sem concluir o 12º ano e 50% dos inquiridos já terminaram um curso superior universitário. A percentagem de mulheres na amostra não é um acaso, sendo 25% de inquiridos do sexo feminino, uma vez que a questão de género também é uma variável em análise. Quanto à naturalidade dos indivíduos entrevistados, podemos constatar que apenas 2 se distanciam da zona norte do território nacional, de modo a facilitar a marcação das entrevistas sem recorrer a ferramentas de comunicação digital (skype).

## 10-Metodologia da investigação

A seleção e análise da informação fazem parte da estratégia metodológica. Neste projeto utilizou-se um conjunto de procedimentos próprios da pesquisa documental (pesquisa bibliográfica e pesquisa de documentos na Internet), procedimentos associados à realização de entrevistas, onde tive o cuidado de analisar os pressupostos, as potencialidades e os limites desta técnica e a observação participante dos grupos a estudar.

A metodologia exerce um papel crucial no desenvolvimento de qualquer projeto sociológico, uma vez que quase sempre os resultados finais se encontram condicionados pelo processo, pelo método e pela forma como se adquirem os dados. (Pardal, et. al, 1995)

As leituras exploratórias foram utilizadas para obter uma maior compreensão teórica acerca dos fenómenos, tornando-se fundamental para a construção do enquadramento teórico e para conhecer a produção teórica já existente acerca do assunto abordado na investigação. (Quivy & Campenhoudt, 2005)

As leituras são essenciais para sabermos como proceder para conseguir uma certa qualidade de informação e de formação teórica. Assim, a pesquisa documental e as leituras exploratórias estiveram sempre presentes para ajudar a compreender melhor a realidade e tudo o que envolve esta investigação. (Lima, 2011)

Como a maioria dos indivíduos que viveram a sua juventude entre as décadas de 1980 e a atualidade, também o investigador foi participante em várias festas abordadas pelo estudo, tanto festas de Trance como festas de Minimal, Electro ou Techno. No caso desta investigação trata-se de uma participação-observação pois o investigador participava já nas festas antes de começar o estudo das mesmas. Quando “o observador faz parte integrante de um grupo e aproveita essa situação para o observar, estamos numa situação de participação-observação.” (Vargas, 2002:119)

É consensual que este tipo de observação é mais problemático que a observação participativa pois existe uma dificuldade acrescida da pertença íntima ao grupo de estudo, o que pode condicionar a objetividade da investigação. (Vargas, 2002)

Tendo em consideração o objetivo principal do estudo, a metodologia de investigação utilizada centra-se numa investigação de cariz qualitativo, uma vez que se procura a compreensão de sentimentos, pensamentos e conceções face a práticas levadas a cabo em ambiente noturno e nas vivências de quem é assíduo neste ambiente. A investigação qualitativa não permite apenas analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando a forma em que foram registados ou transcritos, mas também interpretar o significado das palavras e modos de agir perante determinada situação.

“não é raro passarem despercebidas coisas como os gestos, as piadas [...] a abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (Bogdan & Biklen, 1994:94)

O método de análise escolhido para a investigação acabou por assumir o modelo de estudo de caso, onde, mais que a recolha de grande quantidade de informação, importa a profundidade da mesma, permitindo uma compreensão ampla e intensa do fenómeno.

A técnica de recolha de informação que se mostrou mais adequada para acompanhar o estudo em profundidade foi a entrevista. “Sendo uma técnica de análise também de função exploratória, permite iniciar uma investigação com determinados níveis de desconhecimento face ao fenómeno estudado” (Bertaux, cit: Guerra,2006).

Além disso e tendo em conta que a literatura existente acerca do tema não abrange todas as circunstâncias a serem estudadas, seria delicado, ou mesmo arriscado, partir para uma pesquisa enformada num conjunto de questões fechadas. Deste modo, a entrevista “... deverá possibilitar a análise da informação de modo a perceber-se quais as variáveis e as linhas de força mais pertinentes para o tema em si”. (Sousa, 2012)

Segundo Quivy (1998), esta técnica que implica o contacto direto entre entrevistador e entrevistado/a, permite ao investigador uma abordagem mais profunda com o objeto de análise e maior facilidade na hora de obter informação mais delicada para os indivíduos entrevistados.

Pretende-se utilizar, como técnica de recolha de informação, entrevistas semi-diretivas, sustentadas pela utilização de um guião de entrevista previamente construído. Não obstante ao conjunto de questões formuladas no guião, pretende-se acrescentar toda a informação disponível na hora da entrevista, privilegiando e traçando um modelo de entrevista que possibilite um discurso flexível e, até determinado ponto, livre, conseguindo-se que os indivíduos falem abertamente e se expressem acerca das suas frequências e consumos. A entrevista semi-diretiva acaba por criar as condições necessárias para um clima menos formal, o qual irá permitir um maior “à vontade” por parte dos entrevistados e que irá permitir, por sua vez, que falem mais abertamente sobre os temas mais sensíveis ou “tabu” no que diz respeito a consumos de estupefacientes, comportamentos adjacentes a estes consumos, ou mesmo dos valores de cada um. Não obstante, o guião da entrevista está sempre presente como fio condutor principal da entrevista, não deixando que o tema seja descartado ou que as respostas não sejam esclarecedoras do ponto de vista do entrevistador.

Antes da aplicação das entrevistas é crucial esclarecer os indivíduos entrevistados acerca dos temas e conceitos abordados. Apesar de todos serem frequentadores assíduos do ambiente noturno, poucos serão os que estarão familiarizados com os conceitos abordados no decorrer da entrevista. Torna-se importante também garantir aos entrevistados o seu anonimato e assegurar os princípios de uma relação de confiança tendo em consideração o receio de represálias face a determinadas declarações que possam ser interpretadas (por eles, ou pela sociedade) como juízos de valor ou críticas negativas aos seus comportamentos noturnos. Segundo Guerra (2006:22), esta relação de confiança deve assentar numa “neutralidade e controlo dos juízos de valor, confidencialidade, clareza de ideias para as poder transmitir e devolução dos resultados. A cada individuo é atribuído um nome fictício para manter o anonimato dos

entrevistados no decorrer do tratamento da informação das entrevistas. Não obstante, um indivíduo pertencente à amostra fez questão de não ter um nome fictício, trata-se de um dj de minimal e techno que usou o seu nome artístico durante a entrevista, DJ Fred Minas.

Será então principal intenção desta abordagem privilegiar um clima pouco formal, com um grau de abertura suficiente para o desenvolvimento de um discurso natural e fluente, não deixando divagar dos pressupostos da investigação.

A construção do guião de entrevista, constituído por um conjunto de 25 questões norteadoras, operou-se a partir da revisão bibliográfica realizada sobre o tema. As entrevistas foram gravadas com a autorização dos indivíduos entrevistados com o intuito de facilitar, mais tarde, a análise e interpretação dos dados recolhidos. A gravação das entrevistas juntamente com a observação dos comportamentos e reações dos entrevistados permite a constituição de um instrumento de análise mais consistente.

A análise de conteúdo será a técnica privilegiada para a análise do material recolhido nas entrevistas tendo em conta a sua fiabilidade no que diz respeito à leitura e interpretação da informação. Torna-se tão importante relatar as situações vividas pelos entrevistados como interpretar essas mesmas situações seguindo os objetivos principais da investigação. Moraes (1999:9) afirma que esta técnica de análise “ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum”. A análise de conteúdo acaba por obrigar o investigador a tomar duas abordagens, uma descritiva e outra interpretativa. “A dimensão descritiva visa dar conta do que foi narrado e a dimensão interpretativa decorre das interrogações do analista face a um objeto de estudo, com recurso a um sistema de conceitos teórico-analíticos cuja articulação permite formular as regras de interferência”. (Guerra, 2006:62)

A principal preocupação desta análise não foi apenas a leitura das palavras proferidas pelos entrevistados, foi fundamental a preocupação em “desmontar” os seus discursos e interpretar o que foi dito nas entrelinhas tornando assim a interpretação da informação muito mais pormenorizada.

A primeira parte do tratamento das entrevistas consistiu na transcrição integral das mesmas, seguida dum leitura acompanhada pela gravação com o intuito de corrigir eventuais erros na transcrição. As leituras permitiram um maior envolvimento e perceção da informação adjacente às entrevistas.

Depois de terminadas as leituras iniciou-se a análise de conteúdo, processo que implicou a escolha de contexto e de registo a utilizar. A escolha da unidade de registo aquando de uma análise de conteúdo implica um recorte do texto que está a ser trabalhado. Esses pedaços de textos recortados constituem, precisamente, a unidade de registo de um trabalho. Assim ela “é a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a sua categorização”. (Bardin, 2007 cit. Sousa, 2012:56) A unidade de contexto irá, por sua vez, auxiliar a codificação da unidade de registo, clarificando o teor e a significação da unidade de registo. A unidade de contexto poderá, por exemplo, “ser a frase para a palavra e o parágrafo para o tema” (Bardin, 2007 cit. Sousa, 2012:56).

Depois de definidas as unidades de registo e de contexto, seguiu-se a categorização ou o agrupamento dos dados com características comuns (Moraes, 1999). Desta categorização surgiram as categorias de análise presentes na grelha de análise das entrevistas, as quais serviram de guia para a apresentação dos resultados.

## **IV - Ravers, trancers e clubbers: análise e interpretação dos resultados**

É principal intenção, no capítulo que se segue, expor a análise realizada ao discurso dos entrevistados que fizeram parte da amostra escolhida para o estudo. Não só serão feitas referências às diferentes manifestações que se mostram importantes para o objetivo do trabalho como se pretende cruzar as mesmas com a literatura já existente, apontando assim para algumas teorias já elaboradas pelos mais reconhecidos autores.

O objetivo principal da análise será encontrar as “linhas” principais que permitam diferenciar ou assimilar, através dos ideais e conhecimentos de cada indivíduo, os grupos abordados durante o estudo. Se por um lado podemos afirmar que todos bebem álcool ou todos consomem estupefacientes, por outro, podemos constatar que os consumos são completamente diferentes e com fins diferentes também.

A análise contempla, também, o estudo de práticas que não estão diretamente relacionadas com os grupos com que os indivíduos mais se identificam, os ravers ou os clubbers, mas que será necessário abordar para se perceber como cada indivíduo começou as vivências noturnas e como foi alterando os costumes e comportamentos com o passar do tempo. Todavia, convém deixar explícito que a relação com a literatura nem sempre será possível, visto este trabalho passar por uma abordagem exploratória e ter como objetivo conhecer novas linhas pertinentes para o tema e para futuras investigações.

Deve ter-se em consideração que os entrevistados fazem parte de diferentes classes sociais e são provenientes de diferentes partes do país, assim sendo, existirão algumas nuances que se tornarão mais difíceis de relacionar entre indivíduos entrevistados. Por outro lado, chama-se a atenção para os conhecimentos de cada indivíduo em relação ao ambiente noturno que os rodeia. Se alguns demonstram que já se questionaram acerca da matéria abordada, outros demonstram completo desinteresse e grande falta de conhecimento no que ao ambiente noturno concerne. Esta falta de conhecimento apenas demonstra que esses indivíduos nunca se questionaram acerca da sua “posição” dentro do ambiente, não querendo assim generalizar essa falta de informação para os consumos nem para o conhecimento musical.

# 11-Frequência de Festas em Ambiente Noturno

## 11.1-Primeiros contactos com o ambiente noturno

No primeiro ponto abordado na análise das entrevistas foi decidido averiguar quais foram os primeiros contatos que cada indivíduo manteve com o ambiente noturno. As primeiras festas que frequentaram e a idade com que começaram a sair à noite serão certamente dois pontos interessantes e bastante úteis para caracterizar as vivências dos indivíduos entrevistados.

Independentemente do grupo com o qual os indivíduos mais se identificam, a grande maioria começou as suas vivências noturnas antes de atingir a maioridade. Os indivíduos entrevistados admitiram todos ter começado a frequentar bares noturnos antes de cumprir os 17 anos de idade.

*“(...) tinha por volta dos 15 anos e comecei a ir para os barzinhos de Caminha, não ficava até muito tarde, no primeiro ano.” (Simão)*

*“Tinha por volta dos 14 ou 15 anos e comecei a ir para Caminha, para os bares.” (Diogo)*

*“Tinha entre os 13 e os 15 anos e comecei a frequentar discotecas no Porto (...)” (Hélder)*

*“Já não sei bem a idade, mas devia ter uns 15 anos.” (Tomé)*

Cerca de 2/3 dos entrevistados admitem ter começado cedo a frequência em casas de diversão noturna, mas sempre acompanhados por pessoas mais velhas que acabariam por ser, de certo modo, responsáveis pelos atos dos iniciantes. A iniciação no ambiente noturno começa, na grande maioria dos casos, em bares de rua, e só mais tarde é que os indivíduos começam a frequentar discotecas ou festas de música alternativa.

*“(…), devia ter os meus 15/16 anos e comecei a ir beber uns copos com as minhas amigas mais velhas” (Sandra)*

*“(…), tinha 16 anos, comecei primeiro a sair com o meu irmão mais velho (...)” (Patrício)*

*“Depois comecei a ir para Espanha com alguns amigos mais velhos e a poder chegar mais tarde a casa” (Simão)*

*“Tinha por volta dos meus 15/16 anos e comecei a sair com uns colegas mais velhos (...)” (João)*

Ao contrário do que seria de esperar, as mulheres começaram as suas vivências noturnas na mesma idade que os homens. Tende a pensar-se que as raparigas são mais “protegidas” e impedidas de iniciar cedo a vida noturna mas a verdade é que as mulheres se expõe aos riscos da “noite” tão, ou mais, cedo do que os homens.

*“os primeiros contatos que mantive foram por volta dos meus 13 anos e partiram de iniciativas da escola (...)” (Manuela)*

*“Começou tudo por volta de 1998 e 1999. Tinha 15/16 anos” (Pilar)*

## **11.2-A frequência das festas**

Nesta fase da investigação tentou averiguar-se a frequência com que os entrevistados participam em festas de música alternativa e se essa frequência se alterou ao longo do tempo. Durante a análise constatou-se um fato bastante importante: apenas um dos indivíduos que acabariam por se identificar com a cultura “raver” admite ainda participar assiduamente nas festas daquele estilo, neste caso, festas de Trance.

*“Ultimamente não tenho frequentado muito” (Hélder)*

*“(...) de vez em quando. Já frequentei mais...” (Diogo)*

*“É assim, frequentar... frequento, só que já não é tanto como antigamente (...) também porque a paciência já não é a outra” (Fred Minas)*

*“Não, estou [parada] há dois anos, desde o nascimento do meu filho.” (Diana)*

*“Neste momento não. Há cerca de três anos que frequento muito raramente. Tenho frequentado outras festas, mas poucas vezes também”*

No caso dos indivíduos que se identificam mais com a cultura “Clubber”, mais de metade admite continuar a frequentar as festas. Apenas 40% dos entrevistados não respondeu com um simples “sim” quando a pergunta “Na atualidade, ainda frequentas

festas de música alternativa?” foi colocada, acabando também por não responder negativamente à questão.

*“Sim, de vez em quando...quando posso” (João)*

*“Sim, sempre que posso e tenho companhia vou” (Tomé)*

*“Sim, de vez em quando” (António)*

*“Já frequentei mais, mas depois fui ganhando juízo e comecei a ir a menos festas. Dá cabo da saúde e da carteira e nos tempos que estamos não dá para abdicar nem de uma nem de outra” (Cândido)*

Tendo em conta que a média de idades é praticamente semelhante entre os indivíduos que se identificam mais com a cultura “Raver” e os indivíduos que se identificam com a cultura “Clubber”, terá que ser encontrado o motivo para tamanha discrepância nas respostas entre ambos.

Como foi estudado anteriormente, uma Rave dura habitualmente a noite toda e pode continuar durante uma parte do dia, podendo durar vários dias. Uma festa de Techno ou de Minimal, na atualidade, dura até às 8 ou 9 horas da manhã. Os consumos são diferentes entre os dois tipos de festa e tendo em conta que o tempo de recuperação das drogas consumidas numa festa de Techno é substancialmente mais pequeno do que o tempo de recuperação do LSD ou da Cetamina, por exemplo, será esta a razão mais provável para tal diferença nas respostas dos entrevistados. Com o passar dos anos, as responsabilidades crescem e cada vez se torna mais difícil poder continuar a frequentar as Raves. No caso dos clubbers isso não acontece, pois os consumos são bastante mais controlados e na grande maioria dos casos a duração das festas não excede mais do que a noite em que começou.

### **11.3- As motivações**

A subcategoria de análise presente serve de base para abordarmos, mais à frente, os valores e ideais de cada indivíduo e fazer então uma relação entre os ideais e os comportamentos dos indivíduos dos diferentes grupos. As motivações de cada indivíduo mostraram-se diferentes, tanto ao nível das suas respostas como da acentuação ou da articulação das frases e do ênfase a estas dado.

Nesta parte da investigação foi possível criar uma linha bastante demarcada entre os adeptos da cultura “raver”, ou agora trancers, e os adeptos da cultura “Clubber”. No caso dos adeptos do Trance, apenas um entrevistado admite ter como principal motivação a música. Os restantes afirmam ter mais interesse na socialização, em criar novas amizades, na comunhão com a natureza ou em fazer daquele espaço uma “escapatória” das vivências diárias.

*“Acho que é um pouco de tudo, criei imensas amizades nas festas onde fui, o ambiente de paz e de envolvimento com a natureza, mesmo quando não há música, faz com que esqueça os problemas do dia-a-dia.” (Sandra)*

*“(…) o ambiente leve e despreocupado, o facto de poder conhecer pessoas com hábitos e ideais tão diferentes, que não encontrava nas festas ditas [normais].” (Manuela)*

*“A música, o espírito das pessoas que participa nelas...é tudo um pouco, é o fugir da realidade do dia-a-dia durante umas horas e curtir a música sem pensar em mais nada.” (Diogo)*

*“A socialização com as pessoas.” (Pilar)*

No caso dos clubbers, a importância dada à música é muito maior. Certos entrevistados dão um certo ênfase ao grupo de pares, como no caso dos ravers. A diferença é que no caso dos clubbers, o ênfase é dado aos amigos e não às possíveis amizades que possam ser criadas durante a festa. Os grupos não são fechados, mas apesar de quase toda a gente se conhecer os indivíduos acabam por construir um “círculo” de amizades dentro da festa e é com esse grupo que partilham as vivências daquela noite. Pode dizer-se que no caso dos ravers ou trancers a receptividade dos indivíduos e do próprio grupo é maior, faz parte dessa cultura.

*“A música. Se queremos ouvir boa música temos que escolher bem as festas (...) se formos para uma discoteca é “chiringuito” e brasileirada a noite toda (...) eu prefiro música que tenha conhecimento por trás (...) mais vale sair menos mas escolher bem as festas.” (Cândido)*

*“... os meus gostos musicais são muito generalistas...muito vastos, mas a música de club (...) sempre foi uma paixão... a música alternativa sempre foi uma paixão” (Filipe)*

*“O estilo de música (...) o ambiente em si. Por si só, as vivências que eu passo nesses sítios são mais adequadas ao meu estilo.” (Patrício)*

*“A música, estar com o pessoal (...) sair à noite tem que ser para uma festa de jeito. Não gosto das modas das discotecas que apareceram agora em que qualquer um é Dj (...) muitos deles nem sabem trocar de música.” (Tomé)*

*“... não gosto de ir para discotecas ouvir “chiringuito”, então tenho que ir para festas de Techno.” (António)*

## **12- O ambiente festivo**

### **12.1- Emoções e hábitos**

As emoções ganharam o seu espaço de estudo na sociologia em meados da década de 90, apesar de vários sociólogos já se debruçarem sistematicamente sobre o tema há mais de 30 anos. As duas teorias que mais consenso criaram dentro do universo sociológico tornaram-se contraditórias. Por um lado temos a teoria universalista, onde as emoções são vistas como algo inato pré-fixado no organismo humano. No extremo oposto temos a teoria construcionista, teoria que admite que as emoções possuem um substrato biológico, mas nega que as emoções possam ser automaticamente definidas pelas sensações corporais. (Torres, M. 2009 in [sociologiadasesemoco.es](http://sociologiadasesemoco.es))

Para uma melhor análise das entrevistas e da pergunta em questão foi escolhida a teoria Universalista como melhor opção, pois o autor defende que uma emoção pode ser definida por uma sensação corporal. Neste caso em específico, a emoção sentida ao entrar numa festa pode tratar-se de algo inato pré-fixado no organismo humano e que apenas seja ativado com o “choque” da entrada na festa, ou no recinto. (Torres, M. 2009 in [sociologiadasesemoco.es](http://sociologiadasesemoco.es))

Quando os indivíduos entrevistados foram questionados acerca das emoções que sentiam na hora de entrar para o recinto, ou para a festa, e se a emoção era a mesma que nas primeiras festas, as respostas foram bastante semelhantes. Chega-se à conclusão que as emoções vão desvanecendo com a frequência deste tipo de espaços, pelo menos na hora da entrada. Acontece uma “banalização” do sentimento de euforia que marcava as primeiras presenças nas festas. O aspeto que pode servir para caraterizar ambos os

grupos acaba por estar no ênfase das respostas dadas e nos sentimentos que cada indivíduo tem na hora da festa. No caso dos clubbers a “banalização” antes abordada acaba por ser muito mais acentuada e nota-se aqui, mais do que em qualquer outra questão, a diferença dos gostos. Se por um lado os clubbers dirigem a sua atenção para a música, quase exclusivamente, por outro lado os ravers dão mais valor ao ambiente em si, aos sentimentos, ao astral da festa. No caso dos ravers:

*“É difícil de explicar...é um misto de emoções. Aquele ambiente de liberdade não deixa ninguém indiferente.” (Diogo)*

*“Sentia-me livre e inebriada” (Manuela)*

*“(...) sinto-me alterado numa forma positiva, isso mais que tudo” (Hélder)*

*“Nunca é banal, como são poucas as festas é sempre bom participar. Já não é aquela coisa de entrar e ficar de boca aberta com a moldura humana (...) mas ainda dá aquele arrepiozinho quando sei que a festa vai valer mesmo a pena.” (Sandra)*

*“(...) há sempre aquela euforia no momento de entrar, já não é como as primeiras vezes mas pronto.” (João)*

*“É difícil explicar... sinto-me livre e feliz!” (Diana)*

No caso dos clubbers, o desvanecimento do sentimento de euforia é muito maior. A maior frequência de festas por parte destes pode servir de explicação para este desvanecimento.

*“(...) agora acho que já é normal. Nas primeiras ficava nervoso com o primeiro impacto, era tudo muito novo.” (Cândido)*

*“No fundo acho que já não sinto nada de especial. Vou para lá ouvir boa música e divertir-me...” (António)*

*“Não tem nada a ver. Já fui a centenas e centenas de festas, já não é como as primeiras. Há festas que ainda provocam aquele nervoso miudinho, mas são muito raras.” (Tomé)*

*“hummm... não, não. É diferente, não tenho aquela euforia inicial” (Patrício)*

## 12.2- As preocupações com a imagem

Cada vez mais vivemos da imagem e da representação do “eu” que fazemos no dia-a-dia. A imagem foi-se tornando algo supervalorizado na sociedade contemporânea, diz mais do indivíduo aquilo que veste ou aquilo que ostenta do que a própria personalidade. Tendo em conta que a média de idades dos indivíduos que participam nas festas é relativamente baixa, entre os 20 e os 30 anos, torna-se deveras importante nesta fase do ciclo de vida manter uma imagem adequada em relação ao que são as expectativas sociais e àquilo a que cada um aspira no futuro. Assim sendo, achou-se pertinente perguntar aos inquiridos se se sentem preocupados com o que os demais acham dos seus comportamentos, atitudes e consumos durante as festas, e se acham que essa imagem pode “passar” para o exterior da festa de forma negativa.

No grupo dos trancers a opinião difere, mas a associação da preocupação pela imagem que deixam em relação aos indivíduos que raramente frequentam esse ambiente está presente. Se por um lado uns denotam a sua completa falta de preocupação em relação às mentalidades e opiniões da sociedade, por outro lado temos os que acham que ninguém está interessado no que se passa durante o ambiente festivo.

*“...a superficialidade, infelizmente, é algo permanente destes novos tempos (...) a contrariedade e a hipocrisia é algo constante no ser humano e bastante visível nestes ambientes, o que é de salientar é que existem sempre muitos bons indivíduos que fazem a diferença. Nas festas de Trance encontramos mais desse tipo de indivíduos do que no resto das festas.” (Hélder)*

É este o tipo de testemunho que faz o investigador vincar, mais ainda, o recorrente descontentamento por parte dos ravers ou trancers em relação à sociedade e ao modo como esta julga o correto e incorreto.

*“...ninguém está lá para [controlar] ninguém. Cada um faz o que lhe apetece, consome o que lhe apetece... ninguém vai dizer ou fazer nada.” (Diogo)*

*“não vejo muita preocupação desse tipo (...) os consumos estão tão generalizados que a maioria já nem se preocupa com o que os outros pensam” (Bianca)*

*“Eu não me sinto minimamente preocupada, e acho que os outros também não. Ninguém está lá a ver o que levas vestido, ou as drogas que “mandas”... o pessoal está todo em comunhão (...) ninguém se preocupa com o que os outros estão a fazer”*  
(Sandra)

Os indivíduos que acham que certas pessoas ainda julgam a maneira de vestir ou os consumos dentro do ambiente apenas se referem aos “que caem nas festas de paraquedas”, indivíduos que não costumam frequentar aquele tipo de ambientes e que por uma qualquer razão participou naquele evento. Quando se referem aos seus semelhantes a opinião é diferente.

No caso dos clubbers existe um consenso. Na opinião dos indivíduos entrevistados ninguém vai para as festas controlar ninguém, ninguém se sente preocupado em ser visto a consumir estupefacientes ou a abusar nos consumos, ninguém está na festa para julgar a roupa de ninguém. Mas apesar de tudo, alguns indivíduos admitem ter cuidado com a imagem que transmitem para os mais “novos” nessas festas com medo que essa imagem seja transmitida de maneira errónea para a sociedade.

*“Geralmente não. É lógico que às vezes aparece gente que nós não conhecemos e que não está habituada ao que se passa nas festas e ficamos com um bocado de receio que as coisas saiam cá para fora (...) é perigoso porque podem contar alguma coisa que não devem a quem não devem (...) é preciso ter cuidado para não ficarmos com a nossa imagem estragada...”* (Cândido)

*“No geral acho que não. De vez em quando lá aparece alguém que não está habituado àquele ambiente (...) mas a grande maioria não se sente minimamente preocupado...”* (Tiago)

*“Acho que, dentro de tudo o que possa ser sair à noite, este é o caso onde há menos preocupações”* (Filipe)

*“Acho que não, cada um sabe da sua vida (...) isso acaba por ver-se mais nas discotecas. Nas festas de Techno ou de Minimal não se vê disso...”* (Simão)

Apesar de ser reconhecido que os clubbers têm mais cuidado com a imagem que deixam transparecer, até porque a grande maioria tem os seus empregos no dia-a-dia, é

de salientar que estes depositam mais confiança nos que partilham os mesmos ambientes. Todos têm algo a perder, neste caso, denegrir a sua imagem, e como ninguém gostaria que acontecesse com ele próprio, acaba por existir uma espécie de proteção dentro do grupo, sejam conhecidos ou desconhecidos.

### **12.3- Diferenciação de classe social**

Seria de enorme importância averiguar qual a opinião dos entrevistados em relação à diferenciação de classe dentro do ambiente festivo. Assim sendo achou-se pertinente averiguar se existem, dentro do ambiente festivo, alguns sinais de menosprezo ou de indiferença em relação ao estatuto de certos indivíduos.

No caso dos clubbers, as respostas foram praticamente semelhantes entre todos os entrevistados. Não existe diferenciação entre os indivíduos. A única diferença que poderá existir estará presente nos consumos, de álcool ou de drogas. Como o poder monetário será diferente, os consumos serão diferentes também, no que diz respeito às quantidades e não aos tipos.

*“Acho que não. Às vezes a entrada pode ser barrada (...) mas quem não tem dinheiro para andar [apresentável] também não tem dinheiro para andar a gastar em festas.(...) Depois de entrar somos todos iguais...” (António)*

*“Não...não sinto isso. Claro que os ricos se nota logo que têm outro poderio (...) o pessoal com mais poder económico consome muito mais do que quem não tem, como eu que tenho que andar a contar os trocos...” (Patrício)*

*“Acho que não, somos todos iguais lá dentro. Quem tem mais dinheiro bebe mais e consome mais drogas, mas quem não tem não vai estar lá dentro a olhar para os outros.” (Tomé)*

*“Eu creio que a esse tipo de festas vai toda a gente...ricos, pobres, bonitos, feios. Mas acho que o pessoal acaba por não se importar com isso.” (Luís)*

*“Acho que não. Primeiro porque quem vai para essas festas sabe que é preciso ter algum dinheiro, segundo...porque quem está lá dentro não está para se preocupar com nada disso!” (Cândido)*

No caso dos adeptos das festas de Trance, a grande maioria acaba por constatar o que era esperado, que não existe diferenciação, e apenas dois indivíduos admitiram que

a classe social ainda faria com que certas pessoas fossem postas à parte por alguns grupos. No entender do entrevistador, os indivíduos que acham que existe diferenciação estariam a referir-se ao mundo exterior às festas e não às festas de Trance, caso contrário seriam encontradas bastantes respostas contraditórias durante a entrevista. Outra explicação será o repúdio que estes sentem pelas hierarquias sociais, pelo que tudo o que tenha a ver com estas trará uma resposta depreciativa.

*“Em todo o tipo de festas que vou encontro gente pobre e rica! Mas vejo gente mais rica em festas de Minimal, afters, e pessoas mais simples nas festas de Trance.”*  
(Bianca)

*“Não existe! Somos todos iguais! (...) nem estão preocupados com o dinheiro, são contra o capitalismo e essas [cenas], só querem viver o dia-a-dia em paz com eles próprios. Não tenho dúvida que não existe diferenciação.”* (Diogo)

*“...em geral não sinto isso. Acho que se acaba por sentir mais no dia-a-dia.”*  
(Pilar)

*“Pode notar-se nos consumos, quando o pessoal vai para lá sem dinheiro, porque não o tem, cola-se aos outros. Nas festas de Trance acho que não há mesmo diferenciação. O ambiente é diferente!”* (Tiago)

## **12.4- Diferenciação sexual**

Pretende-se agora analisar de que forma as mulheres interagem num ambiente festivo supostamente mais frequentado homens, um ambiente duro e pesado em termos de consumos. Como já foi dito anteriormente, as mulheres são vistas pela sociedade como um ser mais “frágil”, que precisa de cuidados dobrados durante a noite. Será que são esses cuidados a afastar as mulheres das festas de música alternativa? Será o número de mulheres assim tão baixo em relação ao dos homens?

A pergunta colocada aos inquiridos visava esclarecer três aspetos referentes à diferenciação sexual: as frequências, os consumos e os comportamentos.

Tanto no caso dos clubbers como nos ravers, as respostas foram claras e ao encontro dos objetivos da investigação. Mulheres e homens partilham da mesma opinião: o número de mulheres tem vindo a aumentar nas festas, sejam estas de Trance, Minimal ou Techno.

*“...tem havido um crescendo (...) já é normal ir a uma festa dessas e começar a ver 40/60 mais ou menos. Continuam a haver mais homens, mas está a aumentar o número de mulheres.” (Patrício)*

*“... na noite em geral há sempre mais homens que mulheres, mas eu acho que existem mais mulheres nesse tipo de festas do que numa noite “banal” onde só passa musica brasileira...” (Luís)*

*“hoje em dia já há muita, muita rapariga nova que tem surgido mas as caras que se veem hoje em dia são muitas vezes as caras que se viam há 10 anos” (Filipe)*

*“...se for um ambiente underground de certeza que vais ver menos mulheres (...) em relação às outras festas, claro que se vê tipo 50/50”... normalmente.” (Fred)*

*“ Hoje em dia homens e mulheres vão ao mesmo tipo de festa. Mas noto mais homens no Minimal ou no Techno. Acho que a percentagem de mulheres é maior no Electro ou no Trance” (Bianca)*

*“Acho que cada vez há mais mulheres, felizmente nesse aspeto as mentalidades têm vindo a mudar” (Sandra)*

Considerando as informações que pudemos obter durante o trabalho de campo, designadamente através da observação, podemos dizer que algumas respostas são um pouco exageradas no que diz respeito às percentagens referidas pelos indivíduos. Isso acaba por revelar a vontade de fazer passar para o investigador a ideia reforçada de que as frequências das mulheres têm vindo mesmo a aumentar. No que se refere aos consumos, as respostas acabam por ser novamente iguais entre os dois grupos, independentemente do sexo do inquirido. Os consumos das mulheres cada vez mais se aproximam dos consumos dos homens, tanto a nível de álcool como de drogas.

*“Hoje em dia já se vê mulheres a consumirem tanto como os homens” (Fred)*

*“Acredito que, se até alguns anos as mulheres eram mais contidas do que os homens, isso já não acontece tanto. No meu grupo de amigos não existia mesmo diferença” (Manuela)*

*“Nas mulheres acho que é basicamente igual, umas têm um limite, outras têm outro” (Sandra)*

*“Vejo mulheres e homens consumirem exatamente o mesmo, em quantidades semelhantes” (Bianca)*

*“Antigamente, tendencialmente, eram mais calmas. Hoje em dia acho que está muito equiparado” (Filipe)*

Os consumos têm vindo a aumentar por parte dos participantes do sexo feminino. Apesar disso não chegam aos elevados patamares dos consumos masculinos, salvo raras exceções, devido à constituição do corpo feminino. É opinião da maioria dos inquiridos que um homem aguenta mais álcool e mais drogas devido à sua estatura e metabolismo. No que diz respeito aos comportamentos, as opiniões acabam por ser semelhantes entre os dois grupos e entre sexos também. As mulheres têm tendência a querer salvaguardar mais a sua imagem, mesmo dentro da festa. Se são raros os casos dos homens que tentam esconder os seus consumos, são raros os casos das mulheres que tentam não fazê-lo. No caso das mulheres, os consumos podem ser mais baixos também numa tentativa de não perderem uma postura adequada aos padrões esperados.

*“Acho que as mulheres talvez se comportem melhor, também porque raramente ultrapassam os limites. Os homens acho que se deixam levar mais pelas vontades e depois já é tarde de mais...”(Sandra)*

*“...tentam sempre estar bem apresentadas e não fazer muitas [figuras].” (João)*

*“Em termos de comportamentos...acho que tentam manter mais a postura, até certa hora da noite, depois começa o álcool a fazer efeito e pronto...” (Tiago)*

*“Apesar de terem mais controlo, um bocado, já é muito diluída a diferença entre os homens e as mulheres...” (Filipe)*

*“Acho que são como os homens (...) nessas festas acho que toda a gente mantém a postura... tanto homens como mulheres” (Patrício)*

## **12.5- A rotulação social**

Achou-se pertinente abordar o tema da rotulação, por parte da sociedade, em função dos comportamentos dos indivíduos que participam nas festas de música alternativa e de Trance. A explicação dada aos entrevistados que estavam menos familiarizados com o tema acabou por elucidá-los e o entrevistador acabou por conseguir as respostas procuradas. Assim sendo, a rotulação acaba por fazer com que uma pessoa e todas as suas qualidades, sentimentos e vontades, seja definida por apenas

uma característica, característica esta que é julgada negativamente pela sociedade. No caso dos indivíduos que frequentam o tipo de festas por este estudo abordado, a imagem que a sociedade cria, na maioria das vezes, acaba por não ter correspondência com a realidade. O desconhecimento do ambiente e das mentalidades dos participantes das festas acaba por fazer com que os elementos externos julguem todo o grupo em função de algum caso isolado que tenha acabado da pior forma.

Foi então perguntado aos entrevistados se a rotulação por parte da sociedade se fazia sentir, e se achavam que essa rotulação estava estritamente ligada aos elevados consumos de estupefacientes que caracterizam este tipo de festas.

As respostas diferem um pouco entre os grupos. No caso dos ravers a grande maioria admite sentir ainda uma forte rotulação por parte da sociedade. Tem que se ter em consideração que são estes os indivíduos que menos se preocupam com a imagem, que gostam de andar com trajes coloridos, cabelos compridos e mal apanhados.

*“sim... sem sombra de dúvida!” (Manuela)*

*“sem dúvida!!! Mas não deixa de haver sentido nesses rótulos. Na verdade a noite de hoje é muito diferente da noite de há 15 ou 20 anos...” (Bianca)*

*“esses rótulos sempre existiram, seja pela aparência, pelo que consomem ou pelas [mocas].” (Hélder)*

*“ sim, há uma visão de rotulação. O consumo de drogas nunca é bem visto” (Pilar)*

No caso dos clubbers, a maioria admite que cada vez menos se sente essa rotulação, que com o passar do tempo a sociedade vai tomando conhecimento do que realmente se passa nas festas de Techno e de Minimal e começa a desvalorizar, de maneira positiva, a frequência desses ambientes.

*“Acho que já houve mais. Agora como tem havido mais festas a população já se tem começado a habituar, mas mesmo assim ainda olham de canto...” (Simão)*

*“Acho que já existiu mais, pelo menos do pessoal do techno. Do pessoal do Trance talvez ainda exista mais porque a grande maioria andam vestidos no dia-a-dia da mesma maneira que vão às festas... roupa estilo hippie, rastas, etc.” (Tiago)*

*“Acho que tem vindo a mudar, mas tem que se dar tempo ao tempo. É como tudo, brincos, tatuagens...por aí. As pessoas primeiro estranham mas depois deixam de olhar de lado” (Tomé)*

Quando os indivíduos foram questionados acerca do motivo de tal rotulação as respostas foram unânimes. Os fortes consumos de estupefacientes são a maior causa para que a sociedade queira manter “distância” dos frequentadores deste tipo de ambientes. Apesar de ser esse o motivo maior para a rotulação, alguns dos indivíduos entrevistados fizeram questão de deixar claro que essa rotulação existe mas que é devida à falta de informação e de conhecimento por parte dos não frequentadores.

*“Sem dúvida...sem dúvida e muitas vezes sem informação, é claro... é clarinho como água, e pessoas mais antigas ainda continuam a colocar rótulo numa pessoa que saia à noite para esse tipo de festas como drogado...” (Filipe)*

*“Ouço muitas vezes pessoas a dizer que [ah e tal, isso é festas para drogados] (...) muitos dos que falam não têm a mínima ideia do que dizem mas pronto, temos que respeitar a sua opinião.” (António)*

*“...as pessoas não têm conhecimento daquilo que se faz nessas festas (...) certamente ainda existe muita gente que pensa que quem consome (...) não tem qualquer tipo de objetivos de vida, que só querem andar aí drogados. Não acho!” (Patrício)*

## **13-O grupo de pares**

### **13.1-Diferenciação de pares**

O grupo de amigos será o grupo mais importante do qual um indivíduo enquanto jovem fará parte, sobrepondo-se assim à família, a partir de certa idade. O grupo de pares, ou grupo de amigos, facilitará a transição do indivíduo da juventude para as responsabilidades da vida adulta.

O grupo de pares não será nada mais do que um grupo de “iguais”. Não se pode confundir grupo de pares com tribo urbana, apesar de terem alguns pontos em comum. Com o passar dos anos os indivíduos começam a criar novas rotinas e novas amizades, e isso constituirá um teste aos laços criados com o grupo de pares e aos gostos de juventude.

Achou-se pertinente para a investigação descobrir se os indivíduos frequentavam as festas sozinhos ou em grupo, e se esse grupo era o mesmo grupo com quem interagiam nas atividades do quotidiano, ou o seu grupo de pares. Em alguns casos, os indivíduos deram a entender que tinham um certo grupo com quem apenas interagiam nas festas, ou nos momentos que antecediam as mesmas. Isto leva-nos a crer que apesar do envolvimento do indivíduo com os demais participantes as suas vivências diárias não permitem que esses se tornem no seu grupo de pares. Esta característica está mais presente no grupo dos ravers ou trancers do que no grupo dos clubbers.

A totalidade dos entrevistados admitiu frequentar as festas em grupo, não obstante, alguns admitiram ter grupos diferentes, um grupo das vivências diurnas e outro das vivências noturnas.

Os indivíduos foram então questionados acerca do grupo de amigos, se era o mesmo nas festas e nas vivências diárias.

*“...tenho 2 ou 3 amigos que sim, de resto não. Fui conhecendo gente de fora e só estou com eles nas festas praticamente.” (Sandra)*

*“...alguns sim, outros não. Aqui na zona não há muitos apaixonados pelo Trance por isso tive que criar amizades com o pessoal de fora. Com esses não posso estar sempre mas estou sempre que posso” (Diogo)*

*“... há pessoas que sais e podes encontrar por casualidade, há aquelas pessoas que só vês na noite que não é do teu grupo restrito...” (Fred)*

*“Alguns são, mas usualmente são outros amigos, que apreciem o mesmo tipo de festa e ambiente que eu.” (Bianca)*

No caso dos clubbers, a maioria admite ter apenas um grupo com quem partilha a maioria das vivências.

*“... é praticamente o mesmo. Há um ou outro que só aparecem para as festas, mas são poucos” (António)*

*“tenho grupos diferentes, mas com quem saio à noite também estou de dia...são iguais!” (Filipe)*

*“é praticamente o mesmo grupo. Há alguns que trabalham mais longe e estou menos vezes com eles, mas são poucos.” (Tomé)*

### **13.2-Relação entre pares e consumos de estupefacientes**

Independentemente da iniciação no consumo de estupefacientes ter acontecido dentro do ambiente festivo, ou não, acredita-se que este mesmo consumo possa estar relacionado com o grupo de pares do indivíduo. Não se pode constatar que a influência dos amigos do indivíduo seja consciente, pela sua parte, ou que seja essa influência o motivo maior para o consumo durante as festas.

A grande maioria acha que o grupo não influencia, mas que é por causa do grupo que consomem durante a festa. As quantidades de estupefacientes consumidas é que serão maiores ou menores consoante o grupo com que o indivíduo reparta as suas vivências. Os indivíduos foram então interrogados acerca da influencia do grupo e se achavam que essa influência era grande a ponto de se poder responsabilizar o grupo pelos consumos individuais.

*“ No meu caso e no meu grupo (...) acho que não. Ninguém incentiva ninguém a consumir, nós já vamos com essa...como dizer? predisposição!” (Sandra)*

*“Não propriamente. Somos humanos, influenciáveis e copiadores uns dos outros por natureza. Também somos seres com senso comum... somos responsáveis pelos nossos atos e sabemos disso!” (Pilar)*

*“No meu caso acho que não. Às vezes depende do que consomem nessa noite, (...) procuro sempre consumir aquilo de que gosto realmente. Se não me apetecer consumir algo, não vou consumir só porque os meus amigos estão a consumir.” (Bianca)*

*“O consumo acho que não, as quantidades sim!! Dependendo de com quem esteja, vou consumir mais ou menos. (...) Isso também “vai” da carteira de cada um.” (Simão)*

*“No início, quando se começa a ir às festas pode estar, depois acho que não. No início somos todos um bocado influenciáveis (...). Depois de sabermos como aquilo funciona já só consome quem quer.” (António)*

*“ Em certa medida sim. Se sair com o meu grupo mais chegado consumo sempre mais. Se sair com outro grupo com quem estou menos vezes tento sempre ter mais cuidado.” (João)*

*“Não propriamente. Dentro do meu grupo de amigos, somos 12 ou 13, só eu e mais 2 é que consumimos...os outros não. De forma alguma nos vão repudiar por estarmos a consumir. Eles sabem que é só naquele momento, que não somos viciados...” (Luís)*

## **14-As vivências do indivíduo**

### **14.1-A influência da participação nas festas nas vivências diárias**

Os indivíduos inquiridos foram questionados acerca da influência das festas de música em que participavam nas suas vivências diárias. Os aspetos que interessavam ao autor averiguar estavam ligados com o discurso diário do entrevistado, com os seus valores, com os seus comportamentos e com a normalização das drogas. Como era de esperar, 100% dos indivíduos que acabariam por se identificar com a cultura “raver”, admitiu que a frequência das festas de trance influenciou, sem dúvidas, as suas vivências diárias. No caso dos clubbers as respostas ficaram repartidas, metade admitiu que as vivências diárias foram afetadas e a outra metade afirmou o contrário. Como verificamos anteriormente, a simples razão dos adeptos clubbers terem mais consciencialização acerca da separação de tempos já fará com que estes desmintam as influências do ambiente noturno nas vivências diárias. Por outro lado, os ravers que afirmam que uma festa de Trance não é apenas uma festa de música, vão tentar frisar isso mesmo, afirmando que as festas ganharam extrema importância nas suas vidas.

No caso dos clubbers, quando foram questionados acerca das vivências e lhes foi perguntado se achavam que as mesmas tinham sido influenciadas, a maioria dos

entrevistados fez questão de deixar claro que a normalização das drogas foi a parte das vivências diárias mais afetada pela participação nesses ambientes.

*“Não noto muito isso, a não ser na parte da normalização das drogas. Depois de ver tanta gente a consumir, é normal aquilo perder importância...” (Tiago)*

*“Acho que não. Só se for mesmo no caso da normalização dos consumos. De resto acho que não mudou nada na minha maneira de pensar nem nada.” (António)*

*“Pode haver alguma coisa ou outra que me tenha feito mudar a maneira de ver as “cenas” mas não notei muito. As experiências que uma pessoa tem nas festas podem fazer com que mudemos um bocado, mas daí a alterar a pessoa que somos acho que não.” (Cândido)*

Os indivíduos que responderam positivamente, admitindo que as vivências tinham sido influenciadas, fazem-no apenas relativamente à normalização dos consumos. As respostas acabam por ter todas o mesmo fundamento, apesar de interpretações diferentes.

*“É lógico que todas as experiências acabam sempre por influenciar alguma coisa. No caso da participação nas festas acho que a normalização das drogas foi a questão que mais vi alterada. Em termos de ideais e de comportamentos, acho que mantive os que tinha.” (Simão)*

*“Sim, sem dúvida. Eu confesso que era uma das tais pessoas que rotulava, para mim cocaína...jesus...era algo do outro mundo. Agora que estou dentro do meio e que já experimentei várias coisas acho que a minha atitude em relação a isso mudou completamente...” (Patrício)*

*“A nível da normalização das drogas é óbvio que sim porque...dá-te outra visão, dá-te a visão de quem está por dentro... e comesças a perceber que não é um bicho-de-sete-cabeças como às vezes querem fazer parecer...” (Daniel)*

Os indivíduos que se identificaram com a cultura “raver” admitem então que as suas vivências foram deveras alteradas pela participação nas festas.

*“Sem dúvida! Eu mudei como pessoa desde que me comecei a familiarizar com este ambiente (...) Acho que respondi à pergunta ao dizer que mudei como pessoa...isso altera tudo!” (Diogo)*

*“Acho que mudei em tudo. Quanto aos comportamentos tornei-me uma pessoa muito mais consciente daquilo que me rodeia. Comecei a ver a vida de outra forma, mais livre.” (Pilar)*

*“Acho que sim. Eu já tinha os meus ideais mais ou menos definidos. (...) Depois daí e de conhecer tanta gente com a minha maneira de pensar, é lógico que as coisas se foram acentuando.” (Sandra)*

## **14.2- Responsabilidade face a compromissos diários**

Tendo em conta que uma das partes da investigação foi centrada nos “estilos de vida” e nos “sectores de estilos de vida” de A. Giddens, achou-se pertinente tentar averiguar se as teorias explicadas anteriormente teriam fundamento numa realidade presente. Segundo essas teorias, o grupo que se identificou com a cultura “clubber” teria uma maior separação de sectores de estilos de vida, logo, a responsabilidade dos indivíduos far-se-ia notar mais do que no caso dos ravers. Para averiguar a factualidade da afirmação anterior, os indivíduos foram questionados acerca das suas falhas em compromissos com a família, de trabalho, ou de outro tipo de compromissos não mencionados. Foi perguntado aos indivíduos se já tinham prejudicado a sua vida por terem participado em alguma festa quando não deviam, ou podiam, participar. A teoria acabaria por ser confirmada.

No caso dos ravers, cerca de 75% dos indivíduos entrevistados admitiram já ter falhado compromissos devido à participação nas festas de Trance.

*“Sim, algumas vezes. Às vezes é por motivos alheios a mim mas pronto. Outras vezes é mesmo porque não resisto a um convite.” (Sandra)*

*“Sim, bastantes vezes! Também quando quero ir a uma festa ficam sempre muito longe de cá. (...) Na maioria das vezes chego quase na noite seguinte, por isso almoçar ou mesmo jantar com a família torna-se muito difícil. Já faltei ao trabalho algumas vezes...” (Diogo)*

*“Já...já falhei vários compromissos. Faltei dias ao trabalho por exemplo. Já deixei muitas vezes a família à espera para jantar.” (Diana)*

No caso dos clubbers, apenas um indivíduo admitiu já ter falhado algum compromisso importante. Os restantes defendem a sua responsabilidade e dizem apenas frequentar as festas quando as suas responsabilidades não sejam prejudicadas.

*“Não, acho que não. A minha mãe dava-me cabo da cabeça por chegar a casa àquelas horas mas também sabia que quando era para trabalhar era para trabalhar!” (Cândido)*

*“Nunca falhei nenhum compromisso...nunca falhei nada. Já sei sem que pudesse, no dia a seguir cumpro com os meus compromissos apesar de não ter cumprido, se calhar, com a mesma performance.” (Luís)*

*“Creio que não. Para participar numa festa tenho que ter a certeza que não vou ter nada importante para fazer no dia seguinte, até porque vou passar o dia todo a dormir.” (João)*

## **15-Os consumos do indivíduo**

### **15.1-A iniciação**

Como já foi dito inúmeras vezes ao longo da investigação, os consumos de estupefacientes psico-ativos nas festas de trance e nas festas de Música Alternativa são uma realidade bastante simples de constatar. A questão que permanece durante a investigação está relacionada com a iniciação nos consumos. Será que esta iniciação está relacionada com a frequência das festas? Serão as festas apenas tempos em que os consumos são exacerbados? Como iniciaram os indivíduos os seus consumos de psico-ativos? Foram estas as primeiras drogas consumidas?

Estas são algumas das questões a que o investigador obteve resposta durante as entrevistas. Primeiro foi perguntado aos inquiridos se estes consumiam estupefacientes aquando da participação as festas. No caso dos ravers, apenas 2 indivíduos admitiram apenas consumir Haxixe e Cannabis. No caso dos clubbers foram também apenas dois

indivíduos a cingir os consumos a essas duas drogas. Podemos então afirmar que apenas 1/5 da amostra não consome estupefacientes psico-ativos durante as festas em que participa. Com o decorrer da investigação chegou-se à conclusão que os consumos de haxixe ou cannabis começam geralmente fora do ambiente festivo, aliás, este consumo começa, na maioria das vezes, em muito tenra idade, antes sequer de ser permitida a entrada neste tipo de festas. Quanto aos estupefacientes psico-ativos, como a cocaína ou o MDMA, na maioria das vezes, a iniciação tem lugar durante a participação nas festas, não obrigatoriamente nas primeiras experiências do indivíduo.

Um aspeto bastante importante que foi sendo desvendado ao longo das entrevistas foi o da importância dada aos consumos. Alguns dos indivíduos já nem consideram o haxixe e a cannabis estupefacientes a tal ponto que o seu consumo maneira já é considerado banalizado. Todos os indivíduos entrevistados admitiram fumar “charros” durante as festas, mesmo aqueles que não consomem estupefacientes psico-ativos. Nem todos os indivíduos consumidores de cannabis e haxixe são consumidores de psico-estimulantes, mas todos os consumidores de psico-estimulantes são consumidores de cannabis e haxixe, em maior ou menor grau.

A grande maioria dos indivíduos admite ter começado o consumo de psico-ativos (MDMA ou cocaína, por exemplo) fora do ambiente festivo, mas admitem também que os consumos cresceram devido à participação nas festas. Hoje em dia, a grande maioria, apenas consomem este tipo de drogas de forma recreativa, sem qualquer tipo de dependência física e de maneira controlada durante a participação nas festas. No caso dos trancers pode-se também referir o consumo de LSD como sendo recreativo, em certos casos. No casos dos Híppies ou dos indivíduos mais atraídos por essa cultura, incluídos nas comunidades, e que não atribuem grande importância ao futuro próximo, o consumo deixa de ser recreativo e começa a ser um estilo de vida.

## **15.2-Tipos de consumos**

A grande maioria dos indivíduos entrevistados mostrou ter o mínimo de conhecimento acerca dos consumos que mantinha, quais os efeitos, quais os malefícios e quais as quantidades que deveria consumir. Deve ter-se em consideração, que os entrevistados têm diferentes empregos, alguns que exigem maior concentração e esforço mental. Esta parte será importante quando pretendermos analisar o nível de

responsabilidade entre os “grupos” e em relação aos consumos. Os consumos deverão ser diferentes entre um indivíduo que seja enfermeiro e ponha em risco o bem-estar de terceiros, e um indivíduo que seja empregado fabril, por exemplo, que mesmo estando sob os, ainda que ténues, efeitos de estupefacientes não põe em risco o bem-estar de mais ninguém a não ser o do próprio. Achou-se importante averiguar as escolhas de cada indivíduo e o tipo de seleção feita, dependendo do tipo de festa. Foi perguntado aos inquiridos quais as drogas que estes consumiam no decurso das festas. Um aspeto que chamou a atenção do investigador aquando das respostas foi a diferença entre o número de drogas consumidas pelos ravers e pelos clubbers, não na mesma noite ou na mesma festa, mas ao longo da experiência do indivíduo. Se por um lado temos um grupo que admite ter experimentado quase tudo o que há para experimentar, por outro lado temos outro grupo em que a grande maioria cinge os seus consumos a apenas duas drogas, cocaína e “MD”.

No caso dos ravers:

*“Erva, haxixe, LSD, MDMA, Speed, Ketamina. Já consumi estas drogas todas (...) Tive fases, umas vezes mais, outras vezes menos.” (Pilar)*

*“Cocaína e Speed. E raramente MDMA, Cogumelos e LSD.” (Hélder)*

*“[ganza], [erva], LSD, de vez em quando [MD], e muito mas muito raramente Cocaína. Também já [mandei] Cogumelos mágicos mas não curti muito a moca que aquilo deu. Para [viajar] já tenho o LSD.” (Diogo)*

No caso dos clubbers:

*“(...) As que consumo mais são o MDMA e a Cocaína, e às vezes umas pastilhas de Ecstasy. Acho que são as drogas mais indicadas para o tipo de festa que frequento.” (Simão)*

*“Cocaína, MDMA e Ecstasy. De vez em quando aparecem outras, mas é muito de longe a longe” (Cândido)*

*“Cocaína e MDMA. Já consumi outras, mas foi só uma ou duas vezes. Depois fumo uns [charritos] quando estou com os meus colegas, mas é raro.” (Tomé)*

*“MDMA...ou o chamado Ecstasy por exemplo. São as únicas que consumo...Marijuana e derivados...e o álcool claro.” (Daniel)*

### **15.3-O efeito desejado**

Como seria de esperar, para cada tipo de droga existe um tipo de efeito após o consumo. Se por um lado temos o LSD causador de alucinações e substância inseparável do psicadelismo, por outro lado temos o MDMA ou a Cocaína que irão dar a energia necessária aos consumidores para aguentar toda a festa a dançar ao ritmo frenético das batidas do Techno ou do Minimal. Apesar de alguns inquiridos não terem conhecimento sobre os efeitos nocivos das drogas mencionadas, todos eles parecem saber, definitivamente, os efeitos das mesmas sobre si próprios, a duração dos efeitos e as quantidades a serem ingeridas. Sendo assim tão conscientes nesses aspetos, seria de esperar que todos respondessem de forma lúcida e rápida quando questionados acerca dos efeitos desejados nas drogas consumidas. As respostas variam entre os dois grupos. Se, por um lado, os clubbers não sabem bem o que procuram, ou apenas procuram energia e alguma substância que os torne mais sociáveis, por outro lado, grande parte dos ravers sabe o que persegue com o consumo, a abertura dos horizontes.

*“Há certos tipos de drogas que te levam a ter uns “vibes” que outros tipos de droga não te levam.” (Fábio)*

*“Procuro abertura, sensações mais intensas. Não gosto de drogas que me coloquem para baixo, que me deprimam ou fechem. Gosto de ficar feliz, alegre, expansiva, sentir-me mais próxima dos outros.” (Bianca)*

*“Procuro muita coisa e tenho resposta a muita coisa quando consumo a droga certa, os [ácidos] abrem todos os horizontes.”(Diogo)*

### **15.4-A necessidade de consumir**

Tendo em conta o grande número de indivíduos consumidores nas festas por este estudo abordadas, achou-se pertinente tentar saber se o consumo advinha de alguma espécie de necessidade, ou seria apenas fruto do êxtase do momento. Os indivíduos ficam notavelmente alterados depois de consumir drogas psico-ativas. Será necessário alterar o seu estado de espírito, a sua lucidez ou o seu discernimento para que cada um consiga aproveitar a festa ao máximo? Quando os inquiridos se depararam com esta

questão notou-se uma certa cumplicidade entre quem consome e quem não consome. Os ravers mantêm uma postura tripartida: os que acham que não há necessidade do consumo, os que acham que o consumo não é necessário mas ajuda à desinibição e à dança, e os que acham que é imprescindível. Por outro lado, apenas dois inquiridos clubbers admitem não achar necessário o consumo para aproveitar a festa ao máximo. Temos que ter em conta que os indivíduos não consumidores conhecem os efeitos apenas nas pessoas que os rodeia, assim sendo não podem opinar acerca da necessidade do consumo, nesta questão, pois não sabem como se iriam sentir caso consumissem. Os indivíduos não consumidores acham que o consumo não é necessário para aproveitar a festa ao máximo. A resposta de um dos indivíduos raver é bastante elucidativa quanto a este aspeto: *“Acho que sim. Tenho 1 ou 2 amigos que dizem que não, mas esses preferem não consumir, vai da ideia de cada um. Eu acho que sem consumir aproveitamos o momento a 90%, se consumirmos aproveitamos a 150%. Os [ácidos] fazem maravilhas. (risos)”* (Diogo)

O aproveitar a festa ao máximo pode ser o “aproveitar o momento a 90%” e assim os indivíduos que não consomem dizem que aproveitam a festa ao máximo. A diferença entre a maioria dos indivíduos está no que cada um acredita ser o seu máximo de aproveitamento. Os indivíduos consumidores criam um patamar que só é alcançável se existir consumo de psico-estimulantes. No caso dos clubbers o caso altera-se, cerca de 80% admite achar necessário o consumo, quer para evitar a ressaca do dia seguinte, para evitar que o nível de alcoolémia estrague a noite, para os desinibir mais ou mesmo para abrir também os horizontes. Um pouco de tudo serve como motivo para consumir.

*“Para aproveitar mesmo ao máximo é necessário consumir. É lógico que se não consumir também me consigo divertir na festa... mas nunca se chega ao expoente máximo da [coisa]!”* (João)

*“(...) É lógico que quem nunca experimentou e já se divertiu numa festa vai dizer que não é necessário, mas é certo que nunca se divertiu ao máximo. Depois de experimentar é necessário para chegar ao auge da festa, mas se não consumir também me divirto.”* (Simão)

## **16-Ravers e clubbers**

### **16.1- Opinião acerca da diferenciação dos grupos**

As diferenças existentes entre os dois grupos têm vindo a ser inumeradas de forma exaustiva durante toda a investigação. Os consumos, as atitudes, os ideais ou as frequências são definitivamente diferentes na maioria dos casos abordados. Existe também uma linha do tempo que interfere na investigação. Se por um lado o número de clubbers têm vindo a aumentar ao mesmo ritmo que as festas de minimal e techno, por exemplo, por outro lado a cultura “raver” têm vindo a desvanecer-se ao ritmo que as festas de Trance ou os festivais que outrora chamavam milhares de pessoas o têm feito também. Não obstante, na atualidade, são observáveis ambos os grupos, apesar das tendências de crescimento ou de decréscimo observadas.

Ficou provado, durante as entrevistas, que são raros os indivíduos que de alguma forma “pararam” para pensar qual seria a sua posição dentro do ambiente noturno, mesmo mostrando grande conhecimento acerca do ambiente frequentado e do estilo de música predileto. Apesar da denotada falta de preocupação em se “colocarem” em determinado grupo ou cultura, todos os indivíduos acharam importante a diferenciação feita entre a cultura “clubber” e a cultura “raver”, quer para a investigação que decorre, quer para formação e informação, ou mesmo para futuras investigações.

*“As diferenças existem, basta conhecer minimamente o ambiente noturno para sabermos que existem vários grupos, com diferentes maneiras de agir e de pensar.”*  
(Pilar)

*“... seguramente isso pode ser útil para estudos dentro desse ambiente”* (Tiago)

*“... se há diferenças entre os dois grupos porque não diferenciá-los?”* (João)

### **16.2- A identificação grupal do indivíduo**

Apesar da grande maioria nunca se ter interrogado acerca da sua “posição” dentro do ambiente noturno foi com grande interesse que procuraram informar-se com o investigador acerca dessa distinção e dos grupos a ser tratados. O que se procurava

saber com a questão colocada acerca da identificação grupal era o nível de afinidade com o grupo, o pouco ou muito conhecimento acerca do grupo, e a elucidação por parte do entrevistado acerca do grupo.

Com o decorrer das entrevistas o investigador foi-se apercebendo dum fenómeno bastante peculiar. Se por um lado os clubbers não tiveram problema nenhum em dizer que se identificavam mais com essa cultura, por outro lado os ravers mesmo identificando-se, em maior ou menor grau com esse grupo, tentavam sempre circundar o termo “raver” como se o termo tivesse por si só uma conotação negativa

*“Identifico-me com a contra-cultura, identifico-me com free parties, com eventos culturais e não apenas musicais, mas nunca me identifiquei nem irei identificar como um Clubber” (Hélder)*

*“...eu não gosto de ser catalogada como Raver...prefiro o termo [festivaleira]” (Diana)*

*“...nem consigo escolher. Há-de haver outro adjetivo qualquer para definir as minhas preferências” (Manuela)*

*“Eu identifico-me mais com a contra-cultura. Sou contra os valores que a sociedade defende, sou contra o consumismo, sou contra o capitalismo...” (Sandra)*

Apesar de nenhum dos indivíduos admitir sem qualquer tipo de receio a cultura com a qual se identifica, o investigador assume a mesma como sendo “raver”. Todas as outras respostas das entrevistas de cada um destes indivíduos caracterizam os mesmos como fazendo parte dessa cultura, quer pelos comportamentos, atitudes, ideais ou gostos musicais.

No caso dos clubbers o mesmo não acontece.

*“Identifico-me mais com a cultura “clubber”. Não faço questão de ter os mesmos ideais que os outros, aliás, acho que os meus ideais são só meus. Tenho a minha vida no dia-a-dia e a noite é uma coisa à parte.” (Tomé)*

*“Acho que me posso considerar um Clubber, tanto pelo estilo de música que aprecio como pelos meus ideais e responsabilidades, dentro e fora das festas.” (Simão)*

*“Sempre me identifiquei mais com a cultura “clubber” ...embora eu adore raves, mas as raves...como hei-de dizer... as raves que existiam na altura eram um bocado parecidas com as festas de agora pronto.” (Daniel)*

## **17-A música nas festas**

### **17.1- As escolhas do indivíduo**

Na atualidade, onde o leque de possibilidades continua a crescer, os indivíduos têm que fazer determinadas escolhas musicais tendo em atenção o estilo, os gostos pessoais, a disponibilidade em relação às festas ou até o gosto generalizado do grupo de pares. Torna-se necessário a cada indivíduo enveredar por um caminho entre muitos. São raros os casos de indivíduos que participam em todo o tipo de festas. Techno, minimal, trance, drum and bass, electro e novos estilos que vão nascendo e vão criando uma certa incompatibilidade entre si. As batidas, as casas que acolhem essas festas, o grupo de pares, o ambiente e até os consumos, tornam-se sem dúvida fatores importantes na hora da escolha pessoal. A escolha do estilo musical torna-se então numa das características do indivíduo que mais fortemente irá marcar as suas experiências noturnas. A opção do indivíduo relativamente à música pretendida será um dos fatores mais importantes na hora de o agregarmos a determinado grupo. Assim, encontramos uma relação entre consumos, estilo de música, valores e comportamentos adotados no decorrer das festas. Cada uma destas escolhas e características será igualmente importante na hora de traçarmos um perfil das vivências noturnas de cada indivíduo e, apesar de tratarmos apenas dois grupos, ravers e clubbers, as características principais das práticas noturnas de cada sujeito serão praticamente semelhantes dentro de cada um.

Ao analisar as entrevistas chegou-se à conclusão esperada. Os ravers preferem festas de Trance ou festivais semelhantes aos primórdios dos mesmos, e os clubbers preferem festas de techno, minimal ou electro. Um fenómeno interessante foi constatar que o público adepto das raves acaba por ter um leque de escolhas mais abrangente e acaba por participar também em algumas festas de electro, concertos de raggae ou concertos de Jazz. No caso dos clubbers apenas foram feitas referências a frequências antigas e passageiras e na atualidade cingem as suas escolhas a três estilos, Techno, Minimal e Electro. Com mais frequência no primeiro e com menos frequência no último.

## **17.2- Diferenciação e opinião em relação às discotecas**

É do conhecimento de qualquer frequentador do ambiente noturno que existem diferenças, mais do que vincadas, entre os ambientes das festas de música alternativa e o das discotecas mais convencionais que encontramos muito facilmente em qualquer cidade, vila, ou mesmo aldeia. Tendo em conta que o público frequentador das discotecas foi tenuemente abordado durante a investigação e trabalhado como “não público” para a mesma, as impressões transmitidas pelos entrevistados terão que ser cuidadosamente abordadas e entendidas, pois as informações que temos a respeito destes indivíduos são muito lineares.

Aos entrevistados foi colocada uma questão que pretendia averiguar se estes achavam que os ambientes diferiam muito entre as festas em que participavam e o ambiente duma discoteca. As respostas foram de todo esclarecedoras. Todos os indivíduos concordaram que os ambientes diferiam muito, alguns chegaram mesmo a afirmar que eram incomparáveis e que seriam mais as disparidades que as similaridades entre ambos. Durante a entrevista os indivíduos foram abordados em relação às festas em que não participavam na atualidade, os clubbers foram abordados acerca das Raves e os ravers foram abordados em relação às festas de música alternativa nos Clubs. Salvo uma exceção, nenhum dos indivíduos mostrou grande desagrado em relação ao outro estilo, mas quando abordados acerca das discotecas foram alguns os casos que repudiaram o ambiente e o estilo de música desses mesmos espaços. É certo que nem todos os admiradores do trance participaram nas festas de minimal e techno, e que nem todos os admiradores do minimal e do techno participaram nas festas de trance. Assim sendo apenas os que participaram nos dois, a certa altura, conhecem ambas as realidades, tornando assim a sua opinião deveras importante e assertiva. Quando abordamos o tema das discotecas podemos partir do princípio que todos os indivíduos já foram clientes destes espaços, por mais ou menos tempo, por diferentes motivos e mesmo sendo contra os seus gostos pessoais, o que tornará a sua opinião definitivamente relevante para as conclusões a retirar desta parte da investigação.

A comparação com as festas de Trance torna-se bastante mais complicada do que a comparação com as festas de música alternativa. Apesar de tudo, nas últimas, ainda existe uma espécie de “dress code” a manter na maioria dos eventos. Os indivíduos têm que manter uma aparência mais “aceite” pela sociedade em geral. Nas

festas de Trance não existe essa necessidade. Na grande maioria dos casos não há seguranças no recinto, apenas alguém a quem pagar a entrada. Depois de entrar o espírito de liberdade toma conta dos indivíduos e quer os consumos quer as atitudes não são de todo supervisionadas por parte da organização.

*“Ui...tudo é diferente...tudo muda! A partir do momento em que as pessoas são completamente diferentes já nem se pode comparar. Os ideais são diferentes, as roupas, as decorações dos espaços... são dois mundos completamente diferentes. Nas festas de Trance é tudo muito mais espiritual, é tudo muito mais liberal!!” (Pilar)*

*“As discotecas são para as massas, não impõe ideais, vivem da imagem e do dinheiro que as casas fazem. Acho que não contribuem em nada para a realização pessoal dos indivíduos que lá vão. Só servem para conhecer miúdas pelos vistos” (Diogo)*

*“... há ainda grandes diferenças entre todos estes ambientes, claro. Na [agressividade] das pessoas, na abertura para conviver com desconhecidos, no espírito ou não de comunidade, na alegria, na música.” (Manuela)*

Apesar de inúmeras diferenças, no caso das festas de música alternativa, existem bastantes semelhanças também. A presença de seguranças por si só torna o ambiente mais controlado, apesar dos consumos serem regulares, na maioria dos espaços são motivo de expulsão da festa. O ambiente controlado pelos seguranças apenas exige um maior cuidado por parte dos consumidores na hora da utilização das drogas. A casa de banho ou os locais mais escuros do local ou “casa”, onde se organiza a festa, são sempre pontos estratégicos a que os seguranças evitam dirigir-se. A presença de porteiro obriga os indivíduos a terem o mínimo de cuidado com a aparência pois a entrada pode ser barrada se o “dress code” não for de todo apropriado.

*“Quem vai para uma discoteca vai para conviver coma as pessoas que lá estão ou para o [engate]. A grande maioria nem se preocupa muito com o DJ que vai passar música, isso nem importa. Hoje em dia, na maioria das discotecas, nem temos DJs a passar som...temos umas caras bonitas na cabine e pronto, cada vez mais, saber passar música é menos importante para esse tipo de espaços.” (João)*

*“...a postura das pessoas...acho que há uma grande diferença. As pessoas não dançam umas com as outras...as pessoas dançam para si próprias, numa festa de*

Electro, Minimal, ou de Techno. Só por aí já há uma diferença...*a interação!*”  
(Patrício)

*“É tudo diferente. Há mais álcool e menos drogas. Há mais mulheres e que se preocupam mais com a imagem. A nível de DJs não têm o mínimo de critérios, basta ter uma cara bonita que já estás a [passar som] na cabine. São casas que vivem da imagem, mas que têm que existir para fazer uma seleção. Eu não sou grande adepto, mas respeito quem gosta como é lógico.”* (António)

*“Os espaços são muito diferentes, as decorações são muito exageradas, na maioria das vezes. Preocupam-se mais em gastar dinheiro em coisas decorativas do que num bom sistema de som.”* (Simão)

## V-Conclusão

Foi objetivo principal deste trabalho analisar a separação entre dois grupos frequentadores do ambiente noturno. A separação entre ravers, ou trancers, e clubbers foi corroborada tendo em conta diferentes tipos de abordagem e diferentes temas relacionados com as frequências ou os consumos de ambas as partes. Os valores e as atitudes dos indivíduos pertencentes a ambos os grupos foram os aspetos nos quais o investigador mais se focou durante o trabalho, no pressuposto de que as diferenças seriam patentes.

Foi abordado, no início da investigação, o tema da contracultura pois seria baseado neste fenómeno o nascimento das primeiras festas de trance e de música alternativa. Partindo do princípio de que a contracultura funcionou como impulsionadora do aparecimento das festas, seria de esperar que ainda estivesse presente nesses mesmos eventos. Na atualidade apenas nas festas de trance se podem descortinar, em maior ou menor grau, características contraculturais bem marcadas. Os que ainda defendem os ideais libertários e pacifistas dos hippies tornam-se a mais moderna fração contracultural dentro do ambiente noturno e das festas abordadas durante o estudo. Esta regra não faz com que não existam, nas festas de techno ou de minimal, por exemplo, indivíduos com valores ou atitudes impregnadas de contracultura, mas afirma-se veemente que estes não fazem da contracultura um estilo de vida e tendem a esconder esses ideais, pois reconhecem isso como um impeditivo para o sucesso na sociedade moderna em que vivemos.

Para se conseguir fazer uma diferenciação adequada entre grupos foi necessário averiguar, antes de tudo, quais as motivações de cada grupo para participar nas festas. Se por um lado os clubbers admitem que a música é o principal atrativo, por outro lado, os trancers colocam a música como atrativo secundário, dando mais ênfase às relações pessoais criadas durante o evento. Tendo em conta apenas estas motivações já se pode traçar um perfil desigual entre indivíduos. O objetivo de criar amizades e trocar conhecimentos já faz com que se confirme a ideia de que o grupo dos trancers, antigos ravers, encarem as festas como algo que transcende o tempo festivo, deixando fluir assim as vivências noturnas para as vivências do dia-a-dia. O nível de influência das festas nas vivências diurnas é muito maior neste grupo do que no grupo dos clubbers. Se

optamos por seguir a teoria dos estilos de vida e setores de estilos de vida de Giddens, chegamos à conclusão que no caso dos frequentadores das novas festas de música alternativa, a separação dos setores de estilos de vida está, sem dúvida, muito mais demarcada do que no caso dos trancers. O ambiente noturno tem um baixo nível de influência nas vivências diárias de cada indivíduo fazendo com que a grande maioria não tenda a seguir os mesmos princípios, ou os mesmos valores, quando não estão em contexto festivo. A ausência de valores ou ideologias semelhantes durante as vivências dos indivíduos possibilita uma melhor inserção de cada um na sociedade. Torna-se quase impossível para a sociedade rotular alguém por frequentar festas de música alternativa tendo em conta que é quase impossível identificar os frequentadores nas suas práticas quotidianas. No caso dos ravers ou trancers, as diferenças estarão sempre presentes, o que possibilitará uma fácil rotulação e respetivos constrangimentos a nível social.

A separação entre as vivências, quer esta seja forte ou fraca, ajuda a perceber o nível de responsabilidade face aos compromissos que cada indivíduo mantém na vida quotidiana. A possibilidade de falhar compromissos, independentemente de serem de ordem profissional, ou familiar, por participar em alguma festa vê-se drasticamente reduzida no caso dos clubbers e atinge níveis preocupantes no caso dos ravers. A forte separação dos setores de estilos de vida acaba por se tornar uma característica abonatória e obrigatória para o sucesso de cada clubber na sociedade em que vivemos.

A nível de consumos, as diferenças entre os grupos abordados são, sem dúvida, adjacentes às opções de vida de cada indivíduo. Se por um lado os adeptos do trance procuram o transcendentalismo e o espiritualismo com o consumo de psico-ativos, por outro lado, os amantes do techno ou do minimal apenas procuram energia ou atingir um nível máximo de fruição durante o tempo festivo. As drogas escolhidas terão apenas como função atingir o objetivo desejado. Entre os ravers, o consumo será feito pelo sentimento de pertença a determinado grupo ou apenas para elevar o estado de espírito a um “outro nível” apenas conseguido pelo consumo de drogas. No caso dos ravers ou trancers a droga de eleição é o LSD e no caso dos clubbers os consumos são repartidos entre o MDMA e a cocaína, drogas que tendem a mostrar mais efeitos a nível corporal do que psicológico. Os consumos por parte dos clubbers também permitem uma rápida recuperação das plenas funções para seguir com as suas vivências diárias o mais rápido possível. O tempo de recuperação pós festa é muito mais reduzido para os consumidores de cocaína ou MDMA. No caso do álcool pode afirmar-se que em nenhum dos grupos

se observa consumos exagerados da substância. O álcool continua a ser a “droga” mais consumida nas discotecas onde a música house ou a música brasileira continuam a marcar presença.

Nota-se por parte de ambos os grupos um certo desprezo ou desconsideração face aos indivíduos apenas frequentadores de bares e discotecas. Se por um lado estes são acusados de falta de princípios e de serem falsos moralistas, por outro são acusados de não ter qualquer tipo de interesse musical e serem apenas assíduos no ambiente com a intenção de “criar laços” com o sexo oposto. Um dos entrevistados, que acabaria por se identificar com a cultura “clubber” fez questão de deixar bem claras as diferenças em relação aos objetivos da participação nas festas, afirmando que nas festas de música alternativa “as pessoas sentem a música para si próprias, não é simplesmente para dançarem com uma rapariga ou conseguir um ‘engate’ ou simplesmente estar ali e interagir com alguém...”. (Patrício) Esta espécie de “aliança” trancer/clubber que sublinha claramente a diferença relativamente aos frequentadores das discotecas torna-se, de certo modo, imprópria, tendo em conta que a grande maioria dos frequentadores das festas de trance ou das festas de techno iniciaram as suas frequências no ambiente noturno frequentando os mesmos bares ou discotecas que agora desdenham.

O clubbing surgiu como uma alternativa aos estilos vigentes da década de 1970 e 1980. A música proveniente de Detroit rapidamente criou adeptos e fez com que os admiradores das raves reduzissem drasticamente. Os indivíduos percebiam, cada vez mais, que a associação que lhes era feita ao ambiente “raver” não lhes era de todo proveitosa. A rotulação era, sem dúvida, o maior problema para os frequentadores destes ambientes. Se na atualidade já não há uma associação imediata entre a frequência de festas de música alternativa e o consumo de certas substâncias, nos primórdios das festas a associação frequência/consumo era um dado adquirido para a população no seu geral.

Com o decorrer do tempo, as festas de trance foram-se tornando mais escassas, as organizações foram sendo criticadas por tentarem fazer desse tipo de festas apenas mais uma maneira de angariar dinheiro. A espiritualidade da “cena” trance começa a perder-se logo a partir do início do evento e, segundo os frequentadores, a festa perde todo o seu encanto quando por parte da organização se desvendam motivos consumistas e capitalistas.

As mudanças observadas no ambiente noturno, no decorrer das últimas décadas, não foram, em grande parte dos casos, positivas. Se por um lado, os indivíduos se viram

obrigados a ter um controlo nas suas vivências noturnas de modo a que estas não influenciassem drasticamente as vivências diurnas, tomando assim uma escolha nas suas frequências, por outro lado, a mística, a espiritualidade ou os ideais PLUR existentes nas primeiras festas foram sendo ultrapassados e apenas uma pequena fração ainda se rege por tais valores. Cada vez mais os indivíduos se vêm obrigados a alterações nos tempos de fruição em função das suas obrigações a nível laboral e profissional. Cabe a cada um descobrir a sua contribuição, com um grande grau de responsabilidade, ao que todos se vêm obrigados na atualidade ou seguindo alguns dos valores dos hippies e tornando o ambiente noturno num ambiente de paz, amor, união e respeito.

## Bibliografia

ABREU, P. (2004), Músicas e movimentos dos contextos, tempos, tempos e geografias da performance musical em Portugal. Revista Crítica de Ciências Sociais. Vol 70, Dezembro, pp. 159-181.

ADELMAN, Miriam (2001), O Reencantamento do Politico: interpretações da contracultura, Revista Sociológica Política No16, Coritiba, June, 2001.

ALVES, João (2011), Movimentos de Contracultura: Uma nova geração política, Tese Mestrado Sociologia, Esp. Desenvolvimento e Políticas Sociais, Universidade do Minho, 2011

ANUNCIACÃO, Talita (2010), “*Raves do século XXI: o Woodstock não é aqui*”, Universidade Estadual de Londrina, 2010.

AZEVEDO, Eunice (1998), O novo “culto underground”- Um estudo Antropológico-social da “cultura” rave em Portugal. Revista ANTROPOLógicas, edição especial, ISCTE, 1998.

BEBIANO, Rui (2003), O Poder da Imaginação: Juventude, rebeldia e resistência nos anos 60, Coimbra, Angelus Novus Editora, 2003.

BOGDAN, R., BIKLEN, S. (1994), Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos, Porto, Porto Editora.

CHIAVERINI, Tomás (2009), Festa Infinita: “O entorpecente mundo das *raves*”, Ediouro, 2009.

CALADO, Vasco (2006), Drogas sintéticas: mundos culturais, música trance e ciberespaço, Edição IDT, n1.

CALADO, Vasco (2007), “Trance psicadélico, drogas sintéticas e paraísos artificiais. Representações: uma análise a partir do ciberespaço”, *Toxicodependencias*, 13, n1.

CARVALHO, M. (2007), *Culturas juvenis e novos usos de drogas em meio festivo*, Campo das Letras Editores, S.A, Porto.

CARVALHO, M. (2007), *Ecstasy: Efeitos biológicos e avaliação da toxicidade*, Faculdade de Ciências da Saúde – UFP, 2007.

CASHMAN, John (1968), *El Fenómeno LSD*, Plaza e Janús Editora.

CAVALCANTE, Tiago Coutinho (2005), *O Êxtase Urbano: Símbolos e performances dos festivais de música eletrónica*, Rio de Janeiro, 2005.

DIAS, Helen (1994), *Como Woodstock aconteceu*. Editora Record, São Paulo, 1994.

FERNANDES, Luís (1998), *O Sítio das Drogas: Etnografia das drogas numa periferia urbana*, Lisboa, Editorial Notícias.

FONTANARI, Ivan Paolo (2003), *Rave à Margem do Guaíba: música e identidade jovem na cena eletrónica de Porto Alegre*, Porto Alegre, PPG Antropologia Social/UFRGS, 2003.

FORASTIERI et al, (dir) (s.d), *Paris, Maio de 68*. Conrad Editora do Brasil.

FRITH S. et al (s.d), *The Cambridge companion to Pop and Rock*, Cambridge University Press, 2005, pp. 95-96

GETZ, D. (1997), Event management and event tourism, Cognizant Communication, Nova Iorque, 2000.

GIDDENS, Anthony, (2008), A Sociologia, Lisboa, F. Calouste Gulbenkian.

GIDDENS, Anthony, (1997), Modernidade e Identidade Pessoal, Oeiras, Celta Editora.

GUERRA, I. C. (2006), Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: sentidos e formas de uso, Cascais, Principia Editora.

HATCH, D. et al. (1987), From Blues to Rock: an Analytical History of Pop Music, Manchester University Press, 1987.

HENRIQUES, Susana, (1999), O Real na Notícia: A droga nos média, Tese de Mestrado, Lisboa, ISCTE.

HENRIQUES, Susana, (2002), Risco Cultivado no Consumo de Novas Drogas, Sociologia, Problemas e Práticas, nº40, 2002, 63-65.

HOBSBAWN, Eric (2002), A Era dos Extremos: história breve do século XX: 1914-1991, Lisboa, Editorial Presença.

HOFMAN, Albert (1981), LSD, my problema child, Versão online. <http://lycaenum.org/books/books/my-problem-child/>

JANISKEE, R. (1980), South Carolina's Harvest Festivals: rural delights for day tripping urbanities, Journal of Cultural Geography, Vol 1, (Fall/Winter), pp. 96-104.

LEVI-STRAUSS, C. (1978), Mito e Significado, Lisboa, Edições 70.

LIMA, Marcelo (2011), Consumo de Estupefacientes em Ambiente Noturno: o ecstasy, Relatório de Seminário de Investigação, Licenciatura em Sociologia, Universidade do Minho, 2011.

LOPES et al (2008), Género e Música Eletrónica de Dança. Experiências, percursos e “retratos” de mulheres clubbers, Sociologia, Problemas e práticas, n62, pp.35-56, 2010.

MACIEL, B. (2011), Festivais de Música e Turismo. Dois Estudos de Caso: Les Aralunaires e Milhões de Festa. Tese Mestrado em Turismo. FLUP, 2011.

MAFFESOLI, Michel (2006), O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.

MARCUSE, Hebert (1973), A Ideologia da Sociedade Industrial: o homem unidimensional, Rio de Janeiro, Zahar Editores.

MARIUZZO, P. (2009), Woodstock: 40 anos do festival que marcou a música e as gerações, Revista Científica Cultural. Vol61 no4, São Paulo, 2009.

MARQUES, J. (1996), Estilos e relações interpessoais na adolescência, Revista Psico, 27 (1), 23-27.

MELO, R. (2004), “A Cidade como Cenário de Prevenção. A Cidade de Cada Um- convite para um passeio por lugares e não lugares”, Toxicodependências, 10.

MELO, R. (2007), “Banalização no Consumo de Ecstasy- consequências para uma abordagem preventiva”, Toxicodependências, 13 (1), 29-42.

MITJAVILA, M. et al (2004), Globalização, modernidade e individualização social. *Katálysis*, V.7, n1 (Jan/Jun), 2004, Florianópolis SC, 69-79.

MORAIS, R. (1999), Análise de conteúdo, *Revista Educação*, Porto Alegre, 22 (37), 7-32.

OLIVEIRA et al (2003), Tribos Urbanas como Contexto de Desenvolvimento de Adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças, *Temas da Psicologia da SBP-2003*, Vol.11, no1, 61-75, 2003.

PARDAL, Luís António, CORREIA, Eugénia, (1995), *Métodos e Técnicas de Investigação Social*, Porto, Areal Editores.

PEREIRA, Carlos Alberto Messenger (1983), *O que é a contracultura*, Coleção Primeiros Passos, São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.

QUIVY, Raymond, L.V, Campenhoudt, (2005), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva: Publicações Lda, 4ª Edição, Lisboa.

SARMENTO, J. (2007), *Festivais de Música de Verão: artes performativas, turismo e território*, Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento da Universidade do Minho, 2007.

SHULGIN, Alexander et al. (1992), *PHIKAL: a chemical love story*, (1992).

SILVA SANTOS, Gisele (2005), *Movimentos Contraculturais: mitos de uma revolta, poetas de uma revolução*, *Periódico Acrópolis*, n1, v.3, Paraná, Jan/Mar, 2005.

SOUSA, Diogo Araújo et al (2012), *Relacionamentos de amizade íntima entre jovens adultos*, *Paidéia (Ribeirão Preto)*, Vol. 22, no. 53, Ribeirão Preto, (Set/Dec), 2012.

STEPHENS, Julie (1998), *Anti-disciplinary Protest: sixties radicalism and postmodernism*, Cambridge, Cambridge University Press, 1998.

SUMARES, A. (2009), *Vilar de Mouros- o Woodstock português*, in [www.rtp.pt/rádios/Woodstock](http://www.rtp.pt/rádios/Woodstock) , acess. 02/02/2013

WARNER T., (2003), *Pop Music, Technology and Creativity: Trevor horn and the digital revolution*, Ashgate, 2003, pp. 3-4

XIBERRAS, Martine, (1996), *A Sociedade Intoxicada*, Lisboa, Instituto Piaget.

VALENTE, Ana Margarida Frazão (2004), *Viagem ao Mundo do Ecstasy*, Covilhã, 2004.

VARGAS, José (2002), *Sociologia*, Porto Editora, 2002, pp.119-120.

ZAMITH, F. (2002), *Vilar de Mouros: 35 anos de festivais*, Edições Afrontamento, 2003.

Sites consultados

<http://www.facilitaja.com.br/sociedade/sociologia/estudo/a-origem-da-motivacao-humana-43891.html> acess. 02/05/2013

[http://artigos.netsaber.com.br/resumo\\_artigo\\_16729/artigo\\_sobre\\_teorias\\_da\\_motiva%C3%87%C3%83o](http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_16729/artigo_sobre_teorias_da_motiva%C3%87%C3%83o) acess. 02/05/2013

<http://cadernosociologia.blogspot.pt/2012/01/o-grupo-de-pares.html> acess. 13/05/2013

<http://sociologiadasemocoas.blogspot.pt/p/filmes.html> acess. 02/05/2013

<http://www.youtube.com>

<http://www.wikipedia.com>

Vilar de Mouros:

<http://www.youtube.com/watch?v=JrXB84e6uXU&feature=share> acess. 15/12/2012

<http://vilardemouros-sempre.blogspot.pt/2012/07/festival-82-30-anos-passados.html> acess. 15/12/2012

<http://www.vantagenscaixa.pt/gca/micropaginas/gentes-lugares/vilar-de-mouros-o-woodstock-a-portuguesa-faz-40-anos> acess. 15/12/2012

<http://makephpbb.com/phpbb/viewtopic.php?t=49&sid=9eba95d2b1685a107f33573b6d9515ac&mforum=vilardemouros> acess. 15/12/2012

<http://www.rtp.pt/radios/online/woodstock/?k=Vilar-de-Mouros---O-Woodstock-portugues.rtp&post=129> por Sumares A. acess. 16/12/2013

Raves:

<http://lazer.hsw.uol.com.br/musica-eletronica3.htm> acess. 22/12/2012

<http://www.ufrgs.br/comunicacaosocial/jornaldauniversidade/118/pagina11.htm> acess. 21/12/2012

<http://www.psynation.com/historia-das-raves/> acess. 21/12/2012

Woodstock:

[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252009000400021](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252009000400021) acess. 12/01/2013

<http://forum.outerspace.terra.com.br/index.php?threads/hist%C3%B3ria-do-movimento-hippie-vale-a-pena-conhecer.39237/> acess. 12/01/2013

<http://www.recordonline.com/apps/pbcs.dll/article?AID=/20090810/ENTERTAIN/908109968> acess. 12/01/2013

<http://escoladorock.wordpress.com/2007/10/02/toda-historia-de-woodstock-69/> acess. 13/01/2013

Tribos Urbanas:

<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/107/10706012.pdf> acess. 16/03/2013

[http://www.sbponline.org.br/revista2/vol11n1/art06\\_t.pdf](http://www.sbponline.org.br/revista2/vol11n1/art06_t.pdf) acess. 16/03/2013

<http://sinapsemrede.wordpress.com/tribos-urbanas/> acess. 16/03/2013

Estilos Musicais:

<http://blitz.sapo.pt/a-evolucao-da-musica-ao-longo-dos-anos=f52948> acess. 15/02/2013

<http://whiplash.net/materias/biografias/169006.html> acess. 15/02/2013

<http://www.jocumdf.com/a-historia-do-movimento-punk-no-mundo-e-no-brasil/> acess. 16/02/2013

<http://drumnation-bh.blogspot.pt/2010/05/historia-do-drum-n-bass.html> acess. 17/02/2013

<http://www.dj-alien.com/index-1.html> acess. 20/02/2013

<http://clubrock.com.br/news/historiadorock.htm> acess. 25/02/2013

<http://www.oocities.org/hollywood/location/9137/disco.htm> acess. 26/02/2013

<http://palcoprincipal.sapo.pt/grupo/psicadelismo-e-rock-espacial> acess. 10/02/2013

<http://www.arge.pt/marcosilva/trance/?cat=cultura> acess. 20/02/2013

<http://www.guiadasemana.com.br/shows/noticia/a-historia-do-pop> acess. 09/02/2013

Contracultura:

<http://www.infoescola.com/cultura/contracultura/> acess. 03/11/2012

<http://jornalsociologico.blogspot.pt/2009/05/contracultura-o-que-e-como-se-faz.html> acess. 03/11/2013

# **Anexos**

# Anexo 1: Guião da Entrevista

## Dados Sociodemográficos do inquirido:

- 1) Nome
- 2) Idade
- 3) Estado Civil
- 4) Habilitações literárias
- 5) Naturalidade

## Caraterização das frequências do indivíduo:

- 6) Quais os primeiros contactos que manteve com o ambiente noturno? Como tudo começou?
- 7) Na atualidade, frequenta festas de música alternativa?
- 8) O que motivava/motiva a frequência desse tipo de festas?
- 9) Qual o tipo de festas que frequenta mais vezes?
  - Qual a maior diferença entre o tipo de festas que frequenta?
- 10) Costuma frequentar as festas sozinho ou em grupo?
  - O grupo de amigos com quem frequenta as festas é o mesmo grupo com quem interage nas vivências diárias?

### **O indivíduo e o ambiente festivo:**

11) Como se sente quando participa no ambiente festivo deste tipo de espaços?

12) Acha que os indivíduos presentes nas festas se sentem preocupados com o que os demais pensam dos seus comportamentos? (consumos, atitudes, etc)

13) Acha que existe alguma espécie de diferenciação, dentro do ambiente festivo, entre grupos sociais, entre ricos e pobres por ex?

14) O que tem a dizer acerca da diferenciação sexual?

- Em termos de frequência
- Consumos
- Comportamentos.

15) Acha que na atualidade ainda existe uma forte rotulação dos indivíduos que participam nas festas de música alternativa?

-Se acha que há rotulação, acha que está estritamente ligada aos fortes consumos de estupefacientes por parte dos indivíduos que participam nesse tipo de festas?

### **Consumos do indivíduo:**

15) Alguma vez consumiu estupefacientes aquando da participação nas festas?

- O consumo começou nesse ambiente?
- Porque consumir?
- Porque não consumir?

16) Quais as drogas que costuma consumir?

17) Procura algum efeito especial nas drogas que consome? Acha que mantem consumos seletivos?

18) Acha que os consumos são motivados pelo tipo de música presente nas festas? Acha que dependendo do tipo de música e de festa existem estupefacientes e psicoativos mais ou menos apropriados?

19) Acha que o consumo de estupefacientes neste tipo de ambientes está diretamente relacionado com o grupo de amigos?

20) Acha que o consumo de psicoativos é necessário para aproveitar a festa ao máximo?

### **Vivências do indivíduo:**

21) Acha que a frequência de festas de música alternativa influenciou as suas vivências diárias?

-Comportamentos

-Ideais

-Normalização das drogas

-Discurso diário com as pessoas que não frequentam esse tipo de festas

22) Já chegou ao ponto de prejudicar de alguma forma a sua vida por ter participado em alguma festa quando não podia/devia participar?

-Falhar compromissos

-Trabalho

-Família

### **De ravers a clubbers**

23) Concorda com a distinção feita entre ravers e clubbers para uma melhor percepção acerca dos comportamentos dos indivíduos no ambiente noturno?

24) Alguma vez se interrogou sobre a sua “posição” dentro do ambiente noturno?

*-Se se identifica com a cultura “raver”*

*-Se se identifica com a cultura “clubber”*

25) Acha que os ambientes diferem muito entre estes tipos de festas e o ambiente das discotecas em que a música “house” é a mais ouvida?

*-Quais são as maiores diferenças na sua opinião?*

## Anexo 2: Grelha de Análise das Entrevistas

### **Categorias de Análise**

### **Subcategorias de análise**

#### **Frequências de Festas em Ambiente Noturno**

- Primeiros contactos com o ambiente noturno
- A frequência das festas
- As motivações

#### **O Ambiente Festivo**

- Emoções e hábitos
- As preocupações com a imagem
- Diferenciação de classe social
- Diferenciação sexual
- A rotulação social

#### **O Grupo de Pares**

- Diferenciação de pares
- Relação entre pares e consumos de estupefacientes

#### **As Vivências do Indivíduo**

- Influências da participação nas festas nas vivências diárias do indivíduo.
- A responsabilidade face aos compromissos diários

#### **Os Consumos do Indivíduo**

- A iniciação
- Tipos de consumos
- O efeito desejado
- A necessidade de consumir

#### **Ravers e Clubbers**

- Opinião acerca da diferenciação dos grupos
- A identificação grupal do indivíduo

#### **A Música nas Festas**

- As escolhas do indivíduo
- Diferenciação e opinião em relação às discotecas